



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Escola Superior de Desenho Industrial

André da Silva Rosster e Davi Macedo Mekler

Ajude-me a sair da casa da sogra. Um diálogo com as ruas da cidade.

Rio de Janeiro

2022

André Rosster

Davi Mekler

André da Silva Rosster e Davi Macedo Mekler

Ajude-me a sair da casa da sogra. Um diálogo com as ruas da cidade.

Trabalho de conclusão de curso desenvolvido para o curso de Design, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel, pela Escola Superior de Desenho Industrial, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Zoy Anastassakis

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Às nossas famílias pela presença e ajuda.

Aos nossos amigos por todas as trocas.

À Zoy pelos nossos encontros e pelas orientações.

À rua pelos caminhos que nos apresentou.

RESUMO

Este projeto se propõe a pesquisar as diferentes linguagens de intervenções gráficas gravadas nos espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro, e a rua como espaço para tais inscrições. O que queremos com essa pesquisa é fazer uma leitura desses mecanismos de expressão/comunicação que consistem em usar a rua como veículo de comunicação através da gravação de elementos gráficos nas diferentes superfícies da cidade.

O projeto é uma tentativa de estabelecer um diálogo com a rua e com a cidade através desses mecanismos de comunicação tão recorrentes no Rio de Janeiro. É uma espécie de exercício de observação e leitura da cidade através dos elementos gráficos presentes nas ruas. Um exercício de tentar perceber como a cidade comunica coisas através das várias camadas de intervenções que se misturam e se sobrepõem nas diferentes superfícies do espaço urbano.

Ao olhar para essa grande variedade de gravações nas ruas do Rio de Janeiro percebemos como elas interferem diretamente na existência e funcionamento dos espaços e nas relações que se criam a partir desses espaços. Desejamos perceber as potencialidades e as características e peculiaridades desses mecanismos decorrentes do fato de se utilizar a rua como veículo para gravar ou transmitir alguma coisa.

Durante a pesquisa olhamos para a cidade através de alguns processos que ocorreram simultaneamente e se retroalimentaram. São eles: Assistir filmes e capturar *frames*; realizar trajetos aleatórios no *Google Street View* e tirar *prints*; Realizar trajetos pela cidade, observar e documentar com fotos; Realizar um conjunto de intervenções gráficas no centro da cidade e registrar essas intervenções com o passar do tempo.

Como produto final, produzimos uma peça gráfica. Uma espécie de caderno de observações ou "diário visual" de pesquisa, onde reunimos e criamos relações entre as imagens e materiais que coletamos e produzimos ao longo da pesquisa.

Palavra- chave: Rua; Códigos gráficos; Mecanismos de comunicação; Intervenção urbana

Sumário

1. Introdução

1.1. Apresentação da pesquisa.....	7
1.2. As diferentes linguagens de intervenções gráficas nas ruas do Rio de Janeiro e a utilização do espaço urbano.....	13
1.3. Como chegamos na pesquisa.....	20

2. Questão central.....	21
-------------------------	----

3. Objetivos.....	21
-------------------	----

4. Justificativa.....	22
-----------------------	----

5. Documentação do processo

5.1. Processo de desenvolvimento do projeto	25
5.2. Questões levantadas.....	28
5.3. Como surgiram as questões - Documentação da pesquisa.....	34

6. Resultados.....	91
--------------------	----

6.1. Os diferentes resultados.....	94
6.1.1. Registros fotográficos.....	94
6.1.2. Materiais coletados.....	100
6.1.3. Intervenções gráficas realizadas.....	102
6.1.4. Rua como coautora do projeto. As diferentes ações da cidade.....	151
6.1.5. Peça Gráfica - Lambes + Cadernos.....	164

6.1.6. Relação estabelecida com a rua, com o centro da cidade e com os códigos gráficos presentes no espaço urbano.....	172
7. Considerações Finais.....	174
8. Bibliografia e filmografia.....	177

1. Introdução

1.1. Apresentação da pesquisa

Ao andar pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro é possível perceber como seus espaços e superfícies são tomados por uma enorme variedade de códigos gráficos de diferentes naturezas. Letreiros, outdoors, lambe-lambes, placas de sinalização, pixações e grafites são alguns exemplos dos diferentes tipos de inscrições que ocupam as ruas da cidade. Por ser um fenômeno muito recorrente, que está presente em todo canto, muitas vezes esses códigos visuais acabam se misturando com as superfícies e passando despercebidas pela maior parte das pessoas que circulam pelas vias públicas.



Muro e porta repletos de inscrições gráficas sobrepostas. Rua Luís de Camões, Centro.



Pixações na Rua da Carioca, Centro.



Outdoor na estrada do Rio Grande, Taquara. “Anuncie aqui!”



Anúncio de serviço pintado em portão na Rua Vitor.



Placa de sinalização. “Cuidado crianças”. Rua Timboáçu, Jacarepaguá.

Este projeto propõe observar, pensar e contar sobre as várias formas de expressões gravadas no espaço urbano e sobre a rua como espaço para tais inscrições. O que queremos com essa pesquisa é fazer uma leitura desses mecanismos de expressão/comunicação que consistem em usar a rua como veículo de comunicação através da gravação de elementos gráficos nas diferentes superfícies da cidade. Desejamos perceber as potencialidades e as características e peculiaridades desses mecanismos decorrentes do fato de se utilizar a rua como veículo para gravar ou transmitir alguma coisa.

Pensamos o projeto como um diálogo com a cidade. Uma tentativa de estabelecer correspondências com a rua através desses mecanismos de comunicação tão recorrentes no Rio de Janeiro. Uma espécie de exercício de leitura e escuta da cidade através dos elementos gráficos presentes no espaço urbano. É uma tentativa de entender como é possível usar a cidade para dizer coisas e ao mesmo tempo perceber como a cidade se comunica através deste jogo comunicacional urbano. Uma tentativa de perceber como essas inscrições modificam concretamente os espaços e a forma como as pessoas se relacionam com a cidade, e de perceber como a cidade vai misturando, modificando e sobrepondo as diferentes inscrições, gerando diversos ruídos e distorções.

Esse diálogo que construímos com a cidade aconteceu em algumas etapas que funcionaram quase como perguntas e respostas. Uma etapa levava a outra. Cada uma servia ao mesmo tempo como um fim e como um ponto de partida, como uma provocação para a etapa seguinte. De maneira bem ampla e superficial classificamos as diferentes etapas da seguinte maneira: Recolher; Digerir; Provocar; Deixar a rua digerir; Contar. Apesar de distintas, as etapas se misturaram ao longo do processo, não ocorreram de maneira tão linear. É importante falar, também, que ao longo de todas essas etapas produzimos diferentes tipos de registros fotográficos e recolhemos diferentes materiais.

Na primeira etapa desse diálogo buscamos encontrar maneiras de começarmos a olhar e “ouvir” a cidade. Tentamos pensar em alguns modos possíveis para começarmos a olhar para a rua e para os códigos gráficos gravados no espaço urbano. Decidimos então começar essa observação/leitura/escuta a partir de algumas perspectivas diferentes: Realizamos trajetos aleatórios pela cidade do Rio utilizando o *Google Street View* e tiramos *prints* ao longo dos trajetos. Assistimos alguns filmes e

capturamos *frames*. Realizamos trajetos a pé pela cidade, produzimos registros e recolhemos alguns materiais como panfletos.

Com um banco de imagens e materiais já bem grande, começamos a “digerir” tudo isso que a rua havia nos “falado”. Passamos, então, a pensar em como poderíamos responder a essas “provocações” para começarmos a nos corresponder com a cidade de maneira mais concreta. Transformamos as imagens e materiais que havíamos produzido e coletado a partir desse diferentes processos listados acima em uma série de intervenções gráficas que gravamos no centro da cidade.

Pensávamos na realização dessas intervenções como mais uma maneira de observar/ouvir a cidade. Uma perspectiva que nos permitiria perceber questões intrínsecas à prática de gravação desses códigos gráficos no espaço urbano. Além disso, nossa principal intenção ao realizar essas intervenções, era começar a estabelecer uma relação mais íntima e concreta com a rua. As inscrições eram uma maneira de responder ao que havíamos recolhido e de provocarmos a cidade para que ela nos respondesse.

Porém, ao realizarmos essas inscrições pela cidade, nossa atenção não estava voltada exatamente para o conteúdo de cada intervenção. Nossa maior preocupação era gravar uma quantidade grande de coisas pelas ruas e ficar vendo o que aconteceria. Queríamos observar o que essas inscrições fariam com os espaços e perceber o que a cidade faz com os códigos gráficos gravados em suas superfícies.

Por isso decidimos deixar as intervenções na rua e acompanhá-las e registrá-las com o passar do tempo. Queríamos ver como a cidade iria digerir e responder a essas inscrições, como elas iam se modificar e assumir diferentes formas ao longo dos dias. Estávamos tão interessados no trabalho da rua quanto no nosso.

Depois de todas as etapas dessa conversa que tivemos com a cidade, resolvemos desenvolver uma peça gráfica. Um material que nos permitisse reunir e relacionar tudo que percebemos, coletamos e produzimos durante os diferentes processos desse diálogo. Um material que nos permitisse contar sobre tudo que queríamos apenas com imagens. Contar através da produção de sequências de imagens constituídas por diferentes relações que enxergamos entre os vários registros e materiais. Uma espécie de “diário visual” dessa conversa, dessa relação que construímos com a cidade.

Apesar de ter como produto final uma peça gráfica, é importante deixar claro que esse não é um projeto gráfico ou um projeto editorial. Tampouco é um projeto sobre a produção e execução de intervenções urbanas. Também não é um estudo sobre nenhuma técnica ou linguagem específica de intervenções gráficas, nem uma tentativa de classificar ou estabelecer divisões entre as inscrições de diferentes naturezas que encontramos nos espaços públicos.

É um projeto sobre nós como observadores, ouvintes e interlocutores da rua. Uma tentativa de estabelecer uma relação íntima com a cidade, de perceber a cidade de dentro dela mesma. Um projeto sobre inventar táticas para conseguirmos estabelecer correspondências com a rua, para conseguirmos responder e ser respondidos, provocar e ser provocados. Sobre inventar maneiras de olhar para esse “jogo comunicacional urbano” para conseguirmos ler e ouvir a cidade. Uma espécie de alfabetização na linguagem gráfica urbana para podermos nos colocar dentro “diálogo” constante e infinito que ocupa as diferentes superfícies da cidade.

Nessa prática de escuta e leitura das ruas não estamos preocupados apenas com a função ou intenção original das inscrições. Estamos atentos a quando as funções se confundem. Estamos atentos a quando as linguagens se perdem, se misturam, se embaralham e se subvertem. Estamos interessados em olhar e perceber a rua como um organismo vivo, como um ambiente em constante transformação. Queremos olhar para esses movimentos constantes da rua, para esses diálogos infinitos que preenchem as superfícies da cidade. Queremos observar essas “conversas” que a todo instante trazem novas provocações, criam novos sentidos e levam a novos lugares. Queremos, com esse projeto, perceber os ruídos, distorções, sobreposições e multiplicidades que a cidade produz. Perceber os acasos de comunicação e os acasos visuais que a rua gera.



Diálogo anônimo em muro de condomínio. Jacarepaguá.



Sobreposições, ruídos e acasos gerados pela cidade.

1.2. As diferentes linguagens de intervenções gráficas nas ruas do Rio de Janeiro e a utilização do espaço urbano.

Como quase toda grande cidade, o Rio de Janeiro e suas diferentes regiões têm seus espaços repletos de expressões e elementos visuais de caráter muito distintos. Muros, portões, janelas, postes, viadutos, fachadas de casas, de estabelecimentos comerciais, empenas de prédios, portas de trem, assentos de ônibus e até mesmo o chão, são algumas das superfícies da cidade que são preenchidas por inúmeras camadas de expressões que se acumulam, se misturam e se sobrepõem.



1. Pixações gravadas em outdoor vazio. 2. Pixação em portão.



1. Placa com anúncio de serviço de dedetização pendurada em poste. 2. Pintura no chão da calçada.



1. Pixação gravada em placa de sinalização de trânsito. 2. Pixações em viaduto.

Quando presentes no espaço urbano, essas expressões deixam de existir de maneira isolada, em sua forma original, e sua existência passa a sofrer influência direta do espaço e das várias camadas de informações que estão ao seu redor. Mesmo assim, é possível identificar e estabelecer diferentes tipos de separações e classificações entre as intervenções gráficas gravadas nas ruas. Uma primeira possibilidade de classificação poderia ser: intervenções que adicionam camadas físicas e palpáveis, intervenções que adicionam camadas não palpáveis e intervenções que subtraem matéria ou que apagam camadas anteriores.

Outra possível classificação seria a partir das técnicas/linguagens. Grafites, pixos, lambe-lambes, stencil, letreiros, *outdoors*, faixas, placas de sinalização, sinalizações manuscritas, projeções, panfletos, santinhos políticos, são alguns exemplos das linguagens presentes nas ruas da cidade. Poderíamos também separá-las a partir das ferramentas utilizadas. *Spray* de tinta, rolinho, borrifador, papel, cola, caneta, caneta corretiva, giz de cera, pedrinhas, escova broxa, são algumas das ferramentas usadas para a gravação dessas diferentes expressões. Por fim, também é possível estabelecer uma separação entre códigos gráficos gravados pela população civil e aqueles gravados pelo Estado e seus representantes, como as sinalizações de trânsito ou as demarcações de áreas militares.



1. Stencil “Carta branca pra matar preto?” 2. Lambe-lambe



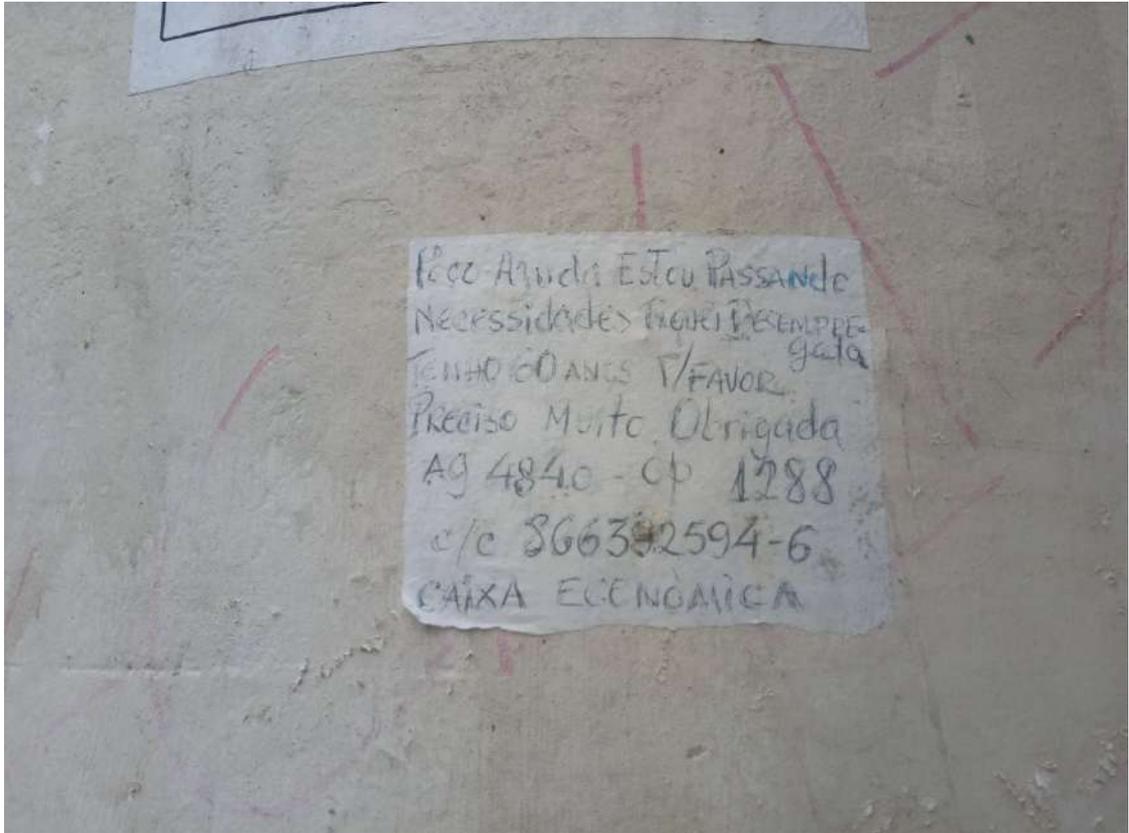
1. Pixações em muro 2. Grafite feito com rolinho de tinta. Av. Salvador Allende



1. Adesivo “Fora Bolsonaro, Lula presidente.” 2. “Água 20 lts 7,90.”

Olhando para essa grande pluralidade de técnicas, linguagens, ferramentas e superfícies, nota-se como as pessoas utilizam e tiram proveito dos espaços da cidade a serviço de coisas muito distintas. Tem quem se utilize da rua para oferecer serviços, para protestar, para reivindicações políticas e sociais, manifestações religiosas, para sinalizações de trânsito, para desenhar, para mandar um recado, para gravar seu nome, para demarcar um território, para pedir algum tipo de ajuda, para divulgar uma marca ou um produto, para vender um imóvel e um monte de outras coisas. Nota-se também como essas expressões podem ir de um âmbito muito amplo e genérico,

como em *outdoors* com propagandas de grandes marcas, até um âmbito muito íntimo e peculiar, como em um pedido de ajuda gravado com canetinha sobre um pequeno pedaço de papel colado em alguma parede do centro da cidade.



“Peço ajuda. Estou passando necessidades, fiquei desempregada, tenho 60 anos. Por favor, preciso muito. Obrigada.” Centro, Rio de Janeiro.



1. Faixa de protesto dos camelôs do Centro da cidade. 2. Demarcação de área militar.



1. “Placa pintada a mão. “Não estacione. Chegada e saída de veículos.” 2. “Vendo/alugo”



1. Homenagem gravada com *spray* de tinta “Saudade do meu paizão seu Ricardo” 2. “Borracharia”



1. Lambe-lambe no Centro do Rio. 2. Pintura gravada em muro no Centro do Rio.

A cidade, porém, não se relaciona da mesma maneira com cada uma dessas intervenções. Tanto a população quanto o Estado e seus representantes reagem de formas muito distintas dependendo de quem está gravando, de onde se está gravando e do que está sendo gravado. Uma pixação não é vista da mesma maneira que um grafite, que, por sua vez, não é visto da mesma maneira que um lambe-lambe. Uma pixação gravada na Zona Sul pode não ser encarada da mesma forma que uma pixação gravada em algum subúrbio da cidade. Uma pessoa que utiliza a rua para divulgar seus serviços pode não aceitar que alguém utilize a rua para gravar um nome ou um desenho. Com isso pode-se levantar algumas questões. Quem pode gravar e quem não pode? O que pode ser gravado e o que não pode?

Em que circunstâncias pode-se gravar alguma coisa? Onde se pode gravar e onde não se pode? Como a presença e a atuação do poder público influencia no volume e no caráter das expressões? Como as expressões variam de acordo com o local? Como diferentes locais geram diferentes expressões?

Observando as intervenções gráficas presentes nos espaços urbanos de diferentes cidades ou até mesmo em diferentes regiões de uma mesma cidade, é possível perceber como existem expressões exclusivas de determinadas localidades. A pixação do Rio de Janeiro é diferente da pixação de São Paulo, que é diferente da pixação de Belo Horizonte. Elas não poderiam existir em outro local. Suas formas e características são uma consequência direta dos espaços, seja pelas características arquitetônicas da região, seja pela legislação, pelo contexto sociocultural, etc.



1 e 2. Pixações cariocas



1 e 2. Pixações paulistas

Além de serem um resultado, um produto de cada localidade, as intervenções urbanas funcionam como retratos dos espaços. Pensando no espaço urbano como um jogo, podemos entender as intervenções gráficas como pistas desse jogo. Através delas, conseguimos perceber e entender muito sobre cada local, cada contexto e

cada situação. Conseguimos constatar a ausência do poder público em algum lugar quando vemos que as sinalizações são feitas manualmente pela população. Conseguimos perceber que um local é controlado por uma determinada facção criminosa quando vemos suas siglas gravadas nas paredes. Conseguimos perceber que houve uma manifestação política quando vemos o chão repleto de santinhos.

Além de atuarem como pistas, também é possível pensar nessas diferentes expressões como as regras do jogo. Elas são fatores determinantes para o funcionamento do espaço urbano. Têm a capacidade concreta de transformar os espaços e as experiências e relações que surgem a partir deles. Um aviso de "Não estacione", uma sinalização de trânsito, uma sigla de determinado grupo, uma propaganda de algum serviço; tudo isso interfere nos espaços, e, muitas vezes, determina como as pessoas vão se relacionar com ele. Por conta dessa capacidade, percebemos como as intervenções urbanas não são apenas uma forma alternativa de utilização dos espaços de uma cidade, mas também um meio através do qual pode-se construir novas possibilidades de espaço urbano e novas possibilidades de cidade.



1. Aviso de "Não estacione" pintado em portão. 2. Sigla de facção criminosa gravada em muro. "CV RL"



1. "Cão Feroz. Favor não jogar bola nesse local..." 2. "Área Militar Acesso Restrito"

1.3. Como chegamos na pesquisa

Pelo fato de nos interessarmos por elementos da cultura urbana desde a infância, sempre gostamos de estar na rua e observá-la. Quando entramos na ESDI e passamos a estudar no centro da cidade do Rio de Janeiro, começamos a observar cada vez mais as diferentes formas de linguagem gravadas nos espaços da cidade, e passamos a conversar sobre nossas percepções a respeito dessas gravações e sobre as diferentes maneiras com que elas se relacionam com o lugar onde estão inseridas e com as pessoas que ocupam esses lugares.

Passamos a perceber como o espaço urbano funciona como uma espécie de jogo, em que uma série de elementos, que muitas vezes não são percebidos e às vezes não são nem visíveis, funcionam como pistas e como regras ou fatores determinantes desse jogo. Percebemos, também, que essas inscrições pelas quais nos interessávamos, em muitas situações exerciam essas funções de pistas ou regras do jogo. Esse mecanismo de funcionamento da cidade é algo que sempre nos intrigou, sendo tema corriqueiro em nossos trabalhos.

Com a chegada da pandemia e a necessidade de ficarmos em casa, nos afastamos de muitas coisas que gostávamos e vivenciávamos no dia a dia. Antes de sabermos o que faríamos como projeto e antes de pensarmos em nos juntar para essa pesquisa, conversamos e vimos que tínhamos algumas vontades e interesses em comum. Chegamos a conclusão que o TCC poderia ser uma boa oportunidade para que a gente pudesse voltar a entrar em contato com todas essas coisas pelas quais nos interessávamos e de que a pandemia tinha nos afastado.

Tínhamos vontade de investigar formas de utilização e produção do espaço urbano, de olhar para algumas práticas características da cidade do Rio, tínhamos interesses por elementos da cultura urbana como o *skate*, a *pixação* e o *funk*, além do interesse por processos gráficos de impressão e gravação. Devido a esses interesses em comum decidimos nos unir para esse projeto e pesquisar as diferentes linguagens de inscrições gravadas nas ruas do Rio de Janeiro e a rua como espaço para tais inscrições. A princípio, pensávamos em pesquisar intervenções urbanas como o *pixo* e o *grafite*, porém, um pouco mais adiante, começamos a querer olhar para qualquer

tipo de código gráfico presente na rua. Passamos a observar do pixo às sinalizações de trânsito, do grafite aos panfletos, dos outdoors aos letreiros, etc.

2. Questão Central

O que norteou este projeto ao longo de todo seu caminho foi a intenção de realizar uma espécie de exercício de observação e leitura da cidade através dos códigos gráficos presentes nas ruas. Uma tentativa de dialogar com a cidade através desses mecanismos de comunicação. Um exercício de pensar a cidade como um organismo vivo e tentar perceber como ela comunica coisas através das várias camadas de intervenções que se acumulam e se misturam nas diferentes superfícies do espaço urbano. Tentar perceber o que a cidade faz com as letras, imagens e informações que vão sendo sobrepostas no espaço da rua. Uma tentativa de investigar os modos como a cidade - o poder público, a população, as condições climáticas, o passar do tempo - atua sobre as intervenções urbanas e os diferentes modos como essas inscrições transformam e constroem, efetivamente, os espaços e funcionamentos da cidade.

3. Objetivos

Este projeto possui seis objetivos principais. São eles:

- 1) Observar a partir de diferentes perspectivas as várias camadas de inscrições gravadas na cidade do Rio de Janeiro e aguçar nossa capacidade de leitura dos códigos gráficos presentes nas ruas;
- 2) Investigar os modos como a cidade - o poder público, a população, as condições climáticas, o passar do tempo - atua sobre as intervenções urbanas e os diferentes

modos como essas inscrições transformam e constroem, efetivamente, os espaços e funcionamentos da cidade;

3) Recolher materiais e produzir registros a partir desses diferentes processos de observação e escuta da rua;

4) Responder ao que observamos e recolhemos, estabelecendo um diálogo concreto com a cidade através da realização de intervenções gráficas no centro da cidade;

5) Incorporar ao trabalho a ação da rua sobre as intervenções realizadas, tornando a cidade coautora do projeto;

6) Desenvolver uma peça gráfica para materializar e dar forma a investigação realizada. Contar sobre o que observamos e percebemos durante a pesquisa através de um material impresso composto por sequências de imagens que estabelecem relações entre os registros produzidos a partir das diferentes maneiras que olhamos para o espaço urbano.

4. Justificativa

Em um primeiro momento, não tínhamos muita clareza quanto à relevância dessa pesquisa. Apostávamos que ao longo do processo isso iria se esclarecer. Nesse momento inicial, a pesquisa era relevante para nós pelo fato de termos um interesse mútuo pelo assunto, e acharmos que o TCC seria um bom momento para explorá-lo.

Primeiramente, podemos pensar na relevância dessa pesquisa a partir das maneiras como ela reverberou em nós enquanto alunos de design. Esse projeto foi importante para começarmos a entender o design enquanto processo. Para começarmos a entender como é possível desenvolver uma pesquisa que se permita escapar um pouco de uma certa lógica projetual. Que seja mais fruto do trajeto do que de um projeto. Que seu caminho e seus processos surjam do próprio caminho e das relações que vão sendo estabelecidas. Que se deixe surpreender e se transformar ao

longo do trajeto. Que estabeleça uma relação íntima com o objeto de pesquisa, uma relação que depende da presença, do corpo e do fazer.

Para além do impacto que a pesquisa teve sobre nós, percebemos, ao longo do processo, como poderia ser importante estabelecer pontes entre as intervenções urbanas e o campo do design. Pensamos ser necessário, nós, como alunos de design, voltarmos o olhar para essas inscrições gravadas nas ruas, que de tão presentes e corriqueiras, podem acabar passando despercebidas. Acreditamos ser relevante aprendermos a identificar as diferentes maneiras como a cidade se comunica. Aprendermos a ler o que a cidade nos diz e a decifrar essa grande variedade de informações e códigos visuais acumulados no espaço urbano. Aprendermos a nos relacionar com elementos gráficos para além do mundo editorial. Consideramos ser necessário, entendermos, do ponto de vista do design, as várias potencialidades desses mecanismos de expressão/comunicação que consistem em usar a rua como veículo de comunicação através da gravação de elementos gráficos nas diferentes superfícies da cidade

Percebemos, também, como essas inscrições são determinantes para o funcionamento das cidades, como elas têm a capacidade concreta de transformar os espaços e a forma como as pessoas se relacionam com eles. Acreditamos que devemos aprender a observar e entender os diferentes modos como esses códigos visuais podem afetar a vida de uma cidade.

Além de aprendermos a observar e escutar a rua e as várias expressões que preenchem seus diferentes espaços, acreditamos ser importante inventar estratégias para que possamos dialogar com a cidade. Inventar maneiras para que possamos estabelecer correspondências, para responder a rua e deixar que ela nos responda.

Consideramos que existem diversos saberes oriundos da prática dessas intervenções que também podem ser relevantes em práticas de design. As diferentes formas que utilizam os espaços urbanos, que tiram proveito da cidade, dos espaços e superfícies, as estratégias para que consigam ser vistos e ouvidos, as formas como preenchem e “diagramam” os espaços, como utilizam as linhas da cidade, as gambiarras e as ferramentas “hackeadas”, as maneiras que tiram proveito das ferramentas e das técnicas; são alguns exemplos desses saberes originados na prática dessas inscrições que acreditamos serem muito relevantes.



Pixadores escalando prédio por fora para pixar sua fachada.



1. Prática conhecida como “pézinho” 2. Pixador debruçado pixando a fachada do prédio.



1. Agente da prefeitura apando inscrições gráficas. *Frame* do filme “Pixo” (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. 2. Menino gravando nome na parede com pedrinha. *Frame* do filme “A vizinhança do Tigre” (2014), de Affonso Uchoa.



Pixações guiadas pelas linhas da cidade.

Por fim, percebemos que, muitas das vezes em que o campo do design se aproxima das intervenções urbanas, é realizada uma abordagem em que se olha exclusivamente para a grafia e não se considera as implicações do fato dessas inscrições estarem gravadas na rua. Julgamos ser necessário pensar nessas intervenções como um mecanismo de expressão/transmissão/comunicação, em que, tanto a inscrição quanto a rua, participam de maneira ativa. Ambas possuem suas funções e exercem seus papéis.

Acreditamos ser relevante, nós, como alunos de design, pensarmos na rua também como um veículo de expressão. Como um meio que possibilita e amplia o acesso a expressões de diferentes naturezas e que permite a expressão de pessoas que talvez não tenham a possibilidade de se comunicar através de outros lugares. Achamos importante pensar nesses mecanismos como um meio que oferece não apenas o acesso e a possibilidade de se expressar, como oferece, também, um caminho através do qual pode-se construir novas possibilidades de rua e de cidade.

5.1. Processo de desenvolvimento do projeto

Percebemos, ao longo da pesquisa, estar realizando alguns processos que podemos pensar como o método através do qual estamos trabalhando, mesmo que não tenhamos ficado presos a ele. É importante comentar também, que o método não foi algo pensado de antemão, mas sim, algo que percebemos estar fazendo posteriormente. Cada processo desses funcionava como uma “fala” dentro dessa conversa que estávamos construindo com as ruas. As diferentes etapas desse diálogo são: 1. Recolher/Ouvir; 2. Digerir; 3. Provocar; 4. Deixar a rua digerir; 5. Registrar; 6. Contar

Essas etapas, apesar de distintas, não ocorreram de maneira tão linear. Elas se misturam e se influenciam durante todo o projeto. Cada etapa servia ao mesmo tempo como "alimento" e como finalidade para as outras. Nós recolhemos materiais para realizar as provocações na cidade e, ao mesmo tempo, realizamos as provocações para recolher novos materiais; Nós “digerimos” as coisas que coletamos para levantar

questões e levantamos questões para recolher mais coisas; Nós fizemos as provocações na cidade para observar como a rua iria digeri-las e deixamos a rua digerir para produzirmos novos materiais;

Percebemos, em um momento já avançado da pesquisa, como as diferentes etapas funcionavam mais ou menos como uma mola. Elas iam e voltavam, retrocediam e avançavam. Esse movimento esteve presente durante a pesquisa. Um procedimento nos levava a outro que nos fazia voltar a um anterior. As etapas e processos que realizamos foram surgindo do próprio trajeto da pesquisa.

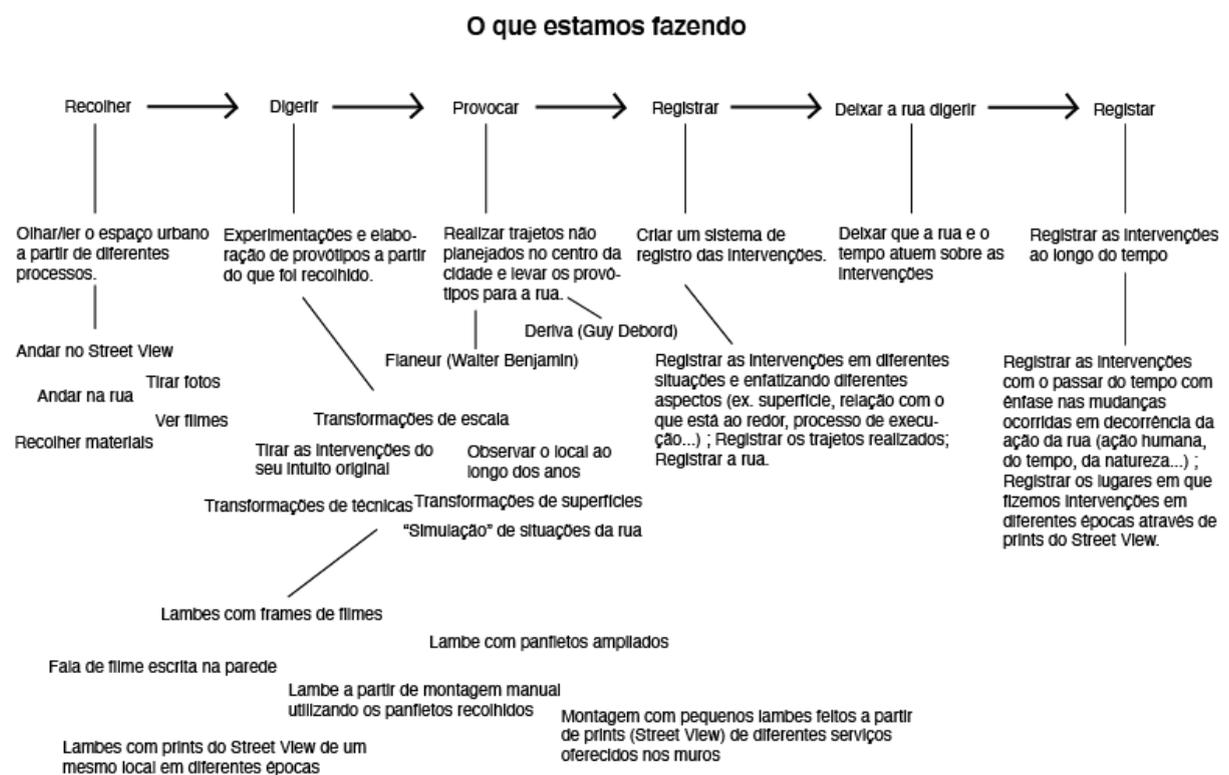
Encontramos algumas maneiras através das quais realizamos esse processo de recolha de materiais e questões. Esse processo nos serviu para que pudéssemos começar a observar e ouvir a cidade. As maneiras encontradas foram: assistir filmes e capturar *frames*; realizar trajetos com o *Google Street View* e tirar *prints*; Realizar trajetos pelas ruas, produzir registros fotográficos e coletar materiais como panfletos e flyers.

A partir desse primeiro processo de recolha, começamos a inventar maneiras para “digerir” o que havíamos coletado. Passamos, então, a realizar os seguintes procedimentos: estabelecemos relações visuais e semânticas entre os diferentes materiais; estabelecemos relações entre as questões levantadas; ilustramos as questões com as imagens produzidas; criamos mapas visuais para tentar organizar os diferentes materiais e questões e as diferentes relações que havíamos percebido e criado entre eles. A partir desses procedimentos, produzimos novos materiais e levantamos novas questões.

A partir desses diferentes processos que realizamos com tudo que havíamos coletado, passamos a desenvolver intervenções gráficas para gravarmos na região central. Inscrições que funcionavam como provocações para a cidade, como respostas a tudo que tínhamos visto e ouvido das ruas. A partir desse conjunto de intervenções começamos a estabelecer trocas e a nos corresponder com a cidade de maneira mais concreta

Depois de gravarmos o conjunto de intervenções nas ruas do centro, passamos a acompanhar e registrar as inscrições regularmente com o passar do tempo. Queríamos ver como a cidade iria digeri-las. O que elas fariam com a cidade e o que a cidade faria com elas. Queríamos ver as transformações que ocorreriam em decorrência do passar do tempo, dos fenômenos climáticos, da ação do poder público e da ação da população.

Por fim, buscamos pensar em uma maneira para que pudéssemos contar e mostrar tudo que fizemos e tudo que percebemos a partir desse diálogo que construímos com a cidade. Começamos, então, a reunir todos os materiais que havíamos produzido e coletado. Criamos sequências de imagens constituídas por diferentes relações que estabelecemos entre os materiais. A partir dessas sequências desenvolvemos uma peça gráfica. Um material impresso que funcionava quase como uma “simulação” de uma caminhada pela cidade observando as inscrições gráficas gravadas nas diferentes superfícies.



Mapa visual desenvolvido como uma tentativa de perceber com mais clareza os diferentes processos que estávamos realizando e as relações entre eles.

5.2. Questões levantadas

A partir desses processos e desses diferentes lugares através dos quais estávamos observando a rua, começamos a perceber e entender diferentes questões que acreditamos serem intrínsecas a esses mecanismos de comunicação que estávamos pesquisando. Em um primeiro momento começamos a pensar um pouco sobre a cidade, sobre o espaço urbano como suporte para diferentes tipos de inscrições gráficas. Levantamos, então, algumas questões como: Como surgem as cidades? Quem projeta? Quem constrói? Como elas são projetadas para ser? Como elas funcionam na prática? Como elas são divididas? Quantas cidades existem dentro de uma só? Quem tem acesso a que? Como um local gera uma expressão? Como as diferentes experiências de cidade geram diferentes expressões?

Passamos, então, a pensar sobre as diferentes maneiras com que as pessoas encontram e inventam para se utilizar e para transformar e produzir concretamente os espaços da cidade. Começamos a entender como a gravação desses diferentes tipos de códigos gráficos pelas ruas são, não apenas uma maneira alternativa de se utilizar as superfícies da cidade, mas também um caminho através do qual é possível se pensar, propor e construir novas possibilidades de rua e de cidade.

Com isso começamos a perceber como as diferentes experiências de cidade de cada indivíduo estão diretamente ligadas a grande diversidade de inscrições que encontramos pelas ruas. Começamos a perceber como as superfícies da cidade são usadas a serviço de expressões de caráter muito distintos. Expressões que vão de um âmbito muito amplo e genérico a um âmbito muito íntimo. Constatamos, também, como as pessoas utilizam táticas muito variadas para se tirar o melhor proveito dos diferentes espaços, superfícies e situações e para se fazerem ser vistos e ouvidos através de suas inscrições gráficas.



1. Sinalizações manuscritas. “Rua do canal número 3. Carga e descarga. Entrada. 2. Manifestação gravada com *spray* de tinta. “Abaixo a ditadura povo no poder.”

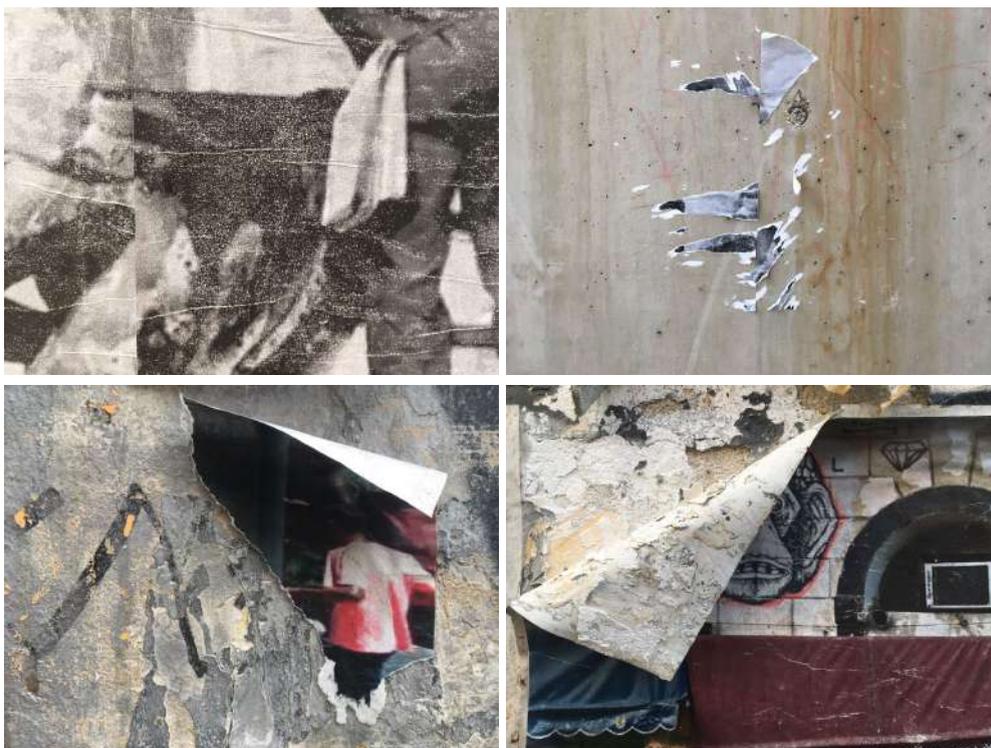


1. Placa “Estou de folga não me incomode.” 2. Anúncio pintado em poste. “Frango assado ali.”

Também entendemos como a relação entre as intervenções urbanas e os espaços da cidade funciona quase como uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que as inscrições são, em parte, forjadas pelos lugares - desde as superfícies, a arquitetura até o contexto sociocultural - através delas também é possível compreender muitas coisas a respeito de um determinado local, acontecimento ou de uma determinada época. Através das expressões gravadas no espaço urbano é possível fazer inúmeras leituras das “várias cidades” que existem dentro do Rio de Janeiro. Essas inscrições formam uma espécie de mosaico que ilustra os diferentes espaços e as diferentes experiências de cidade de cada indivíduo.

Essas expressões, quando presentes na rua, ganham uma espécie de corpo e de vida que podem ser pensados a partir de algumas perspectivas diferentes. Quando gravadas nas diferentes superfícies das cidades, as inscrições adquirem materialidade. São palpáveis, têm textura, espessura. Rasgam, molham, mancham, se dissolvem, se apagam, se sobrepõem. Sofrem interferências das mais variadas maneiras. Tanto humanas, quanto não. Tanto propositais, quanto não.





Ação do tempo e da cidade sobre as inscrições gravadas nas ruas.

Além disso, na rua, as intervenções passam a ter uma vida útil, um prazo de validade. Durante essa vida, estão sujeitas a constantes transformações. Podem tanto ser apagadas minutos depois de serem gravadas, como podem permanecer intactas por anos. Podem também, adquirir diversas formas ao longo dessa vida, fruto de todas as interferências às quais estão sujeitas.

Sejam elas de qualquer natureza e forma, para ocuparem um espaço na rua, essas intervenções dependem de um corpo, de um gesto, uma ação. Não existem apenas no campo mental. São pensadas e realizadas com o corpo inteiro. São fruto de uma "conversa" com o espaço, com a ferramenta e com a técnica. As inscrições urbanas são, além de expressões visuais, o registro gráfico de uma ação realizada por um indivíduo.



Ação dos pixadores de São Paulo. *Frames* do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira.

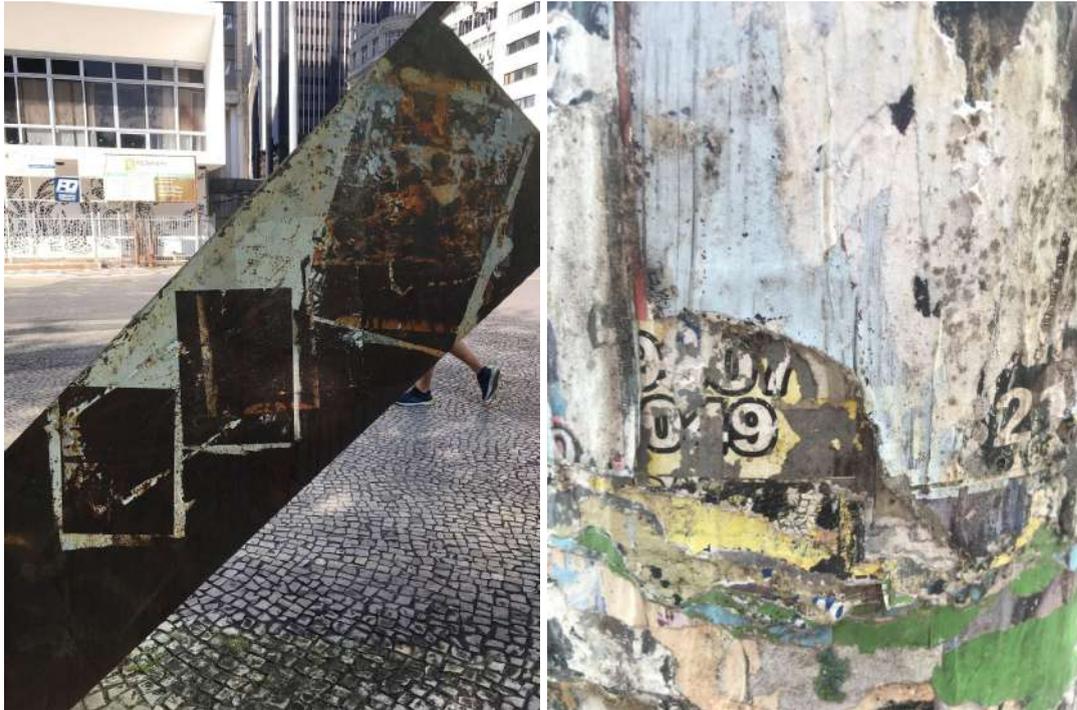
Por fim, é possível pensar nesse "corpo e vida" dessas inscrições, a partir do impacto que causam nos espaços que ocupam. Além de estarem sujeitas às mais variadas transformações, elas têm o poder concreto de alterar os lugares e as relações e experiências que surgem a partir deles. Um aviso de "Não estacione", uma sinalização de trânsito, uma sigla de determinado grupo, um grafite, uma pixação, uma placa de ponto de ônibus, uma propaganda religiosa, uma propaganda de algum serviço; todas essas expressões influenciam diretamente no funcionamento dos lugares e nas experiências pessoais de quem utiliza esses espaços.

A partir dessa dimensão do gesto e das ações necessárias para que uma expressão seja gravada na rua, se deu a reflexão sobre o ato de gravar na cidade. Surgiram então, questões como: Onde se pode gravar? Quem pode? O que pode ser gravado? Quais formas de expressão podem? Quais não podem? Quem controla? Quem vigia? Como burlar essas proibições? Como a proibição gera expressões?

Com isso, começamos a pensar sobre como o apagamento também é uma grafia. Pensamos em como os apagamentos, sejam eles através de uma camada de tinta branca, de uma folha arrancada ou de outras inscrições que se sobrepõem e se encobrem, trazem consigo uma infinidade de novas camadas, tanto visuais quanto semânticas. A partir dessa reflexão sobre os apagamentos e a partir de nossas caminhadas pelas ruas, percebemos, também, como as superfícies da cidade funcionam quase como uma espécie de fóssil. Através dos resquícios que sobram nas diferentes superfícies conseguimos ter pistas de inscrições anteriores que ocuparam aquele espaço.



Resquícios de inscrições apagadas.



Espécie de “fóssil” de intervenções gráficas antigas.

Essas camadas e sobreposições estão presentes de muitas formas no espaço urbano. Pensamos que essas misturas entre camadas em vários planos distintos são um dos principais aspectos que constituem e caracterizam a rua. Diferentes técnicas, ferramentas, superfícies, cores, tamanhos, motivações, linguagens, são algumas das várias camadas que a todo tempo se misturam e se influenciam. Na rua, as inscrições existem isoladamente, como uma coisa só, mas também existem na relação com o que está ao redor e na relação com o espaço. Esses acúmulos e sobreposições acabam gerando vários acasos visuais e acasos de comunicação que vão fazendo com que as linguagens sejam subvertidas. Vão fazendo com que os intuitos primários e os significados originais de cada inscrição acabem se perdendo, se confundindo e se transformando.

Essa influência do que está em volta é um dos aspectos que fazem com que as inscrições presentes no espaço urbano escapem um pouco de uma lógica projetual. Elas são mais fruto de um trajeto do que de um projeto. A forma como as inscrições existem, são observadas e apreendidas, é modificada a todo momento pelas várias camadas que se misturam. Além disso, essas inscrições não surgem exclusivamente de uma ideia. Não existem afastadas do espaço e da ação, do fazer. Não é possível

que sejam totalmente antecipadas e projetadas. Elas são guiadas pelos espaços e linhas da cidade, que estão em constante transformação.



Inúmeras sobreposições e misturas de códigos gráficos de diferentes naturezas.

Além disso, pelo fato de muitas dessas expressões serem consideradas ilegais, os interventores não têm uma liberdade absoluta para realizar o ato de gravar. Eles necessitam de uma certa leitura do espaço e da circunstância, que, muitas vezes, influencia diretamente na forma como aquela expressão será gravada.

Ainda é possível pensar neste aspecto não projetual dessas intervenções a partir da perspectiva de quem observa. Quando presentes na rua, as expressões podem ser vistas e apreendidas de muitas formas distintas. Quem observa e a forma como se observa são determinantes para a existência de cada inscrição. A luz, o clima, o horário, a perspectiva de onde se vê, o momento em que se vê, a velocidade que se está; tudo isso influencia diretamente na maneira em que essas expressões serão apreendidas, e faz com que o autor não tenha um controle absoluto.

Por fim, o espaço urbano afasta um pouco a ideia de autoria, associada a ideia de projeto. O que está em questão ali não é saber quem gravou cada inscrição. Muitas vezes, por se tratar de uma prática ilegal, o anonimato é uma necessidade. Na grande maioria das expressões presentes nas ruas, não é possível saber quem é o

autor, e, quando se tem algum registro, geralmente é através de um codinome, de um personagem.

A partir dessa percepção da ausência de autores, e da existência de personagens, percebemos como essas intervenções tem uma lado tanto documental quanto ficcional. Funcionam quase como um processo de documentação através da ficção. Funcionam como uma espécie de mosaico de diferentes experiências de cidade, que não estão, entretanto, associadas a um rosto ou uma identidade.

5.3 Como surgiram as questões - Documentação da pesquisa

Em um primeiro momento, ainda não tínhamos muita clareza a respeito de qual recorte dentro desse universo que mais nos interessava, sobre o que iríamos definir como objeto de nossa pesquisa. Nesse momento inicial, ainda pensávamos mais exclusivamente na pixação, então decidimos rever o filme “Pixo” (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Esse filme nos fez pensar algumas questões, como por exemplo: Como as intervenções urbanas são uma consequência direta do local onde estão inseridas, como na pixação paulista, onde a arquitetura da cidade serviu como um agente verticalizador das letras; Como as linhas da cidade funcionam como “linhas guia de um caderno de caligrafia gigante”; Como essas intervenções são praticadas a partir de diferentes propósitos, como o reconhecimento social, o lazer, a adrenalina, o protesto, etc.

Depois desse primeiro momento, começamos a pensar que poderíamos pesquisar diferentes maneiras de se utilizar a cidade. Lembramos de uma aula que tivemos com a arquiteta Bia Petrus, da Casa de Estudos Urbanos, onde conversamos sobre diferentes práticas de cidade e sobre formas alternativas de produção do espaço urbano. Lembramos, também, de uma outra aula onde conhecemos o projeto “Mais Menos”. Um projeto que produz intervenções urbanas irônicas e políticas através de frases gravadas com stencil. Por fim, ainda pensando nessas diferentes práticas de cidade, lembramos do projeto de extensão “Rua em Transe” da professora Barbara Szaniecki.



“Mais Menos”

Depois de lembrarmos dessas referências e de pensarmos um pouco sobre diferentes práticas de cidade e sobre a utilização e produção do espaço urbano, começamos a perceber como as intervenções gráficas gravadas nas ruas são uma das práticas mais recorrentes na cidade do Rio de Janeiro. Entendemos, também, como essas gravações são, não apenas uma forma alternativa de uso dos espaços, mas também, um meio através do qual é possível construir novas possibilidades de rua e cidade. Pensamos, então, que, ao invés de focarmos na pixação, poderíamos fazer um estudo sobre as diferentes naturezas de códigos gráficos presentes nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Com o tema da pesquisa fechado, decidimos começar a pesquisar de maneira individual, sem fazer muitas trocas. Achamos que desse jeito poderíamos chegar a mais lugares e a lugares mais diferentes, para depois começarmos a criar relações entre as duas pesquisas.

Primeiros passos - Davi

Logo na primeira semana, lembrei dos filmes do Emílio Domingos, e achei que poderiam ter relações com o projeto. Assisti, então, aos filmes “L.a.p.a” (2008) e “A palavra que me leva além” (2000). Não consegui levantar muitas questões e ideias a partir desses filmes, porém eles me levaram para outro lugar que foi importante para a pesquisa. Uma conversa do Emílio com o diretor mineiro Affonso Uchoa.

Esse debate nos serviu de algumas maneiras distintas. Em um primeiro momento, Affonso cita uma série de filmes e diretores que, mais tarde, também nos serviram como materiais de pesquisa. Os filmes “Graffiti nos muros recortados” (1994) e “São Paulo, Cinemacidade” (1994) de Aloysio Raulino, são dois dos filmes citados que usamos durante o projeto. Esses filmes nos fizeram perceber algumas questões e nos serviram, mais a frente, como fonte de imagens.

Mais a frente, Affonso Uchoa conta um pouco sobre o processo de produção do seu filme “A vizinhança do tigre” (2014). Ele conta que não tinha um roteiro nem um método pré-definido, e que, na verdade, o método foi se construindo ao longo do processo. Conta também que “não queria ter uma história escrita e solicitar deles que se encaixassem, queria que as ideias surgissem dos encontros.”

Pensei, então, que esse processo não projetual, sem uma ideia de autoria tão definitiva, tinha tudo a ver com o processo de produção e gravação das intervenções gráficas nas ruas.

Durante a conversa, Affonso diz, também, que, para fazer o filme, ele tinha apenas alguns princípios. “Fazer um filme no bairro, colocar a vida deles na tela e fazer um mosaico da experiência periférica no Bairro Nacional”. A partir dessa ideia de um mosaico das experiências de um determinado lugar, comecei a pensar como as misturas e sobreposições das expressões de diferentes naturezas que encontramos pelas ruas também formam uma espécie de mosaico, que “ilustram” diferentes experiências pessoais de cidade.

Por fim, o diretor mineiro conta que só encontrou sua voz no cinema, quando misturou com a voz dos outros. Esse processo de mistura e sobreposição de diferentes vozes é exatamente o que acontece nas ruas. No espaço urbano as inscrições se acumulam, se misturam e sobrepõem a todo instante, fazendo com que a existência de cada intervenção e a forma como elas são apreendidas individualmente, passem por constantes transformações.

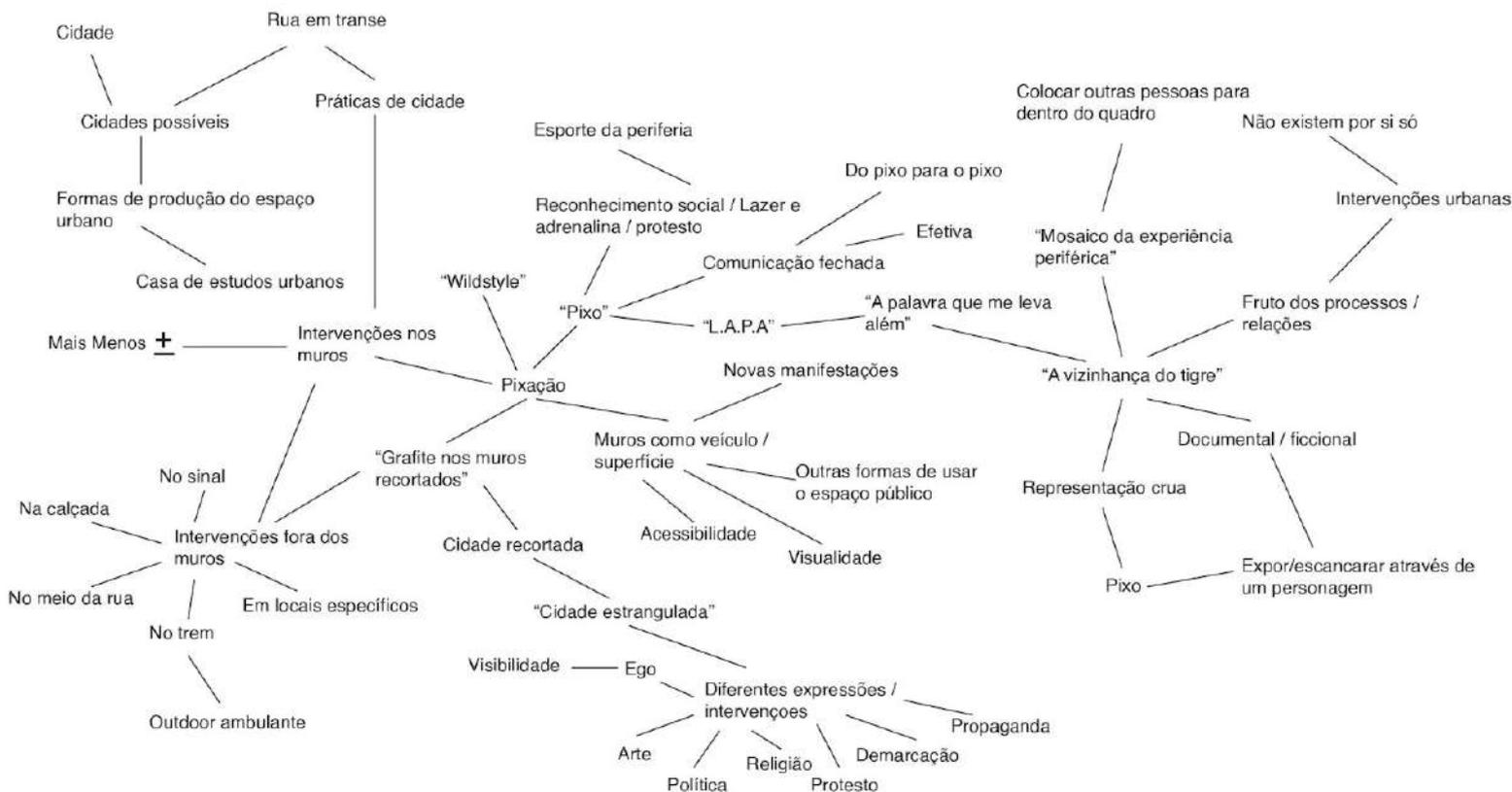
Após assistir a entrevista, fui rever o filme “A vizinhança do tigre”, e assistir pela primeira vez os filmes de Aloysio Raulino que foram citados. Esses três filmes nos serviram tanto para levantar e perceber algumas questões, quanto como fonte de imagens, através da captura de alguns *frames*.

O filme de Affonso Uchoa fez com que surgissem algumas questões que acreditamos ter relação com as intervenções urbanas. Me atentei para o fato do filme ser uma mistura entre ficção e documentário. Achei que isso também poderia ser levado para pensar nas diferentes expressões gravadas na cidade. Como explicamos anteriormente, acreditamos que grande parte das intervenções urbanas também têm, em sua essência, um pouco dessa mistura entre a ficção e o documentário.

Com o filme “Graffiti nos muros recortados” (1994) comecei a prestar atenção em outras formas de intervenções urbanas para além das intervenções escritas. Comecei a reparar como os espaços da cidade são ocupados por uma variedade muito grande de expressões. Expressões artísticas, religiosas, políticas, pixações, grafites, adesivos, *outdoors* comerciais, placas de sinalização, performances, etc.

Já o filme “São Paulo, Cinemacidade” (1994) nos serviu exclusivamente como fonte de materiais, através da captura de alguns *frames*.

A partir dessas primeiras coisas que vi, tentei, através de um mapa mental, organizar algumas das questões levantadas e criar relações entre elas. A partir desses filmes, também separei alguns *frames*.



Mapa 1

Através desse mapa, queria, primeiramente, fazer uma espécie de catalogação de tudo que tinha visto, pensado e percebido a partir dos diferentes lugares que estava olhando. O mapa era uma tentativa de reunir e criar relações entre as diferentes referências e entre as diferentes questões que haviam surgido a partir de cada lugar. Queria começar a criar uma organização visual para tentar ter uma maior clareza a respeito de tudo que já havia surgido nesse primeiro momento de pesquisa.

O mapa também era uma ferramenta para que fosse possível apresentar essas primeiras questões e referências durante a orientação.



Frame do filme "A vizinhança do tigre" (2014), de Affonso Uchoa. Gravação em muro com pedrinha.



Frame do filme "A vizinhança do tigre" (2014), de Affonso Uchoa. Gravação no corpo com *liquid paper*.



Frame do filme "Graffiti nos muros recortados" (1994), de Aloysio Raulino. Performance com tela pelas ruas de São Paulo.



Frame do filme "Graffiti nos muros recortados" (1994), de Aloysio Raulino. Intervenção em uma avenida da cidade de São Paulo.



Frame do filme "São Paulo, Cinemacidade" (1994), de Aloysio Raulino. Troca do conteúdo de um outdoor.



Frame do filme "São Paulo, Cinemacidade" (1994), de Aloysio Raulino. Vista da cidade de São Paulo.

A partir da produção desse primeiro mapa, levantamos, durante a orientação, algumas outras questões. Começamos a pensar sobre o ato de grafar elementos gráficos nas superfícies da cidade e nos fizemos algumas perguntas. O que pode ser gravado? O que não pode? Quem pode gravar? Quem decide? Quem vigia? Quem controla? A partir dessa reflexão começamos a pensar sobre como as leis e proibições tem a capacidade concreta tanto de reprimir quanto de gerar diferentes tipos de expressões.

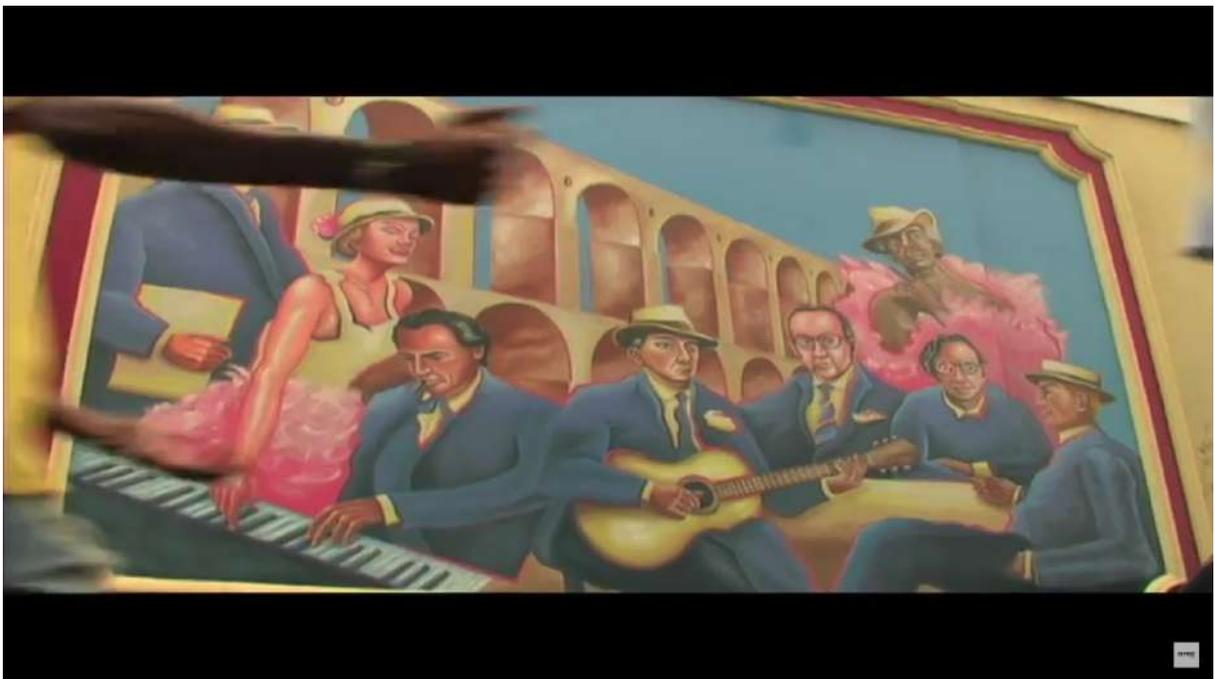
Conversamos, também, sobre como poderíamos observar essas intervenções. Como seria possível criarmos lentes para olhá-las. Listamos, então, algumas possibilidades de lentes. Lentes por escala, por linguagem, por técnica, por superfície, são alguns dos exemplos que surgiram.

Nessa mesma semana, assisti uma aula do curso “Design para um mundo em colapso” ministrado pela Zoy Anastassakis, Wellington Cançado e Frederico Duarte, para o programa de pós graduação da Esdi. Consegui apreender poucas coisas dessa aula, porém, ela me faz voltar à uma das questões surgidas na conversa entre Emílio Domingos e Affonso Uchoa. Voltei a pensar sobre o processo projetual e sobre como as intervenções urbanas são mais fruto de um trajeto do que de um projeto.

Nessa semana, continuei também a ver alguns filmes que acreditava que poderiam nos levar a lugares interessantes. Assisti aos filmes: “Temporada” (2018), de André Novais; “Minha Área” (2006), de Emílio Domingos; “Grafite Rio-Minidoc” (2018), de Emílio Domingos; “A cidade é uma só” (2011), de Adirley Queirós. Os três primeiros nos serviram mais como fonte de imagens. Já o filme de Adirley Queirós me fez pensar em algumas coisas. Algumas das questões que surgiram com esse filme são: Como surgem as cidades? Quem projeta? Quem constrói? Como elas são projetadas para ser? Como elas funcionam na prática? Como elas são divididas? Quantas cidades existem dentro de uma só? Quem tem acesso a que? Como um local gera uma expressão? Como as diferentes experiências de cidade geram diferentes expressões?



Frame do filme "Minha área" (2006), de Emílio Domingos. Parede com programação do Circo Voador.



Frame do filme "Minha área" (2006), de Emílio Domingos. Pintura em parede na Lapa.



Frame do filme “Temporada” (2018), de André Novais. Grafite em um terreno particular.



Frame do filme "Temporada" (2018), de André Novais. Cardápio de uma barraquinha de cachorro quente.



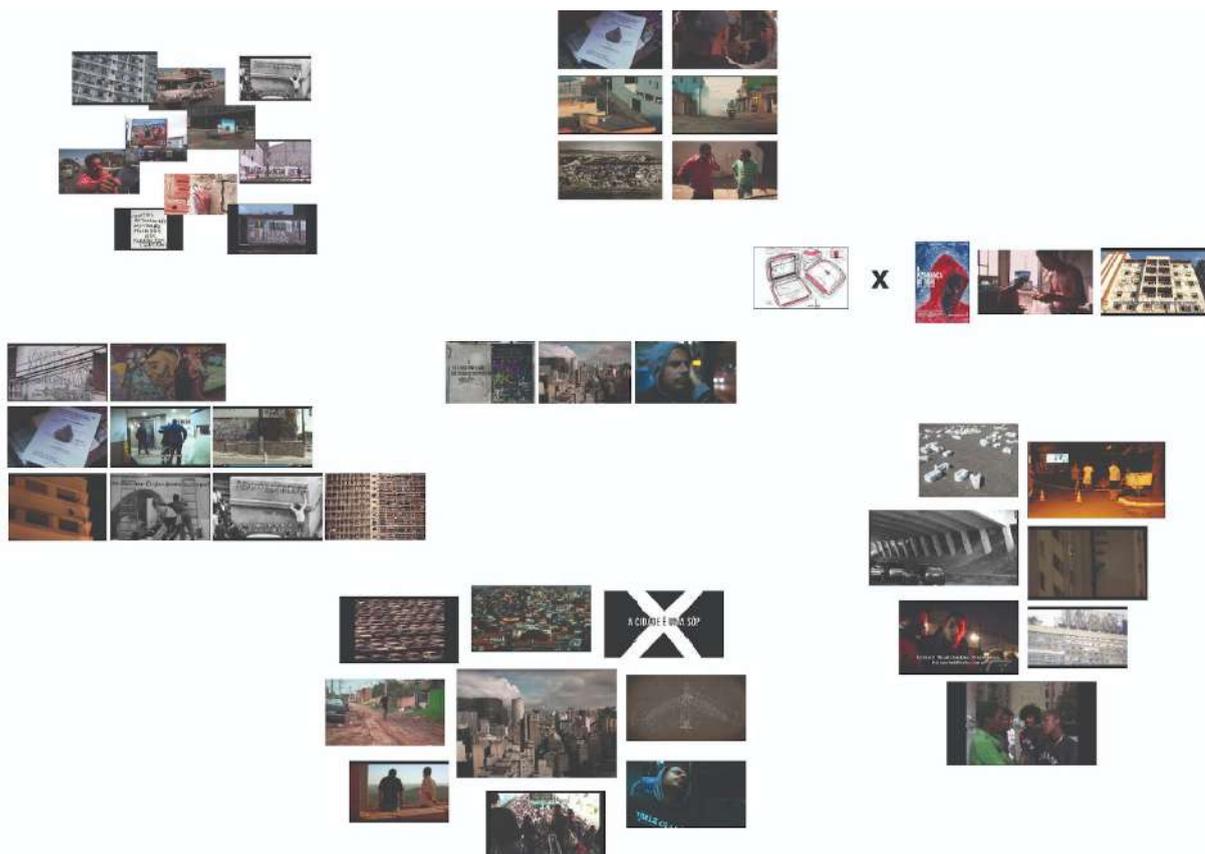
Frame do filme "Temporada" (2018), de André Novais. Periferia de contagem, Belo Horizonte.



Frame do filme “A cidade é uma só” (2011), de Adirley Queirós. Carro de som da campanha política de um candidato a vereador de Ceilândia.



Frame do filme “A cidade é uma só” (2011), de Adirley Queirós. Outdoor com propaganda de imóvel.



Mapa 3

O filme de Adirley Queirós me levou para um outro lugar que também nos ajudou a perceber algumas questões e a recolher materiais. Um debate entre o professor Bernardo Oliveira e os cineastas Adirley Queirós e Lincoln Pércles, chamado “Cinedebate Direito à cidade II” (2020), que está disponível no *youtube*. A partir desse debate, conheci o diretor Lincoln Pércles, e vi seus filmes “Filme de domingo” (2020), “Entrevista com as coisas” (2015), “Aluguel: o filme” (2015), “Ruim é ter que trabalhar” (2014) e “Cohab” (2012). Esses filmes deram prosseguimento à reflexão sobre a vida e os funcionamentos da cidade. Além disso, também serviram como fonte de imagens.

Nessa semana, também revi os filmes “Pixo” (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira e “Wildstyle”(1982), de Charlie Ahearn. A partir desses filmes, separei mais alguns frames.



Frame do filme “Aluguel: O filme” (2015), de Lincoln Péricles. Pixação em um muro da Cohab, Capão Redondo.



Frame do filme “Cohab” (2012), de Lincoln Péricles. Outdoor com propaganda de um prédio no Capão Redondo.



Frame do filme “Filme de domingo” (2020), de Lincoln Pérciles. Cineclube em alguma rua do Capão Redondo.



Frame do filme “Entrevista com as coisas” (2015), de Lincoln Pérciles. Pixação em um assento de ônibus.



Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Prédio cheio de pixações.



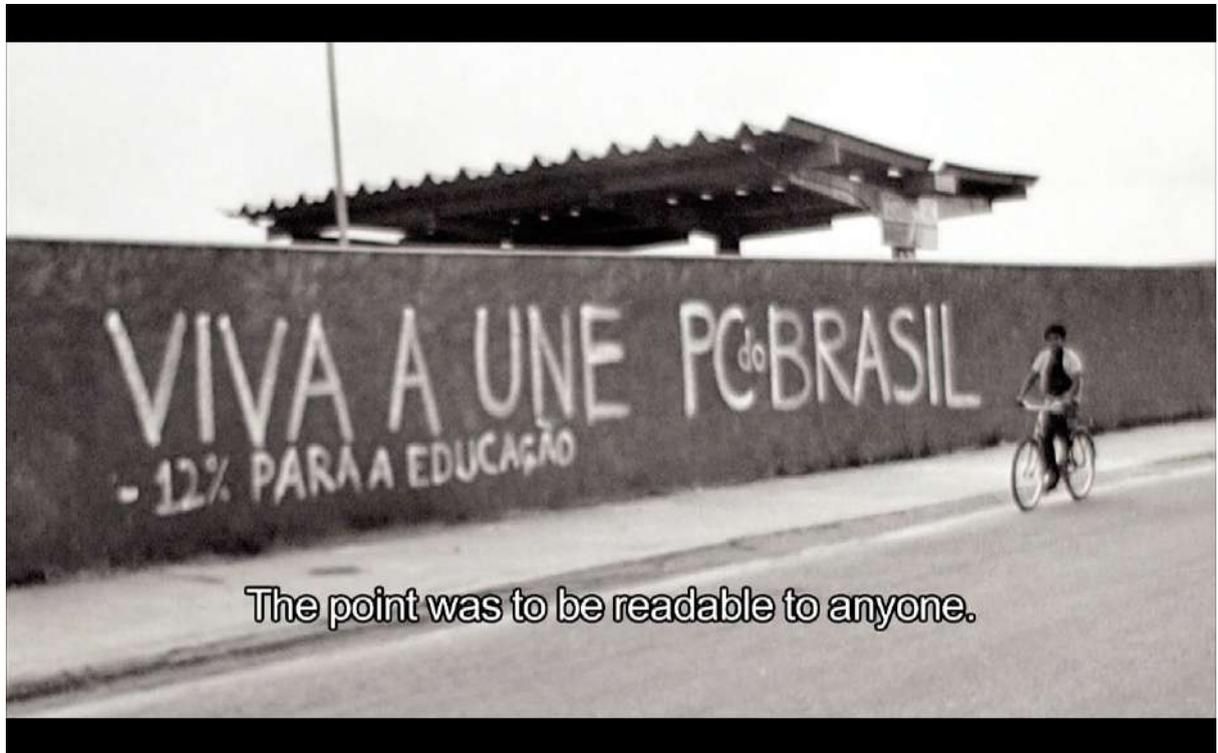
Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Grupo de pixadores pixando um prédio pela sacada.



Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Estratégia muito utilizada para que se consiga alcançar lugares mais altos.



Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Estratégia muito utilizada para que se consiga alcançar lugares mais altos.



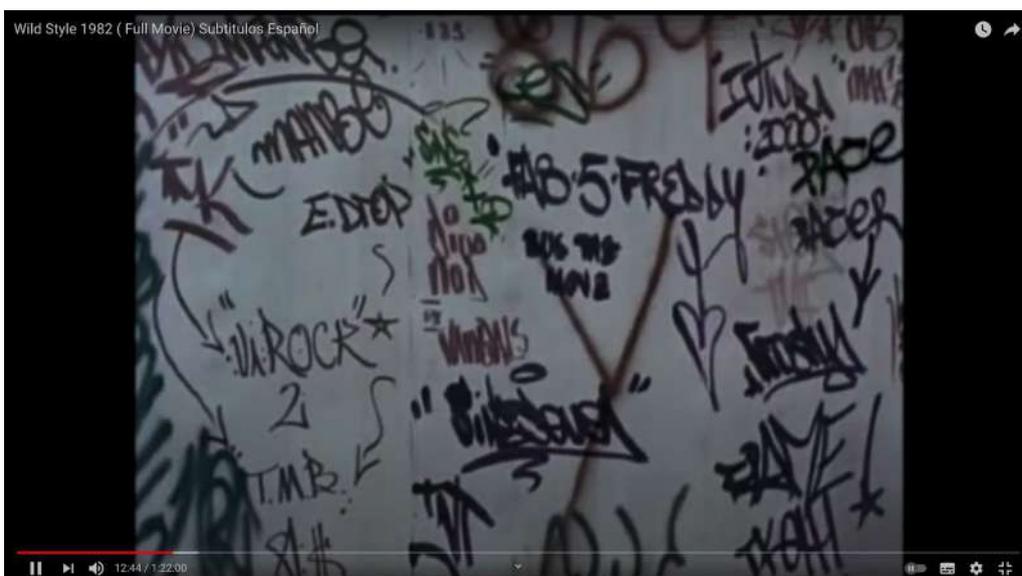
The point was to be readable to anyone.

Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Intervenção da época da ditadura militar.



Frame do filme "Pixo" (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Prédio repleto de pixações.





Frames do filme "Wildstyle" (1982), de Charlie Ahearn. Intervenções gráficas na cidade de Nova York.

Através do “Cinedebate Direito à cidade II” (2020), conhecemos também o texto “Cinema Pedreiro” (2014), do Lincoln Péricles, publicado no site “Zagaia em revista”. Nesse texto, Lincoln fala sobre como o cinema brasileiro, em sua maioria, é formado por “arquitetos e engenheiros”, e sobre como ele sente falta de um cinema “pedreiro”.

Falta ao cinema brasileiro um cinema pedreiro. Daqueles que na quebrada ajuda a levantar a casa do vizinho e a sua própria. Daquele que sabe ser peça, sabe ser tijolo, consciente de tudo o que circunda essa função. Cinema que saiba ser função*. O pedreiro sabe como levantar uma casa, seu aprendizado vem do corpo inteiro, o que quer dizer que é da mente também, do intelecto. O pedreiro sabe em todos seus poros ser arquiteto e engenheiro, não como condição de uma classe opressora, mas como uma necessidade bruta de levantar um espaço, um lugar, uma coisa. (Péricles, Lincoln, 2014)

Esse texto me levou a pensar sobre a dimensão gestual das intervenções urbanas. Sobre como essas inscrições são, entre outras coisas, um registro gráfico de uma ação. Sobre como essas expressões, sejam elas de qualquer natureza e forma, dependem de um corpo, de um gesto, de uma ação para ocuparem um espaço na rua. Como elas não existem apenas no campo mental, são pensadas e realizadas com o corpo inteiro.

Após a orientação seguinte, decidimos inventar uma série de procedimentos através dos quais poderíamos produzir novos materiais e levantar novas questões. Fiz, então, uma lista com esses procedimentos:

- Fazer um trajeto “x” em 3 horários diferentes do mesmo dia e registrar as intervenções;
- Fazer uma intervenção na rua e registrar as interações;
- Entrar 1 vez ao dia durante 1 semana em locais aleatórios no *Google Street View* e *printar* imagens de intervenções;
- Realizar um trajeto “x” todo dia durante 1 semana e registrar;
- Fazer um vídeo a partir dos *prints* do *Street View*;
- Fazer um mapa misturando todos os registros;
- Fazer um trajeto por dia, registrar as intervenções e descrevê-las por escrito;
- Fazer uma lista com todas as intervenções observadas;
- Separar *frames* de intervenções em filmes;

- Registrar um mesmo lugar através de um filme, um *print* do *Street view* e uma foto;
- Realizar 1 trajeto por dia e recolher todos os panfletos distribuídos;
- Escanear todos os panfletos recolhidos.

Com a lista pronta escolhi um procedimento e comecei a fazer. Realizei, durante uma semana, um trajeto aleatório por dia no *Google Street View* e tirei *prints* de todas as intervenções observadas.



Magia do Amor. Estrada do Rio Grande, Jacarepaguá, Rio de Janeiro.



Intervenções apagadas em muro de casa. Praça Raimundo Nascimento, Guadalupe, Rio de Janeiro.



Pixações em muro da Rua Damasqueira, Guadalupe, Rio de Janeiro.



"Garagem", pixações e anúncio de serviço de conserto de eletrônicos e conserto de bicicletas. Rua Marcos de Macedo, Guadalupe, Rio de Janeiro.



“Genocida” em cima de outdoor com propaganda política de Jair Bolsonaro. Av. Salvador Allende, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro.



5 pixações iguais em um muro da Av. Salvador Allende, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro.



"Por favor não bota veneno no beco, tem criança. Vo toma providência". Rua Leonardo Villas Boas, Jacarepaguá, Rio de Janeiro.



"Cesta básica. Pode ligar a cobrar." gravado no meio-fio. Rua Antonio Rodrigues de Oliveira, Mesquita, Rio de Janeiro.

Depois de realizar esses primeiros trajetos utilizando o *Google Street View*, percebemos como esse era um bom caminho para que pudéssemos observar e registrar diferentes espaços da cidade. Continuamos utilizando esse recurso ao longo de todo processo de pesquisa.

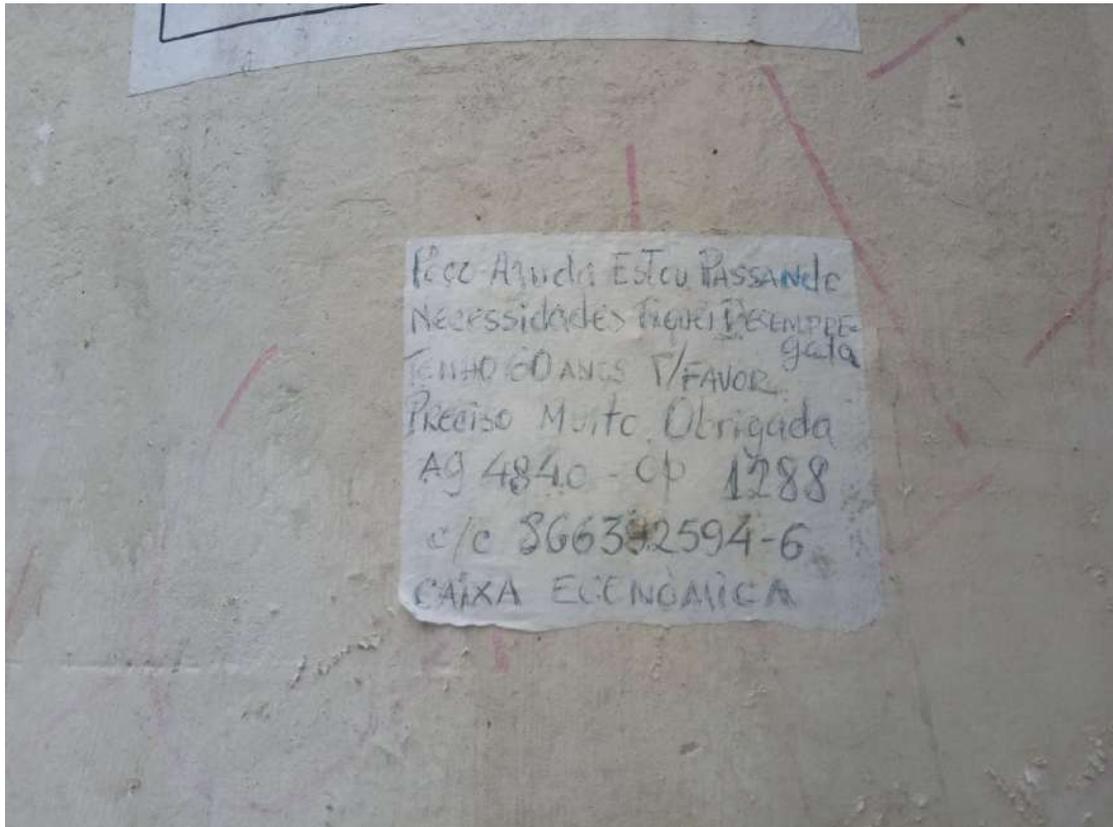
Nessa semana seguinte, eu e o André decidimos nos juntar, e fomos ao centro da cidade tirar algumas fotos das intervenções que encontrássemos pelo caminho.



“É o dia nacional de proteção das travestis no Brasil”. “Viva o Marxismo Leninismo” e outros lambes. Uruguaiana, Centro, Rio de Janeiro.



“Hércolubus. Gigantesco planeta aproxima-se da Terra. V.M Rabolú alerta a humanidade sobre a aproximação de um gigantesco planeta e suas consequências, tais como: alterações climáticas, catástrofes, epidemias, vulcanismo, terremotos, crises, guerras, fome mundial, etc...” Uruguaiana, Centro, Rio de Janeiro,



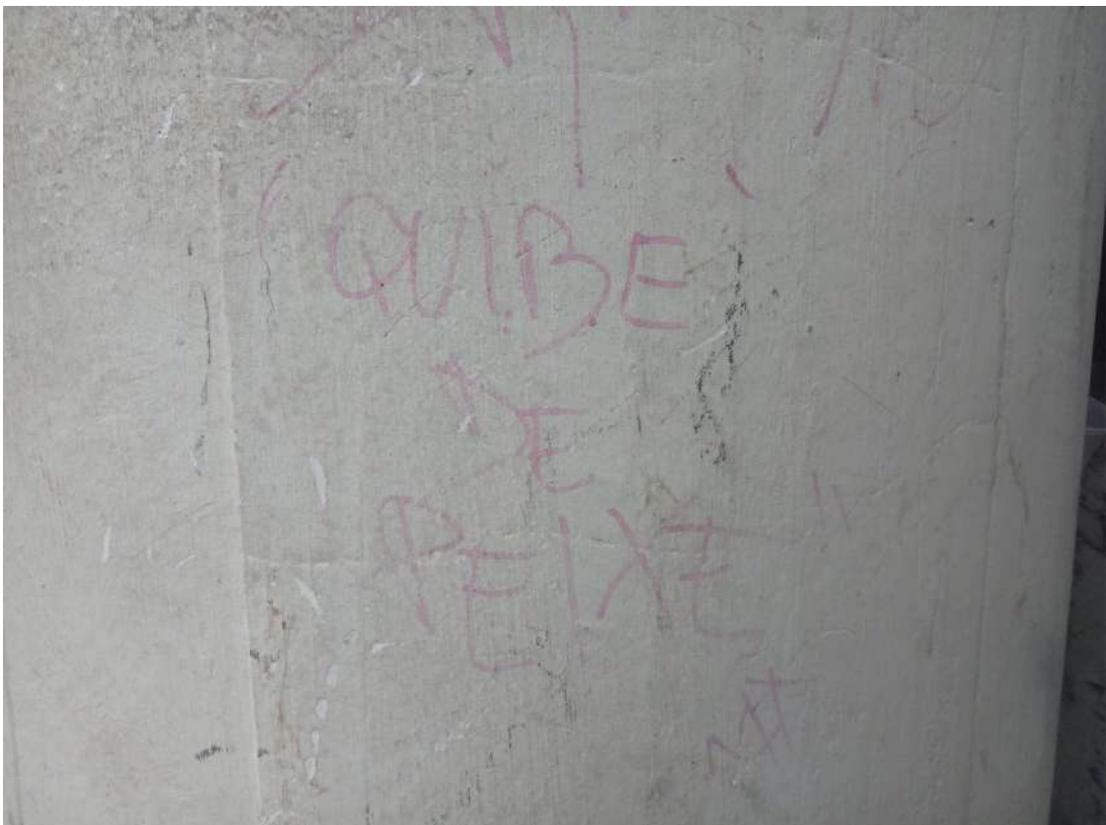
“Peço ajuda. Estou passando necessidades, fiquei desempregada, tenho 60 anos. Por favor preciso muito. Obrigada.” Centro, Rio de Janeiro.



“Diabetes nunca mais”. “Empréstimo no cartão de crédito”. Centro, Rio de Janeiro.



Pixações em portão. Centro Rio de Janeiro.

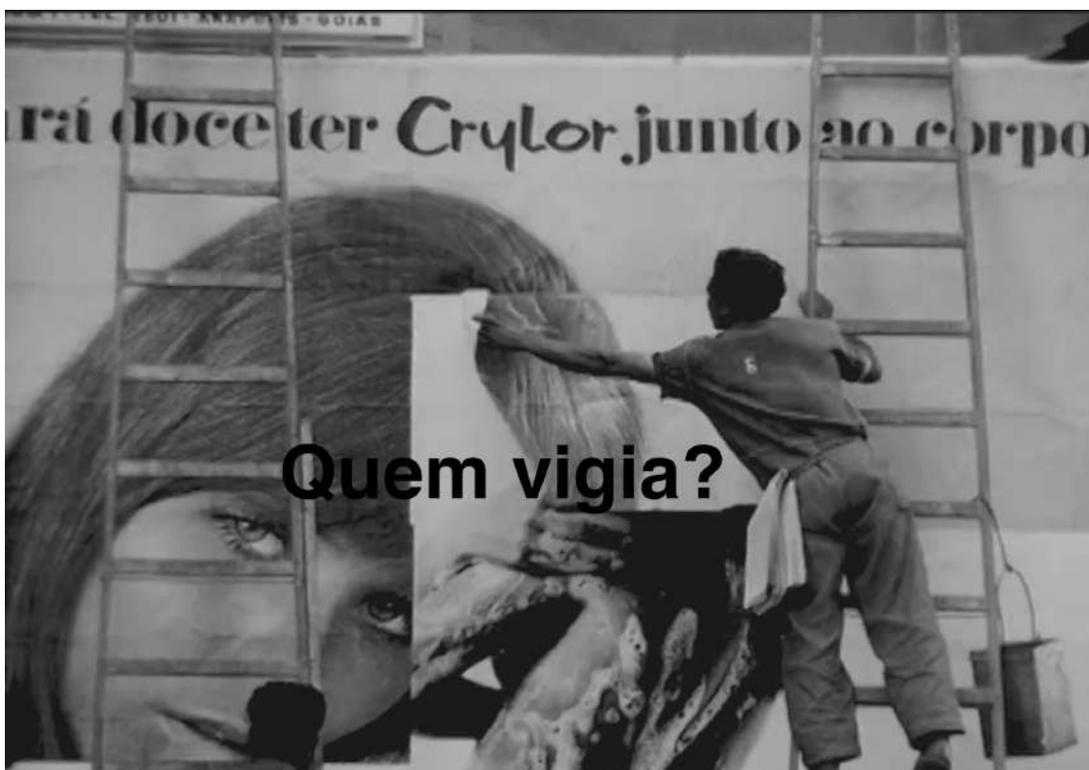


“Quibe de peixe” Centro, Rio de Janeiro.

Na mesma orientação em que decidimos fazer a lista de procedimentos, conhecemos, também, o livro “Atlas Ambulante” (2011) de Renata Marquez e Wellington Cançado e a exposição “Cidade Gráfica” (2014), que teve a curadoria de Celso Longo, Daniel Trench, e Elaine Ramos. Com isso começamos a vislumbrar possíveis formas para o projeto. Nesse momento, pensávamos que uma opção seria o desenvolvimento de um material gráfico impresso, abordando as diferentes questões que levantamos durante a pesquisa e utilizando os materiais que recolhemos e produzimos. Porém, mais na frente, abandonamos essa ideia.

Na semana seguinte, durante a orientação, surgiram mais algumas questões. Começamos a pensar sobre como as letras ganham um corpo e uma vida quando são gravadas na rua. Conversamos, também, sobre como o apagamento também é uma grafia, como o apagamento adiciona novas camadas gráficas e semânticas aos espaços.

A partir das conversas dessa orientação decidi fazer espécies de figurinhas a partir dos recortes do mapa que tinha feito anteriormente. Essas figurinhas foram feitas apenas através do aumento dos recortes, sem alterar os encontros entre imagens e palavras que tinham surgido aleatoriamente.



Figurinha 1 - Quem vigia?

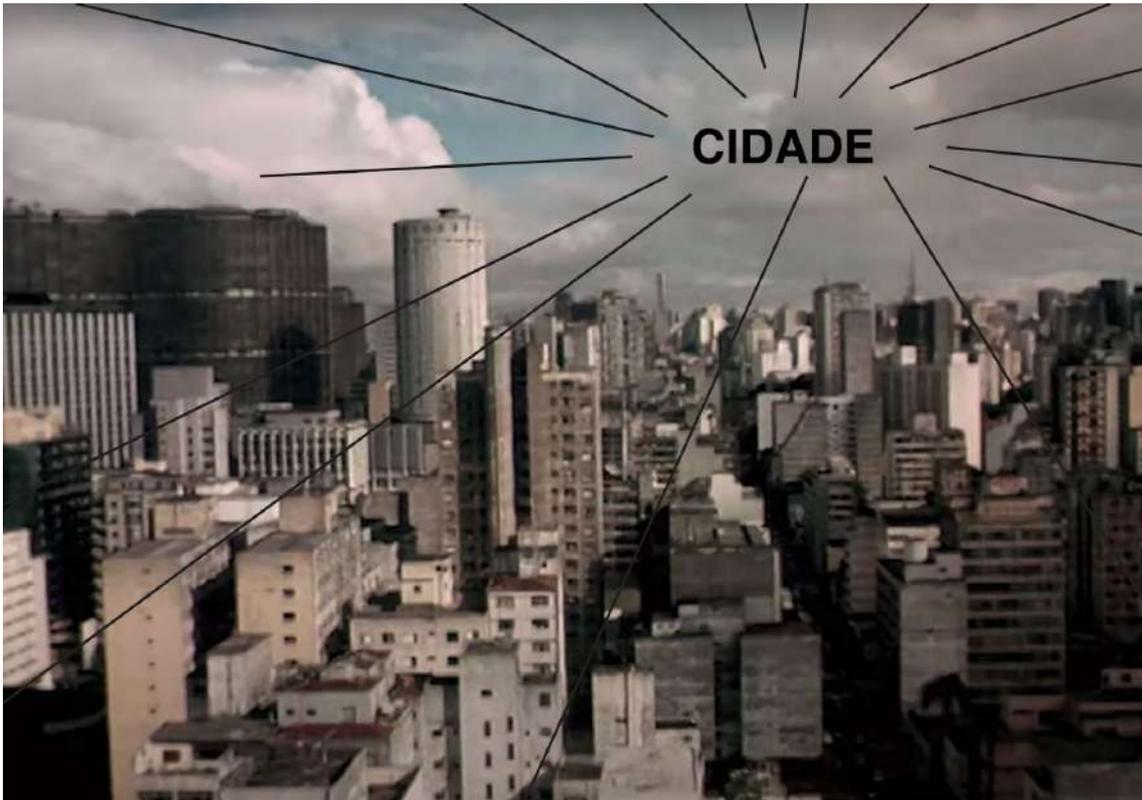


Figurinha 2 - Como se utiliza o espaço público.

Quantas cidades existem em uma cidade?



Figurinha 3 - Quantas cidades existem em uma cidade?



Figurinha 4 - Cidade



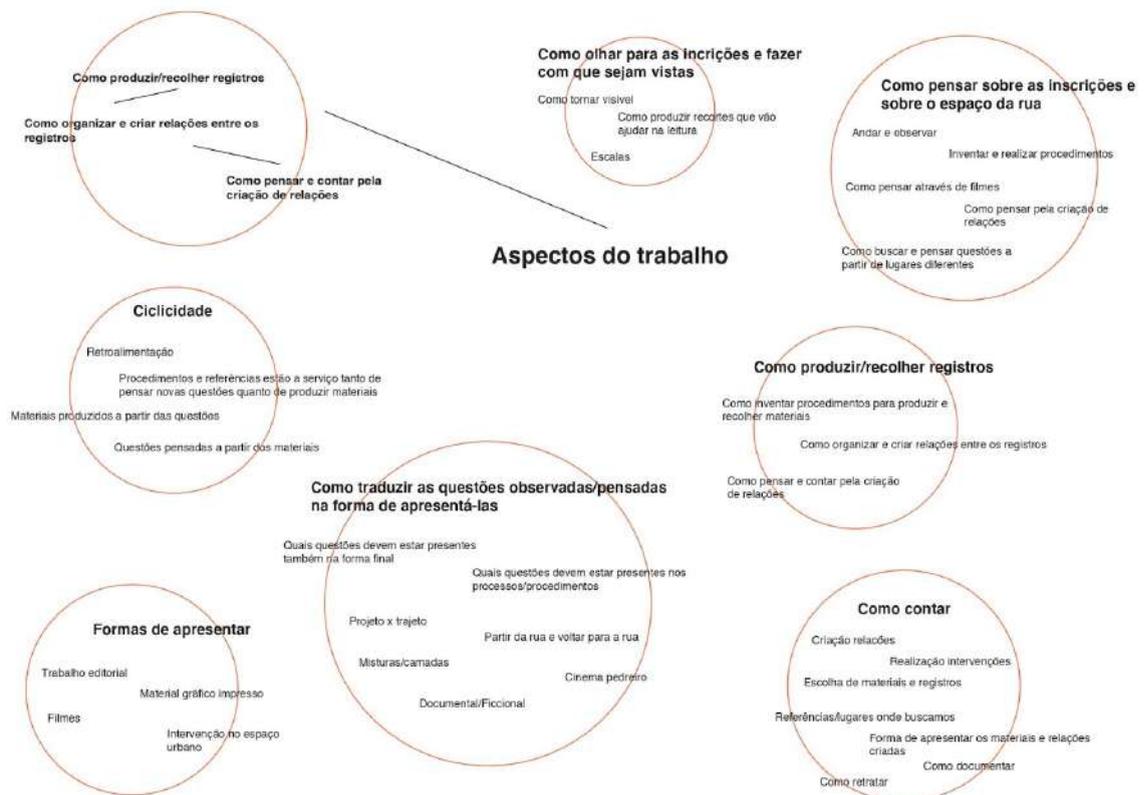
Figurinha 5 - Cartaz

Na semana seguinte, eu e o André nos juntamos novamente e começamos a pensar no relatório que íamos ter que entregar. Fizemos, então, o exercício de tentar entender com mais clareza o que era o trabalho que estávamos fazendo e o exercício de “catalogar” as questões que havíamos levantado até então. Decidi fazer outro mapa para me ajudar nesse exercício.

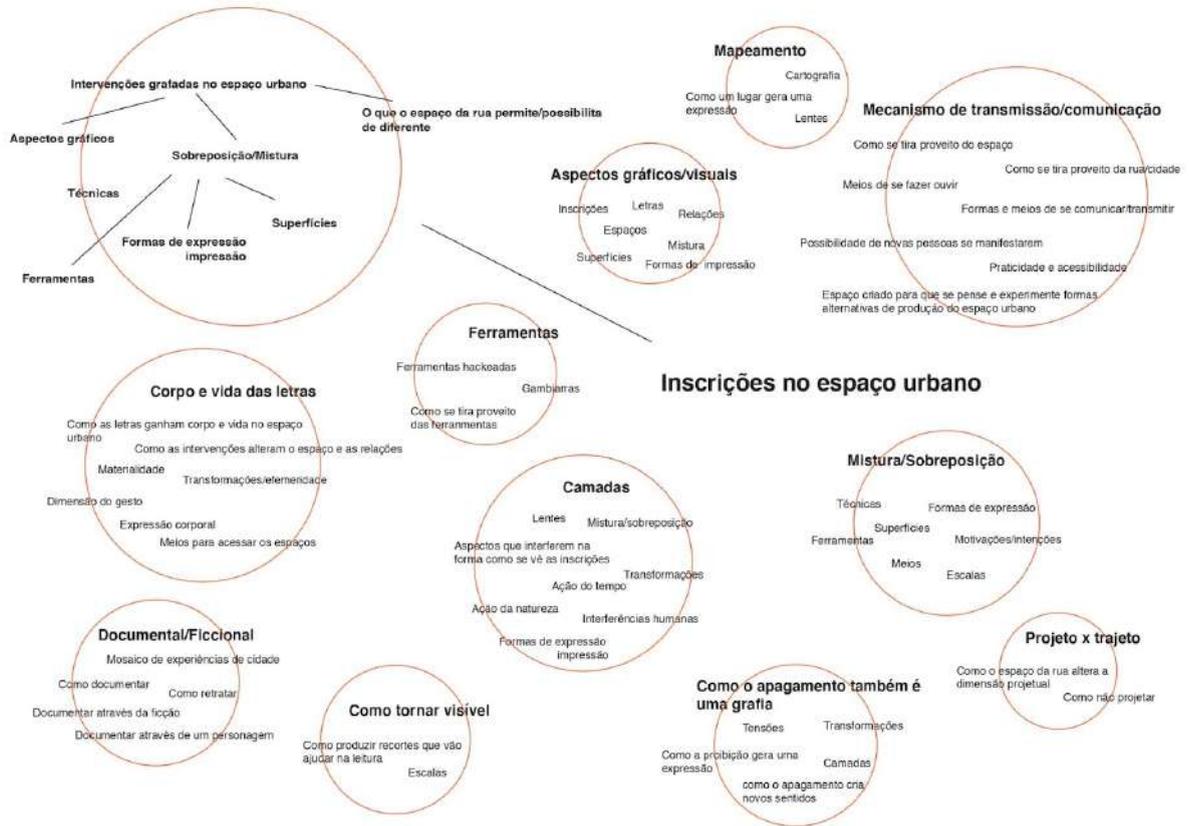


Mapa 8

A partir desse mapa, fiz outros três mapas tentando pensar sobre o que era o nosso projeto, sobre o que estávamos fazendo e o que ainda queríamos fazer.



Mapa 9



Mapa 10



Mapa 11

Primeiros passos - André

No começo, depois de decidirmos fazer o projeto em dupla, e de definir que gostaríamos de falar sobre formas de expressão e comunicação no espaço urbano, consideramos, então, abordar a pixação como tema central.

Decidimos dar início às pesquisas sozinhos e sem comunicação, com a intenção de obter um leque maior de possibilidades de projetos. No primeiro momento, fui atrás de referências, pessoas e artistas que utilizam a rua para se expressar e se comunicar, revisitando assim, o filme “Pixo” (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira, que aborda várias questões da pixação em São Paulo e mostra, através de entrevistas e falas, diferentes conceitos e opiniões sobre o movimento. A partir do filme, questões como o surgimento da pixação como protesto, do fato da cidade de São Paulo ser um agente verticalizador da pixação, a diferença da pixação para o

grafite, a renovação do uso do espaço urbano e a semelhança com a arte rupestre, surgiram as primeiras questões sobre o uso e adaptação da rua para se expressar.

Performances **Cidade** Expressões grafadas

as ruas da cidade, não somente as paredes, são um outdoor em potencial. assim como todos os transeuntes são potenciais espectadores.

Graffiti x Pixação

o pixo e o graffiti são formas de expressão de um grupo que na maioria das vezes não é visto, tem algo envolvendo o ego.

o conceito do pixo está na ilegalidade

“graffiti/pixo não se faz em telas, é pra ser feito nos trens, nas paredes.”

sempre andando junto com movimentos periféricos (hip-hop em ny e funk no brasil)

o graffiti pode ter características meramente artísticas ou pode carregar uma mensagem junto. Em SP, nos anos 90, trazia muitas crônicas/charges do cotidiano para as paredes. além de muitos personagens de desenho animado, que são muito usados até hoje.

a pixação, assim como o graffiti possui aspectos, que podem conferir caráter artístico, contraventor, de protesto. Por vários fatores não é socialmente aceito. diferente do graffiti.

arte rupestre: primeira forma de expressão artística nos muros/paredes

Mapa 1

A partir dessas questões levantadas sobre o uso do espaço urbano como meio de se expressar, busquei mais referências que pudessem motivar essa produção de relações e mais questões dentro da cultura urbana, mais especificamente, na prática do *skate*, visto pelo skatista Klaus Bohms como uma ferramenta uma ferramenta de reinterpretar o espaço. Começamos, então, a investigar o *skate* como uma forma de expressão na cidade, assim como a pixação e o grafite, por exemplo. Revistas como “Vista” e “Thrasher”, *zines* de *skatistas* e vídeos de *skate* produzidos por portais como Free Skate Mag, onde questões e conceitos que envolvem a relação da sociedade com a rua estão presentes. Lembrei então, do coletivo “Flanantes”, que, inspirados na ideia do *flâneur*, produzem vídeos de *skate* sempre relacionando sua prática à cidade, aplicando conceitos de sociologia e antropologia, como o de heterotopia, de Foucault, no vídeo “Flanantopias”.

Vi, também, filmes de autores como Emílio Domingos (filmes como “L.A.P.A” (2008) e “FREESTYLE 1999” (1999) retratam grupos e questões muito presentes na cultura urbana e popular do Rio de Janeiro), Affonso Uchoa (“A Vizinhança do Tigre”

(2014), retrata através de docuficções situações e questões das periferias de Belo Horizonte) e vídeos do M.I.A. (pixador de São Paulo).

Fontes e vídeos como esses me fizeram pensar sobre formas de documentar o que acontece na rua (foto, vídeo, texto, entrevista), e sobre como representar o que foi documentado (impresso ou audiovisual) sendo capaz de mostrar as questões pensadas.

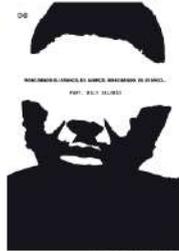


Flanatopias, Murilo Romão, 2018

A partir desse pensamento sobre o registro e documentação é que surge a primeira ideia para o desenvolvimento do projeto, que seria um material gráfico impresso, que poderia ser uma revista ou um *zine* contendo experimentações, relações e edições de imagens do dia a dia nas ruas do Rio de Janeiro que contemplassem as questões observadas, pensadas e produzidas por nós, e um vídeo, sem forma definida, que poderia ser um documentário, uma ficção, algo mostrando o processo da realização de uma intervenção, evidenciando as circunstâncias e situações que permeiam a prática.

Formas de documentar o que acontece nas ruas

fotografia
vídeo
texto
desenho
entrevista



Formas de representar o que acontece nas ruas

impresso

revista, zine, cartaz, gravura, jornal, livro, lambe-lambe, pixo, graffiti, stencil.



Stencil e Bruno (taf)



ADELIFE



Vista art

audiovisual

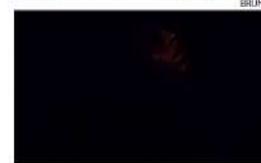
filme ficção, documentário, vídeo, série



Black Contemporary Art mostra que distanciamento social sempre existiu aqui e que a elite pode o que a periferia não pode.



O vídeo BRUNO do taf, mostra a preparação e execução de uma intervenção utilizando um borrifador de jardinagem como instrumento.



filme do Afonso Uchoa, parece ficção e documentário ao mesmo tempo, retrata a vida de "pessoas-personagens" e o cotidiano.

A Ylônhança do Tigre

"Eu ocupo a cidade desse jeito, irmão." -Olhar Instigado

Mapa 2

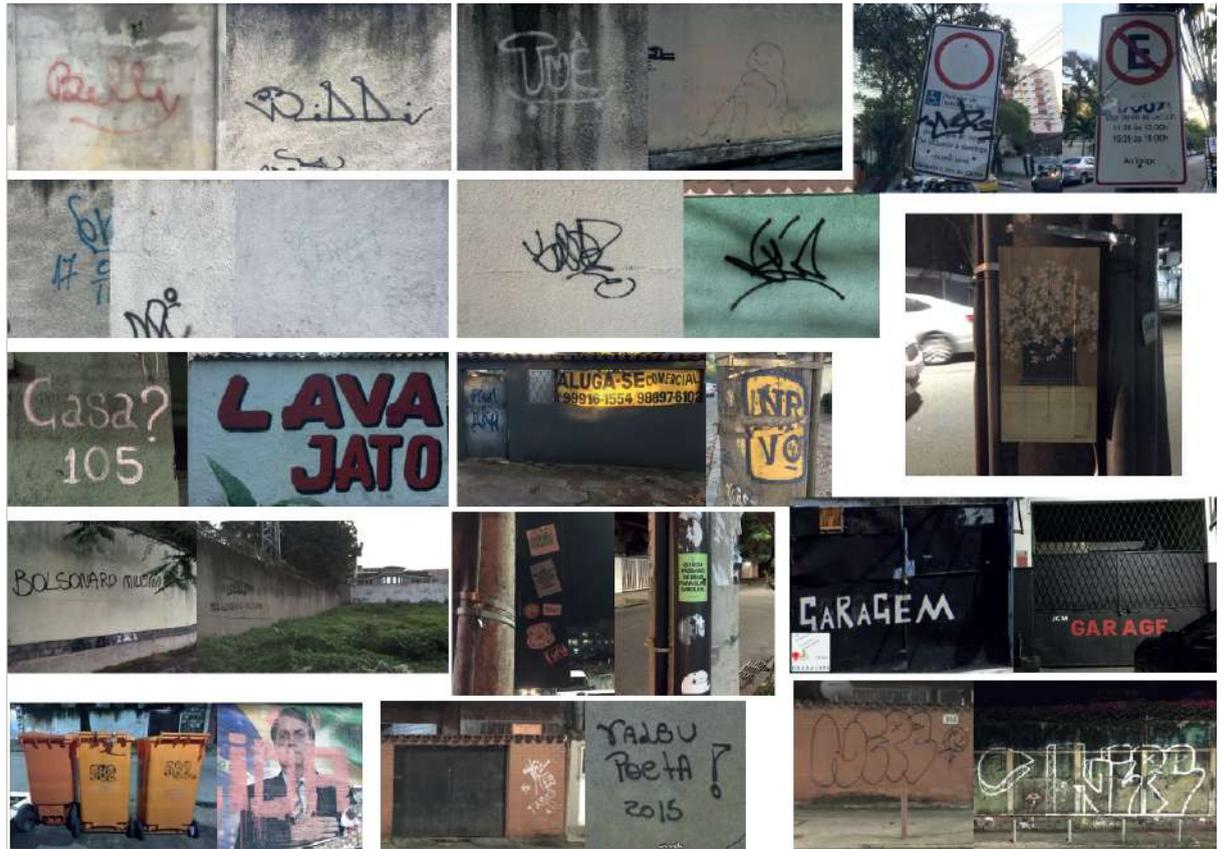
Até esse ponto, tinha definido algumas questões sobre o funcionamento da cidade e as relações dela com as intervenções, tais como: quem faz? Por que faz? Onde faz? Quando faz? O que faz? Observei então, que as intervenções possuem características variadas quando se olha para o bairro onde estão inseridas, por exemplo, ou como um lugar é transformado graças a essas intervenções e que elas estão sujeitas a qualquer tipo de ação, seja do tempo ou humana.

Observando essas questões, notei que era capaz de criar lentes ao olhar para a cidade e ver a efemeridade dessas inscrições, coisas que não eram vistas antes, observar camadas, sobreposição, apagamento, destruição e a partir dessa percepção, comecei a caminhar pelas ruas do meu bairro, registrando intervenções que considerássemos interessantes.



1. “Eu oro em nome de Jesus pra vc q é cego enxergar q aqui é um PORTÃO”. 2. Trecho da música “Eu sou 157” do grupo Racionais Mc’s.

Com a intenção de registrar a rua, mas sem saber muito bem o que registrar, criei então, uma lista de procedimentos a fim de auxiliar durante o processo de documentação (repetição de trajetos, passar pelo mesmo lugar usando meios de transporte diferentes, observar as características das intervenções de outros bairros etc.). Dei início ao registro das intervenções presentes nas ruas de nosso bairros, sem pensar muito no que estava registrando, e, sim, em ter as fotos que poderiam ser observadas depois, assim observando coisas que não foram vistas na hora.



Mapa 3

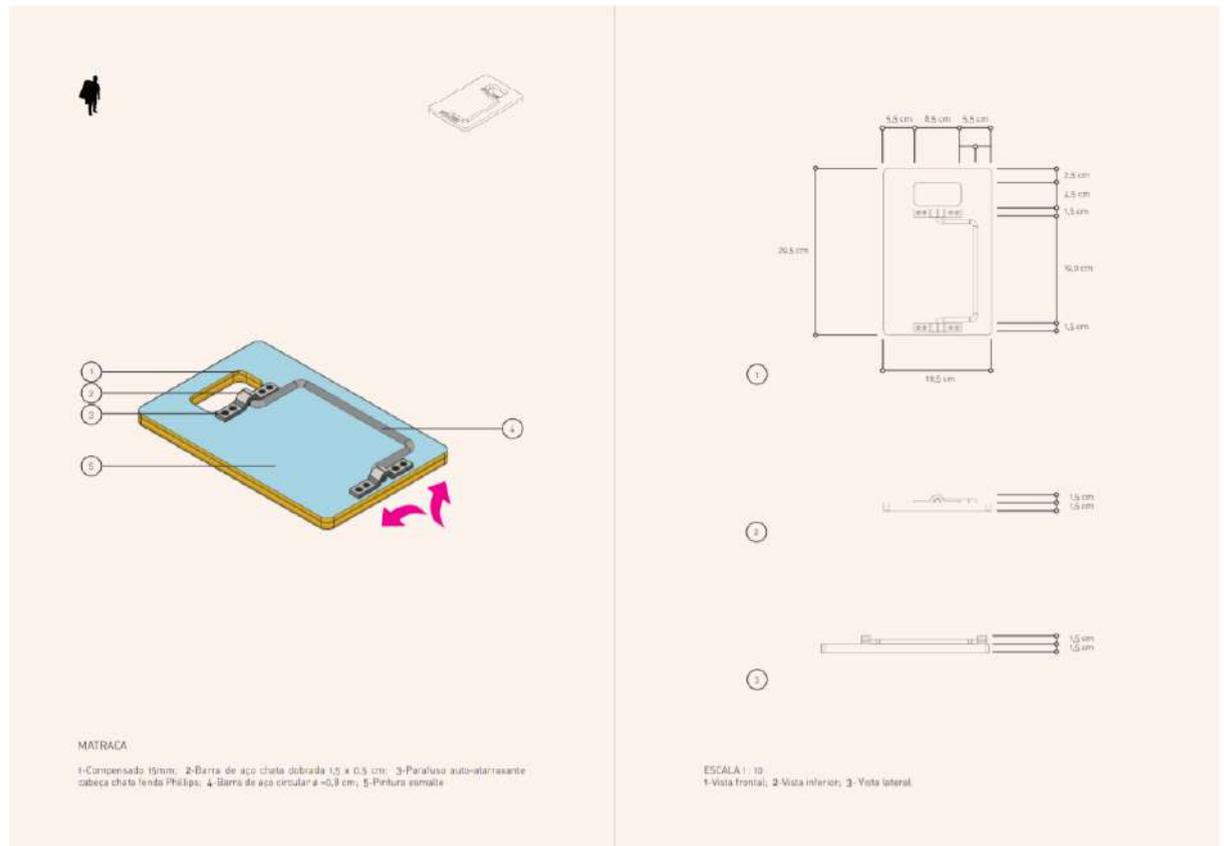
Comecei, assim, a observar as fotos e os mapas, e a criar recortes de imagens e palavras-chave presentes nos mapas, criando, dessa forma, relações entre imagens e palavras, produzindo mais questões a serem pensadas e desenvolvidas. Observei como o uso da superfície é aproveitado, as diversas técnicas empregadas na produção, a intenção com a intervenção, outras questões sobre como o apagamento também pode ser uma grafia e também como as intervenções têm um autor, mas todos são de certa forma donos dela, podendo então apagar, pintar por cima. Percebi, também, que as letras ganham um corpo vivo quando empregadas nas paredes tanto quanto à materialização, textura e forma quanto à presença na rua, podendo interferir de alguma maneira no dia de quem interagiu com elas de alguma forma.



Como o apagamento pode ser uma grafia.

Após pensar nessas questões, visitei o livro “Atlas Ambulante” (2011), organizado por Renata Marquez e Wellington Cançado, que fez pensar em novas questões, como por exemplo, mapear as intervenções na cidade, onde mais se repetem e pensar a respeito das ferramentas “hackeadas” que são usadas desde a concepção até a

execução da intervenção (como um extintor expelir tinta, ou uma ferramenta que foi feita para sinalização).



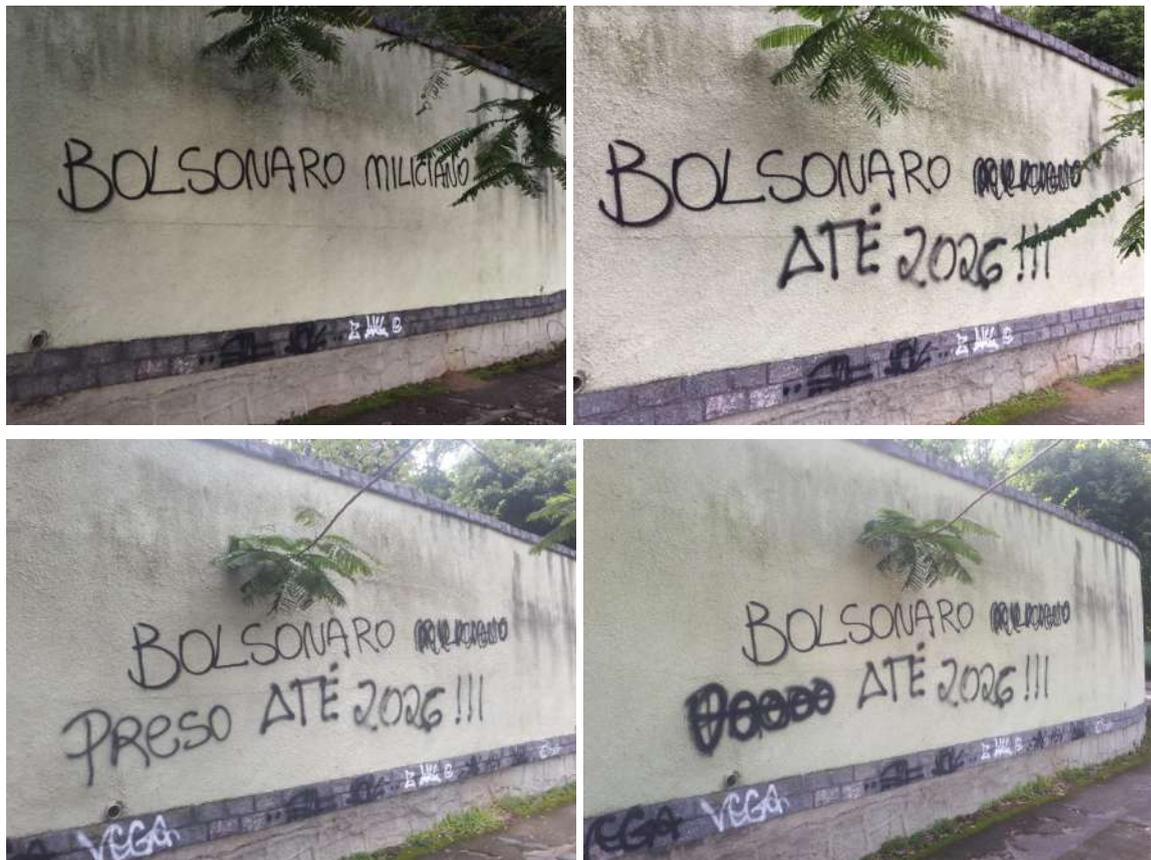
“Atlas ambulante” (2011)

Visitando o ‘Atlas Ambulante’, os olhares sobre o produto da pesquisa foram expandidos e com o número de questões levantadas e considerei que o material gráfico pudesse ser um livro documentando a pesquisa, contendo relações e edições de imagens, com detalhes sobre a prática, manuais de linguagens (*stencil* e lambe, por exemplo), como “hackear” objetos do dia a dia para incorporar na prática, mapeamento de principais intervenções, intervenções que mais se repetiam.

Após ter levantado todas essas questões e tendo como materialização da pesquisa um material impresso e um vídeo ainda não definidos, me deparei com outra questão que era: como devolver nosso objeto de estudo para o lugar de onde ele veio? Como fazer nosso trabalho sobre formas de comunicação e intervenção nas ruas da cidade voltarem para as ruas do Rio de Janeiro? Surgiu assim a ideia de produzir alguma intervenção urbana em algum espaço público da cidade, no início pensei em reproduzir e ampliar o conteúdo do material gráfico em forma de

lambe-lambe de colá-los em pontos da cidade e o vídeo retrataria a ação de colagem dos lambes e mostraria o que acontece com o passar do tempo exposto na rua.

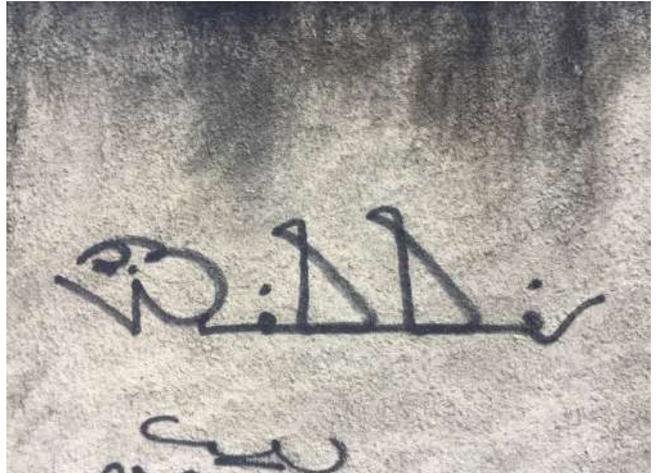
Para elaborar a intervenção, sua forma e seu estilo, comecei por selecionar dentre as fotos que já tínhamos e tentar estabelecer relações entre elas, as questões levantadas, falas e *frames* de filmes, para isso, criei recortes dessas imagens e levantamos mais questões acerca dessas intervenções, a cidade e nossa intervenção, tornar visíveis esses corpos vivos, compreender e entender o saber específico que notamos estar presente nessas intervenções.



Pixações em constante transformação gravadas em condomínio de classe alta em Jacarepaguá.



Declaração de amor. "Eu te "pra" sempre amo Thaís"

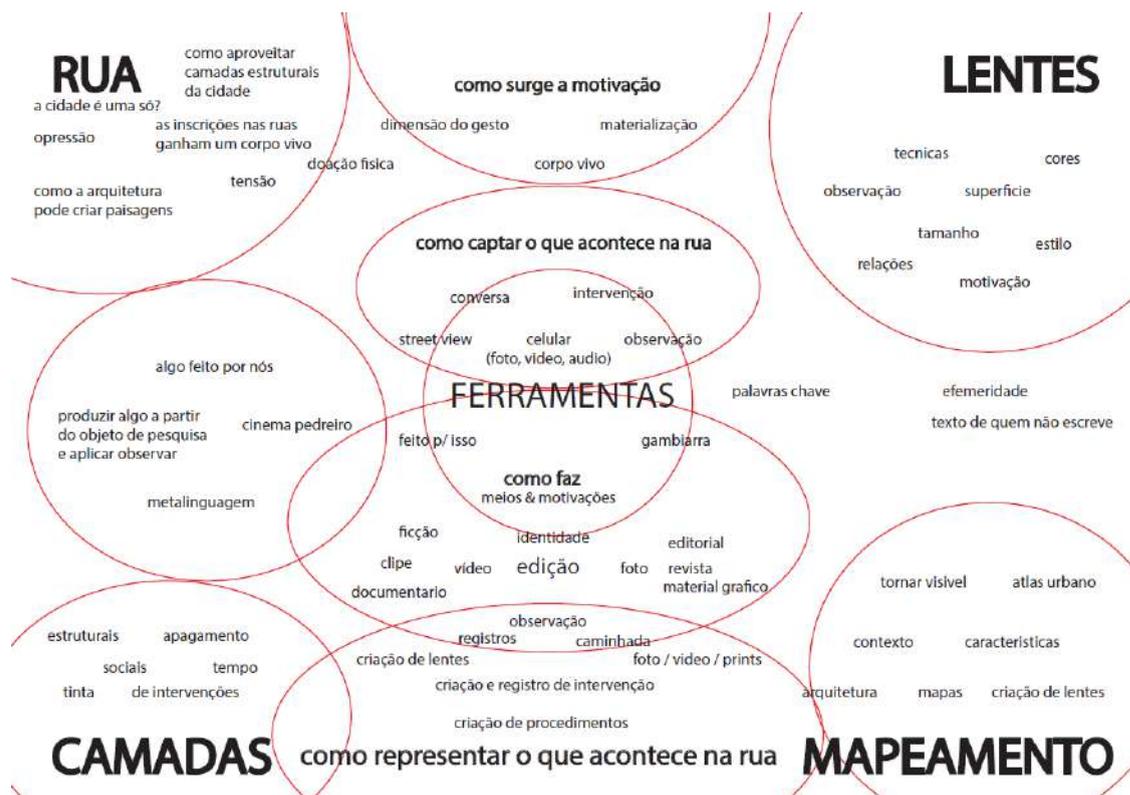


Mesmo nome escrito de maneiras e, provavelmente, por pessoas diferentes.



Mesmo autor repetindo seu nome diversas vezes em diversas superfícies.

Depois de estabelecer relações entre imagens, *frames*, trechos e falas, era hora de decidir o formato final dos nossos três produtos. Para isso, fiz um levantamento de todas as questões que acredito que estejam presentes na forma de se produzir e observar uma intervenção, como registrar e documentar e a partir disso comecei a decupar cada etapa de nosso projeto e pensar em possibilidades de materialização.



Mapa 6

Pesquisa em conjunto

Depois desse processo, conseguimos obter maior clareza a respeito do que estávamos fazendo e de quais eram as questões que havíamos levantado. Voltamos, então, para aquela lista de procedimentos que tínhamos feito anteriormente. Decidimos andar nas ruas e recolher todos os panfletos e demais impressos que fossem entregues no caminho. Andamos na Uruguaiana, Lapa, Glória, Catete e Largo do Machado.

AJUDE-ME A SAIR DA CASA DA SOGRA!!!

2 por R\$ 2,00

Digitizado com CamScanner



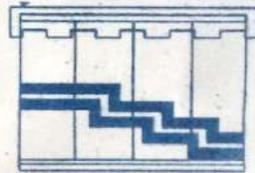
PERSIANAS NETY LTDA.

Rua Machado de Assis, 31 - A - Loja 44 - Flamengo - RJ

TELS.: 2245-6774 / 2225-1448

E-mail: persianas-nety@bol.com.br

- PERSIANAS VERTICAL BLACK-OUT - TECIDO NACIONAL, IMPORTADO E PVC
- PERSIANAS HORIZONTAL 16, 25, 35 E 50 mm: EM ALUMÍNIO PVC E MADEIRA
- PAINÉIS EM LONA DUPLA
- PORTA SANFONADA
- VENEZIANAS - NOVA E CONSERTO
- TELA DE PROTEÇÃO
- SINTEKO
- CORTINA JAPONESA
- ESQUADRIAS EM ALUMÍNIO
- BOX EM ALUMÍNIO E VIDRO TEMPERADO
- PAPEL DE PAREDE
- PISOS (DURAFLOOR, NOVO PISO, EUCAFLOOR)
- ESPELHO SOB MEDIDA



PAGAMENTO FACILITADO.
GARANTIMOS O MENOR PREÇO.

ENTREGA DE 5 À 8 DIAS ÚTEIS



Distr. Interna

Gráfica 2471-9207

Mantenha sua Cidade Limpa.

Digitizado com CamScanner

COMPRO OURO CAUTELA CEF

Ouro quebrado, ouro de dente, jóias antigas, brilhantes, platinas, ouro branco, prataria, moedas de prata, quadros antigos, objetos de arte, faqueiro, relógio de mesa e de parede etc. Relógio de bolso e de pulso Rolex, Patek Philipe, Omega, cartier, Vacheron, Mido e outros.

Estatueta, Cristal - Santos de Madeira - Bijuterias - Compro Dolar danificado e Outras Moedas Estrangeiras **Penhoramos objetos antigos**

Vamos a Domicílio

Sr. Paulo Cesar

Ligue: 3826-1776 / 99755-5903

**Rua do Catete, 214 e 216 - Loja 20 - Galeria Catete
Entrada ao lado do Banco Bradesco**

Distribuição Interna

Espaço Terapia

**Discrição Conforto e
Seriedade no Centro!**

**Massagistas eficientes e atenciosas com
técnicas de relaxamento profundo atuando
em nível físico mental e emocional.**

Tel.: 3825-9988



Segunda à Sexta de 8:00 às 20:00h / Sábado de 8:00 às 16:00h

Praça Olavo Bilac, nº 28 Sala 1417

Próximo a Rua Buenos Aires, nº 116 em Frente ao Banco Itau

(Mercado das Flores)

Depois de termos recolhido e escaneado esses panfletos, decidimos recortar seus elementos. Com os já elementos recortados, passamos a misturá-los e, assim, criar novos panfletos que subvertem a natureza e o propósito comercial desses impressos.

Alguns dos elementos recortados:

Estamos chegando para fazer a diferença



Delícias do Centro

Império do Prazer



Aceitamos todos os cartões e PIX



OURO E JÓIAS

ENTREGA DE 5 À 8 DIAS ÚTEIS

A ÚNICA ABERTA AOS DOMINGOS

ALÔ CATETE!

*Ambiente Aconchegante
Ar condicionado
Total privacidade e segurança*

A PARTIR DE
40,00

Massagistas eficientes e atenciosas com técnicas de relaxamento profundo atuando em nível físico mental e emocional.

Distribuição Interna

**RELOGIOS ROLEX
PATEK PHILLIPPE
VACHERAN
BRILHANTES
CAUTELAS CEF**



Alguns dos panfletos recriados:



Ambiente Aconchegante
Ar condicionado
Total privacidade e segurança

Sedução X
MASSAGENS





Massagistas eficientes e atenciosas com técnicas de relaxamento profundo atuando em nível físico mental e emocional.

Império do Prazer



Reservas: 9796 77099

self
service
sem
balança

17,90

Depois desse exercício de criar panfletos a partir dos impressos que coletamos pelas ruas, voltamos a olhar para todo conjunto de imagens e materiais que tínhamos coletado e produzido. Começamos a pensar em como poderíamos transformar esses materiais de diferentes naturezas em um conjunto de intervenções gráficas a serem gravadas pelas ruas da cidade.

6. Resultados

A partir dessas questões que foram surgindo ao longo da pesquisa, começamos a vislumbrar possíveis formas para dar uma materialidade ao projeto. Tentamos, então, fazer o exercício de pensar o trabalho como sendo um muro presente em algum espaço da cidade. A partir daí, buscamos traduzir algumas dessas questões intrínsecas a esse mecanismo de expressão - gravar elementos gráficos nas diferentes superfícies da cidade - na forma do projeto.

Primeiramente, concluímos que, de alguma forma, este projeto tinha que estar presente na rua. Assim como as inscrições gravadas no espaço urbano, pensávamos em um projeto que não ficasse apenas no campo mental, no campo das ideias. Considerávamos necessário fazer algo material, que dependesse do corpo, da ação e do fazer, algo que nos permitisse estabelecer uma relação concreta e íntima com a cidade e suas superfícies. Queríamos um projeto que partisse da rua em sua fase de pesquisa e coleta de materiais e questões, e que voltasse para a rua em algum momento posterior. Um projeto que se “alimentasse” da cidade, mas que, ao mesmo tempo, oferecesse algo de volta.

Queríamos, também, um projeto que, assim como as intervenções urbanas, escapasse do controle absoluto dos autores. Tínhamos a intenção de fazer com que as ações da cidade fizessem parte do nosso trabalho de maneira concreta. Achávamos importante tornar a rua e a cidade coautoras do projeto. Por fim, pensando na efemeridade característica desse mecanismo e na rua como um espaço constituído por inúmeras camadas e sobreposições, queríamos desenvolver um

projeto que não tivesse uma forma única e definitiva, e que fosse constituído por diferentes camadas.

A partir desse exercício de olhar para o trabalho como uma superfície da cidade, e a partir desses diferentes pontos que haviam ficado claros para nós como "princípios" do projeto, começamos a definir algumas questões com relação à forma. Decidimos realizar um conjunto de intervenções gráficas no centro da cidade. Decidimos, também, que iríamos acompanhar e registrar essas intervenções com o passar do tempo. Depois, concluímos que iríamos desenvolver algum produto a partir desses diferentes registros e a partir do que acontecesse em decorrência desse período em que as intervenções estavam na rua. Achávamos importante, também, que esse produto pudesse voltar para a rua de alguma maneira em um momento posterior.

Ao longo do processo, pensamos em algumas possibilidades de forma que não foram para frente. Em um primeiro momento, pensamos em produzir uma peça gráfica a partir dos materiais coletados; transformá-las em intervenções gráficas a serem gravadas nas ruas; registrar essas intervenções com o passar do tempo; produzir um vídeo a partir das transformações sofridas em decorrência da ação do tempo e da rua e projetar esse vídeo em algum espaço da cidade. Em um momento seguinte, abandonamos a ideia da peça gráfica e pensamos em realizar um conjunto de intervenções; acompanhá-las e registrá-las com o passar do tempo; produzir um vídeo a partir desse processo e projetá-lo na rua.

Mais adiante, pensamos em produzir um livro. Uma espécie de diário visual do processo juntando todos os materiais recolhidos e todos os registros fotográficos produzidos durante a pesquisa, incluindo os registros das intervenções que realizamos, e os registros dessas intervenções com o passar do tempo. Por fim, ainda pensando nesse diário visual, cogitamos produzir uma espécie de jornal. Uma peça gráfica de grandes dimensões e sem qualquer costura, formada por páginas encaixadas umas nas outras e utilizando apenas imagens sangrando, sem uso de texto e sem qualquer edição dos registros. Ainda tínhamos a intenção de transformar cada dupla de páginas desse jornal em um lambe-lambe a ser colado na cidade.

Porém, questões práticas de produção, como as limitações da pandemia, o tempo e o dinheiro impossibilitaram essas alternativas. Apesar de nenhuma delas ter

ido pra frente, pensar em todas essas possibilidades foi muito importante para que tivéssemos cada vez mais clareza a respeito do que estávamos fazendo e do que realmente tínhamos vontade de fazer. Pensar nessas alternativas foi o que nos possibilitou chegar nos resultados finais.

Decidimos, então, realizar os seguintes processos: Produzir um conjunto de intervenções gráficas a partir dos registros e materiais coletados durante os diferentes processos de observação da cidade que havíamos realizado; Gravar essas intervenções em diferentes espaços do centro da cidade; Registrar o processo de produção e execução dessas intervenções; Acompanhá-las e registrá-las regularmente com o passar do tempo; Criar sequências de imagens estabelecendo relações entre todos os diferentes tipos de registros feitos; Produzir uma espécie de “diário visual” da pesquisa em formato de lambe-lambe usando essas sequências de imagens; Colar os lambes na cidade; Transformar esses lambe-lambe em cadernos utilizando apenas dobras e cortes, sem qualquer tipo de costura.

Apesar de termos produzido uma peça gráfica como “produto final”, não pensamos nesse material como o único resultado desse projeto, e nem mesmo como o resultado principal. Ao longo do processo, desenvolvemos e identificamos um conjunto de coisas, que, mais adiante, entendemos como os resultados da pesquisa. Esses resultados, assim como grande parte dos processos realizados durante o trajeto, surgiram do próprio caminho, não foram definidos de antemão. Não conduzimos a pesquisa visando alcançá-los. Alguns deles, nem mesmo entendíamos como resultados desde o princípio.

É importante comentar que não enxergamos esses diferentes “produtos” de maneira hierárquica. Não enxergamos uma maior relevância em qualquer um deles. Pensamos que esses resultados, apesar de distintos, formam um único conjunto. Formam uma espécie de sistema composto por diferentes partes que respondem a uma mesma “investigação”. Cada parte exerce seu papel e todas se complementam. Durante todo o caminho um resultado foi nos levando ao outro. Eles funcionaram ao mesmo tempo como um fim e como um ponto de partida.

6.1. Os diferentes resultados

Depois de todos os processos que realizamos durante o trajeto dessa pesquisa, conseguimos ter maior clareza e entender concretamente quais eram os resultados do projeto. São eles:

O conjunto de registros que produzimos; O conjunto de materiais que coletamos; As questões levantadas; As intervenções gráficas gravadas no centro da cidade; As intervenções gráficas depois de ficarem um tempo na rua e sofrerem as ações da cidade; Os lambe-lambe constituídos pelas sequências de imagens; Os cadernos feitos a partir dos lambes; A relação íntima que estabelecemos com a rua, com o centro da cidade e com os diferentes elementos gráficos presentes no espaço urbano.

6.1.1. Registros fotográficos

Os registros fotográficos são um dos produtos dessa pesquisa que não enxergávamos como um resultado desde o princípio.

Logo na primeira semana do projeto, antes mesmo de pensarmos em realizar intervenções gráficas pelas ruas, nosso objetivo era encontrar maneiras de observar e “ouvir” a cidade. Ao invés de buscarmos textos ou outras referências que falassem sobre o assunto, queríamos apenas começar a olhar para a rua e observar a cidade e os elementos gráficos presentes no espaço urbano. Queríamos fazer uma espécie de “alfabetização” na linguagem gráfica urbana, tentar entender esse jogo comunicacional que percebemos existir na cidade, para depois podermos participar dele como mais uma “jogada”. Queríamos, através desse olhar para a cidade, começar a perceber e entender algumas questões que poderiam conduzir o projeto nos momentos seguintes.

Nesse primeiro instante, por conta das limitações impostas pela pandemia, encontramos duas maneiras para que pudéssemos começar a observar as

intervenções gráficas presentes nas ruas. Foram elas: assistir filmes e realizar trajetos no *Google Street View*. Através desses dois lugares, além de observarmos o espaço urbano, começamos também a produzir registros. Tiramos *prints* dos trajetos que realizamos no *street view* e capturamos *frames* dos filmes que assistimos.



1. *Frame* do filme “A cidade é uma só” (2011), de Adirley Queiróz. 2. *Frame* do filme “Entrevista com as coisas” (2015), de Lincoln Péricles.



1. *Frame* do filme “Pixo” (2010), de João Wainer e Roberto T. Oliveira. Trabalho de Conclusão de curso de um aluno do curso de Belas Artes. 2. *Frame* do filme “A vizinhança do tigre” (2014), de Affonso Uchoa



4 *prints* de imagens do *Google Street View*

Em um momento seguinte, paramos um pouco de assistir novos filmes e de realizar novos trajetos e passamos a olhar para os registros que já havíamos feito. Passamos a fazer o exercício de tentar perceber e estabelecer diferentes tipos de relações entre as imagens. Estabelecemos relações semânticas, relações de cor, de linguagem, localização, técnica, entre outras. Com isso, fomos percebendo uma série de outras coisas que não havíamos nos atentado no momento em que produzimos cada registro. Esses registros foram nos permitindo, cada vez mais, entrar em contato com a rua e com esse mundo das letras, imagens e informações gravadas nos diferentes espaços da cidade. Começamos a estabelecer uma relação cada vez mais próxima com esse mecanismo de expressão que estávamos interessados.

Através da produção e da análise desses registros, começamos a perceber e levantar questões que nos foram muito úteis ao longo de todo processo. Nesse momento, porém, ainda considerávamos essas imagens apenas como um ponto de partida da pesquisa, apenas como um “alimento” para os momentos seguintes do projeto.

Um pouco mais adiante, com a pandemia já mais controlada, começamos a poder andar pela cidade e voltamos a produzir novos registros, dessa vez com a câmera de nossos celulares. Registramos lugares como Anil, Freguesia, Pechincha, Praça Seca, Tanque, Barra da Tijuca, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete, Glória, Lapa e Centro. Nesse momento, começamos a perceber como essas diferentes perspectivas a partir das quais estávamos olhando e registrando a cidade, nos induziam a percepções muito diferentes. Nos permitiam perceber aspectos que não conseguiríamos acessar a partir de outros lugares. A partir de cada perspectiva, conseguíamos ver uma cidade diferente. Desde uma ótica mais ampla e afastada a uma ótica mais íntima. De um lugar mais distanciado do nosso objeto de pesquisa a um lugar em que estávamos totalmente inseridos no ambiente que estávamos pesquisando.



1. Grafite com o rosto de Bezerra da Silva. Rua Joaquim Silva, Lapa. 2. Pixação meio apagada na Rua Araguaia, Freguesia.



1. Intervenção com jornal e tinta na Rua General Glicério, Laranjeiras. 2. Grafite no centro da cidade.



1. Grafite na Rua Ituverava, Anil. 2. Pixações na Glória

Além de exercerem uma influência direta no que conseguíamos apreender, as diferentes perspectivas também determinavam as formas como conseguíamos registrar a cidade. Cada modalidade nos impunha limitações distintas e nos ofereciam diferentes possibilidades. Através dos filmes, por exemplo, nós não tínhamos nenhuma liberdade de registro. Tínhamos apenas a possibilidade de escolher o frame exato que queríamos extrair. Por outro lado, os filmes nos davam acesso a lugares e

a imagens que não poderíamos acessar através de nenhum outro lugar. Já na ferramenta do *Google Street View*, nossos registros ficavam limitados aos locais e à posição que o carro do *Google* passava pela cidade.

Tínhamos um pouco mais de liberdade, já que era possível girar em torno do próprio eixo e diminuir ou aumentar a proximidade da câmera. Além disso, essa ferramenta nos dava outras possibilidades como registrar um mesmo local em diferentes épocas, ou registrar um local em uma época específica. Através do *Street View* também tínhamos a possibilidade de acesso a mais lugares e a lugares muito distantes uns dos outros. Nos registros que fizemos com o celular as limitações eram muito menores. Podíamos fotografar qualquer coisa que nos chamasse atenção. Tínhamos, por exemplo, a possibilidade de fotografar as texturas das superfícies da cidade a uma distância mínima. Por estarmos na rua, ainda conseguíamos perceber uma série de outras coisas, como a relação das pessoas com aquilo que estávamos registrando, ou até mesmo a relação das pessoas com o ato de registrar os espaços e superfícies da cidade.

Nesse momento, percebemos como já tínhamos um banco de imagens enorme. Começamos, então, a tentar “digerir” essas imagens e pensar no que poderíamos fazer com esses materiais. Queríamos, de alguma forma, levá-los de volta para a rua. Queríamos transformá-los em intervenções gráficas, em provocações para a cidade. Tínhamos a intenção de, a partir desses registros, começar a nos corresponder concretamente com a rua. Começamos então, a desenvolver lambe-lambe a partir dos diferentes registros que havíamos feito e partir das questões que haviam surgido desse processo de observar e registrar a rua. Passamos, também, a registrar todo o processo de desenvolvimento e execução dos lambes, e a acompanhá-los e registrá-los regularmente com o passar do tempo, durante as suas “vidas” no espaço urbano.

Durante esse processo, fomos desenvolvendo por acaso uma espécie de metodologia de registro, tanto das coisas que víamos pela cidade, quanto das intervenções que fomos realizando. Percebemos como sempre fazíamos os registros enfatizando aspectos parecidos. Enfatizamos pontos como o processo de execução das intervenções, o uso das ferramentas, a relação com as várias camadas ao redor, as diferentes superfícies, a relação das pessoas com as intervenções, as

transformações, acúmulos e sobreposições que foram ocorrendo com o passar do tempo, etc.

Somando esses registros das intervenções que fizemos pela cidade, ficamos com um banco de imagens ainda maior. Ao todo foram 5009 imagens. Sendo 725 *prints* do *Street View*, 523 *frames* de filmes e 3761 fotos de rua (incluindo as fotos que tiramos da rua e as fotos das nossas próprias intervenções).

Percebemos, um pouco mais adiante, como esse banco de imagens poderia contar muitas coisas. Poderia contar tanto sobre os processos e caminhos dessa pesquisa, quanto sobre a rua e o sobre esse mecanismo de expressão que acreditamos ser tão importante para a vida da cidade.

Voltamos, então, a fazer o exercício de tentar perceber e estabelecer diferentes tipos de relações entre os registros. Passamos a criar sequências de imagens a partir dessas relações que foram surgindo. Queríamos, através dessas sequências, fazer uma espécie de “diário visual” da pesquisa. Queríamos contar sobre os processos realizados e sobre tudo que observamos, percebemos e pensamos ao longo da pesquisa, utilizando apenas imagens, sem uso de qualquer recurso textual.

Com isso, fomos percebendo como os registros funcionaram ao mesmo tempo como um alimento e como um produto de toda a pesquisa. Ao mesmo tempo em que os registros nos possibilitaram pensar e perceber todas as questões que conduziram o projeto, foram eles que nos permitiram materializar e contar tudo que queríamos. Foi a partir dos registros que conseguimos produzir as intervenções gráficas e produzir a peça gráfica final. Os registros foram, ao longo de todo o projeto, um ponto de partida e um fim.

6.1.2. Materiais coletados

Os materiais coletados, assim como os registros fotográficos, são mais um dos produtos dessa pesquisa que não entendíamos como um resultado desde o começo.

Em um momento em que não estávamos sabendo muito bem como prosseguir na pesquisa, decidimos fazer uma lista de procedimentos a serem realizados que achávamos que poderiam nos levar a caminhos interessantes. Pensando em uma situação muito corriqueira e característica da cidade, um dos procedimentos listados foi: andar pela rua e recolher todos os panfletos que estivessem sendo entregues. A partir disso, enquanto fazíamos os registros fotográficos pela cidade, começamos a recolher panfletos e outros materiais que encontrássemos pelo caminho. Coletamos panfletos, cartões de visita, santinhos políticos, lambe-lambe, e outros materiais como um papelzinho com uma mensagem impressa grampeado em um saquinho de amendoim que estava sendo vendido em algum ponto de ônibus.



Panfletos coletados nas ruas da cidade.

A partir desse processo de recolha, fomos percebendo como os materiais variavam muito de acordo com cada localidade. Vimos como cada impresso desses nos permitia entender muito sobre cada lugar e cada espaço da cidade. Nesse momento, pensávamos nesses materiais apenas como um meio para que pudéssemos levantar questões, como um meio para encontrarmos novos caminhos para a pesquisa. Com o passar do tempo, fomos gostando de recolher esses materiais e ficamos com vontade de pensar em outras coisas que poderíamos fazer a partir de tudo que havíamos recolhido. Decidimos, então, escanear todos os impressos. Com os materiais já digitalizados, começamos a recortar todos os elementos de cada peça escaneada. Depois, embaralhando e reorganizando esses elementos, passamos a criar novos panfletos, que geravam novos significados ou até mesmo uma falta de significados mais concretos.

Mais adiante, percebemos como esse exercício de misturar e embaralhar diferentes panfletos, era praticamente uma “simulação” de uma situação muito corriqueira de quem anda a pé pelos diferentes espaços da cidade. Quando andamos pelas ruas, é muito comum que nos sejam oferecidos, em um intervalo de tempo e espaço muito pequenos, uma enorme quantidade de panfletos, cada um com um conteúdo completamente diferente do outro. Esse acesso simultâneo a conteúdos tão distintos, vai gerando uma série de novas camadas de informações e de sobreposições semânticas que percebemos ser muito características do espaço urbano. A partir desse exercício, conseguimos entender cada vez mais como a rua é formada justamente por essas várias camadas que se misturam, se embaralham e se sobrepõem a todo instante.

Esse exercício de criar novos panfletos a partir dos materiais recolhidos, além de ter nos possibilitado perceber e pensar em algumas questões que nos foram muito úteis no restante do projeto, nos serviu, mais adiante, como material para algumas das intervenções gráficas que fizemos no centro da cidade.

Mais na frente, devido a grande quantidade de materiais que recolhemos, e a tudo que essa recolha nos permitiu perceber, entender e produzir, passamos a olhar para todo esse banco de materiais não apenas como um ponto de partida, com um alimento da pesquisa, mas, também, como um resultado.

6.1.3. Intervenções gráficas

Desde o começo da pesquisa, tínhamos como “princípio” não pensar nas intervenções gráficas urbanas desassociadas do ambiente em que elas existem. Achávamos necessário pensá-las como um mecanismo de expressão/comunicação em que tanto as intervenções quanto a rua participam de maneira ativa. Com isso, achávamos importante também que não ficássemos apenas no campo teórico, queríamos estar na rua e fazer coisas concretas pela cidade. Queríamos que o projeto partisse da rua e voltasse para ela, que o projeto se alimentasse da cidade e oferecesse algo de volta. Queríamos desenvolver um trabalho que nos permitisse dialogar com a cidade de maneira concreta, que nos permitisse responder a rua e deixar ela nos responder, um trabalho em que pudéssemos provocar e ser provocados pela cidade, quase um jogo de perguntas e respostas.

Como já tínhamos uma quantidade muito grande de imagens e materiais recolhidos, começamos a pensar em como poderíamos transformar tudo isso que havíamos registrado e coletado em intervenções gráficas, em provocações para a cidade. Nossa maior preocupação, porém, não era exatamente com o conteúdo de cada intervenção que iríamos realizar. O que estávamos realmente interessados era em fazer uma grande quantidade de coisas nas ruas e ficar observando a ação da cidade sobre elas, ficar observando o que acontecia com o passar do tempo. Estávamos tão interessados no trabalho da rua quanto no nosso.

Uma das principais questões que conduziram essa pesquisa e que também nos levaram a querer fazer as intervenções pela cidade, foi justamente olhar para esse “corpo” e para essa “vida” que os elementos gráficos passam a ter quando são gravados nos espaços públicos. Perceber como eles são constantemente modificados e transformados em decorrência das diferentes ações da cidade e, ao mesmo tempo, perceber como esses elementos modificam efetivamente a vida da cidade e a maneira como as pessoas se relacionam com os espaços.

Além disso, outra questão que também nos fez querer gravar elementos gráficos na cidade, foi a percepção de que, para ocuparem um espaço na rua, as intervenções gráficas dependem de um corpo, de uma ação, de um gesto. Não existem mentalmente, são realizadas com o corpo inteiro. Por isso, através da realização

dessas intervenções, queríamos, também, perceber questões intrínsecas ao ato, a prática de gravar coisas na rua. Alguns exemplos dessas questões são: Onde se pode gravar?; O que pode ser gravado?; Como as pessoas se relacionam com as diferentes gravações?; Quem decide o que pode e o que não pode?; Como o poder público se relaciona com isso?

Desenvolvemos, então, a partir dos registros e materiais coletados, 41 intervenções gráficas (sendo a grande maioria lambe-lambe) com diferentes conteúdos, linguagens e dimensões e as gravamos em diferentes locais e superfícies. Queríamos, através dessa variedade, perceber como a cidade se relaciona de maneiras distintas dependendo da linguagem, da técnica, do local, do contexto, etc. Essas intervenções funcionavam mais ou menos como prótotipos. Intervenções não tão projetadas e nem tão trabalhadas que serviam como provocações para a cidade. Provoações que achávamos que poderiam nos levar a observar e perceber algumas coisas interessantes.

Apesar de não estarmos, ao longo do processo, tão preocupados com o conteúdo das intervenções, percebemos, posteriormente, como o conjunto de coisas que fizemos acabou abrangendo grande parte das questões que surgiram ao longo de todo o processo de pesquisa. Além disso, a execução dessas intervenções nos levou a perceber e levantar novas questões. Com isso, passamos a pensar nesse processo de gravar coisas na cidade não apenas como um resultado do projeto ou como uma forma de responder a rua, mas, também, como uma outra perspectiva através da qual pudemos olhar para a cidade e para os elementos gráficos nela gravados.

Uma perspectiva que nos permitia olhar e perceber coisas que não conseguiríamos a partir de outros lugares. Questões práticas da execução como aprender a utilizar e tirar proveito das ferramentas, das diferentes superfícies; aprender a ler os diferentes contextos e situações para saber os melhores locais e momentos para se gravar algo na rua; foram algumas das coisas que pudemos entender ao longo de todo esse processo. Através dessa perspectiva, conseguimos, também, entender com mais clareza algumas das diferentes maneiras com que a cidade e os elementos gráficos se relacionam e se influenciam.

Gravamos essas 41 intervenções entre os dias 15/02/2022 e 04/05/2022 na região do centro da cidade, e em seus bairros adjacentes, como a Lapa e a Glória.

Optamos por ficar apenas no centro por algumas razões: Por ser uma região de fácil acesso para nós dois; Por conta da localização da ESDI (Rua do Passeio, Lapa), local que usávamos para preparar todos os materiais antes de executarmos as intervenções na rua; Por termos fácil acesso a gráficas rápidas para que pudéssemos imprimir os materiais; Por ser um local que tínhamos facilidade de continuar acompanhando e registrando as intervenções com o passar do tempo; Por conta da grande influência que o Centro da Cidade teve tanto na escolha da pesquisa quanto em todo o caminho do projeto.

Para produzirmos e executarmos esse conjunto de intervenções gráficas no centro da cidade, percorremos algumas etapas que se repetiram de maneira cíclica ao longo de todo período em que estivemos fazendo coisas pelas ruas. O processo ocorreu da seguinte maneira: primeiramente olhávamos para todos os registros e materiais que já havíamos produzido e coletado. De maneira individual, começávamos a pensar em coisas que poderíamos fazer com alguns desses materiais. Criamos uma lista e íamos adicionando todas as ideias que fossem surgindo.

A partir das ideias listadas, passávamos a escolher semanalmente algumas opções para levar para a rua. Preparávamos os arquivos em casa e nos encontrávamos na ESDI para produzir as intervenções. Imprimíamos, em uma gráfica ali perto, todos os arquivos preparados para a semana. Com os materiais já impressos, fazíamos os recortes, dobras e colagens necessárias e preparávamos a mistura de água e cola para os lambes. Botávamos todos os materiais em uma pasta e saíamos andando pelo centro sem um destino nem um trajeto definido (apenas 2 das 41 intervenções foram pensadas para um local específico).

Ao longo desses trajetos, íamos procurando lugares e situações propícias para gravarmos algum dos materiais que estavam na pasta. Não encarávamos como uma obrigação ter que gravar todos os materiais preparados em um mesmo dia. Só executávamos algo se achássemos um bom local e uma boa situação para cada material específico. Em muitos dos trajetos realizados, inclusive, passávamos várias vezes em um mesmo local até identificar uma boa oportunidade para fazermos as intervenções. Fizemos todas as intervenções juntos, sempre revezando quem registrava e quem executava.

Quase sempre que iniciávamos um novo trajeto, passávamos, primeiramente, nos locais onde já havíamos feito alguma coisa para observar e registrar o que tinha acontecido. Ao longo desses trajetos, também aproveitávamos para continuar registrando a cidade e coletando novos materiais. É importante comentar, também, que não tínhamos uma quantidade de intervenções definida de antemão. Ao longo do processo, um experimento foi nos levando ao outro. Cada intervenção que realizávamos nos dava novas ideias e nos dava vontade de fazer novas coisas.

Os trajetos que realizamos foram os seguintes:¹

1. 15/02/22

R. do Passeio - - - - - R. Evaristo da Veiga - - - - - Praça Cardeal Câmara - - - - - Av. Mem de Sá - - - - - R. do Lavradio - - - - - R. do Senado - - - - - Av. Gomes Freire - - - - - R. Visconde do Rio Branco - - - - - Praça Tiradentes - - - - - R. Imperatriz Leopoldina

2. 22/02/22

R. Evaristo da Veiga - - - - - Av. República do Paraguai - - - - - R. Silva Jardim - - - - - Praça Tiradentes - - - - - R. Imperatriz Leopoldina - - - - - R. Luis de Camões - - - - - R. Gonçalves Léo - - - - - R. Luis de Camões - - - - - R. Regente Feijó - - - - - R. Buenos Aires - - - - - R. República do Líbano - - - - - R. da Constituição - - - - - Av. Gomes Freire - - - - - R. Visconde do Rio Branco - - - - - R. Regente Feijó - - - - - R. da Constituição - - - - - Praça Tiradentes - - - - - Largo Albino Pinheiro - - - - - R. do Teatro - - - - - R. Luís de Camões - - - - - R. da Conceição - - - - - R. Buenos Aires - - Av. Passos - - - - - Praça Tiradentes - - - - - R. Silva Jardim - - - - - Av. República do Paraguai

¹ Acabamos perdendo os registros dos caminhos percorridos nos dois últimos trajetos que realizamos nos dias 2/05 e 4/05.

3. 11/03/22

R. do Senado - - - - - Av. República do Chile - - - - - Av. República do Paraguai - - - - -
Praça Tiradentes - - - - - R. Visconde do Rio Branco - - - - - R. da Constituição - - - - -
R. Regente Feijó - - - - - R. Luis de Camões - - - - - R. Gonçalves Ledo - - - - - R. Luis
de Camões - - - - - R. Imperatriz Leopoldina - - - - - R. Silva Jardim - - - - - R. do
Senado - - - - - Escadaria - - - - - Av. República do Paraguai - - - - - Praça Cardeal
Câmara - - - - - Arcos da Lapa - - - - - R. Joaquim Silva

4. 14/03/22

R. Evaristo da Veiga - - - - - Arcos da Lapa - - - - - R. Riachuelo - - - - - R. do Lavradio -
- - - - - R. do Senado - - - - - Av. Gomes Freire - - - - - R. Visconde do Rio Branco - - - - -
R. República do Líbano - - - - - R. da Constituição - - - - - R. Regente Feijó - - - - - R.
Luis de Camões - - - - - R. Gonçalves Ledo - - - - - R. Luis de Camões - - - - - R.
Imperatriz Leopoldina - - - - - Praça Tiradentes - - - - - R. Silva Jardim - - - - - R. do
Senado - - - - - Escadaria - - - - - Av. República do Paraguai - - - - - Praça Cardeal
Câmara - - - - - Arcos da Lapa - - - - - R. Joaquim Silva - - - - - R. da Lapa - - - - - R.
da Glória - - - - - Av. Augusto Severo - - - - - R. Joaquim Silva - - - - - R. Moraes e Vale -
- - - - - R. Teixeira de Freitas - - - - - R. Teotônio Regadas - - - - - R. Visconde
Maranguape - - - - - Av. Mem de Sá - - - - - R. Riachuelo - - - - - R. Silvio Romero - - - - -
- Travessa Muratóri - - - - - R. Francisco Muratóri - - - - - R. Riachuelo - R. Tadeu
Kosciusko - - - - - R. Carlos Sampaio - - - - - Praça da Cruz Vermelha - - - - - Av.
Henrique Valadares - - - - - R. da Relação - - - - - Av. República do Chile - - - - - Av.
República do Paraguai

5. 30/03/22

R. do Passeio - - - - - Praça Floriano - - - - - Av. Rio Branco - - - - - Av. Nilo Peçanha -
R. São José - - - - - Av. Presidente Antônio Carlos - - - - - Largo do Paço - - - - - Praça
Quinze de Novembro - - - - - R. do Rosário - - - - - R. Visconde de Itaboraí - - -
Travessa do Tinoco - - - - - R. do Mercado - - - - - Praça Quinze de Novembro - - - - -
Terminal CCR Barcas Praça XV

6. 5/04/22

R. do Passeio - - - - - R. Santa Luzia - - - - - Av. Calógeras - - - - - Av. Presidente
Wilson - - - - - Praça Quatro de Julho - - - - - Av. Beira Mar - - - - - Passarela Paulo
Bittencourt - - - - - Av. Infante Dom Henrique - - - - - Passarela Paulo Bittencourt - - -
Av. Beira Mar - - - - - Av. Presidente Antônio Carlos - - - - - Av. Franklin Roosevelt - - -
Av. Mal. Câmara - - - - - R. Santa Luzia - - - - - Praça Procurador-Geral de Justiça
Hermano Odilon dos Anjos - - - - - Largo da Misericórdia - - - - - Praça do
Expedicionário - - - - - Praça Luiz Souza Dantas - - - - - Praça Marechal Âncora - - - -
Praça XV - - - - - Largo do Paço - - - - - R. Sete de Setembro - - - - - Av. Rio Branco -
Av. Nilo Peçanha - - - - - Largo da Carioca - - - - - Av. Rio Branco - - - - - Estação de
Metrô da Carioca - - - - - Av. Rio Branco - - - - - R. Evaristo da Veiga - - - - - Praça
Floriano - - - - - Estação de Metrô da Cinelândia

7. 27/04/22

R. São José - - - - - R. Dom Manuel - - - - - Beco da música - - - - - Praça Luiz Souza
Dantas - - - - - Praça Marechal Âncora - - - - - Mergulhão Praça Marechal Âncora - - -
Av. Alfred Agache - - - - - Praça XV - - - - - Av. Alfred Agache - - - - - Mergulhão Praça
Marechal Âncora

8. 29/04/22

R. São José - - - - - Av. Nilo Peçanha - - - - - R. Gonçalves Dias - - - - - R. do Ouvidor
R. Ramalho Ortigão - - - - - R. Reitor Azevedo Amaral - - - - - R. Uruguaiana - - - - - R.
da Carioca - - - - - Praça Tiradentes - - - - - R. Pedro I - - - - - R. Silva Jardim - - - - - R.
do Senado - - - - - Av. República do Paraguai

Lista de intervenções realizadas:

1. Rua Imperatriz Leopoldina - 15/02/22 - 2 lambes de 89,1 x 42 cm (6 A4)



Arquivo original. Prints do street View da Rua Imperatriz Leopoldina, Centro, nos anos de 2019 e 2014.



1. Processo de execução do lambe. 2. Lambe-lambe colado na Rua Imperatriz Leopoldina.

Essa primeira intervenção que realizamos, foi uma das únicas duas, dentre todo o conjunto, que fizemos para um local específico. No momento em que pensamos nela, estávamos interessados em observar, através do *Google Street View*, como os espaços da cidade iam se transformando em decorrência das novas camadas de códigos gráficos que iam surgindo, se sobrepondo ou até mesmo desaparecendo. Pensamos então, em pegar dois *prints* da esquina da Rua Imperatriz Leopoldina com a Luís de Camões em diferentes épocas, fazer um lambe com cada um deles, e colá-los nessa mesma esquina. Assim, olhando para os lambes da rua, conseguiríamos ver 3 “perspectivas” desse mesmo lugar.

Como essa foi a nossa primeira experiência, ainda tínhamos muitas dúvidas quanto à execução dos lambes. Não sabíamos a melhor proporção entre água e cola, não sabíamos a melhor maneira de usar o rolinho e nem sabíamos o que esperar da reação das pessoas que estavam no local. Como era um local já repleto de coisas gravadas nas paredes, achávamos que não teríamos maiores problemas para colar os lambes e realmente não tivemos.

Essa foi uma das intervenções que fizemos que durou mais tempo na rua. Algumas das folhas foram se descolando e caindo, e outros pedaços foram rasgados, o que fez com que os lambes assumissem várias formas distintas ao longo do seu tempo na rua. Até a última vez que a vimos, no dia 25/06, ainda restavam alguns pedaços, ninguém havia arrancado nem colado nada por cima.

2. Rua Gonçalves Léo com Rua Luís de Camões - 22/02/22 - 1 lambe de 63 x 29,7 cm (3 A4) + escrita na parede



1. Arquivo original. 2. Processo de colagem



Lambe recém colado. “Vamo botar a favela pra aprender e virar classe média cabulosa. Chega desse negócio de só um comer e o resto ficar vendendo. Vamo também fazer cinema de 1 real. 1 real é nossa comida na rodoviária.”

Durante o processo de pesquisa, enquanto assistíamos os filmes, além de capturar *frames*, também transcrevemos algumas falas que nos chamaram atenção por algum motivo. Quando começamos a fazer as intervenções na cidade, logo pensamos em juntar os *frames* com as falas transcritas e fazer algo misturando as duas linguagens. Decidimos então, juntar um frame do filme “A cidade é uma só” de Adirley Queirós com uma fala do mesmo filme, porém de um momento que não corresponde ao instante da captura do frame. Escolhemos uma imagem de um carro de som em campanha eleitoral repleto de panfletos colados em toda sua superfície e uma fala em que o candidato contava suas propostas de governo. Fizemos um lambe-lambe com a

imagem e escrevemos a fala na parede utilizando uma caneta. Essa foi a única situação em que escrevemos diretamente sobre a parede.

Através dessa intervenção começamos a perceber como as pessoas reagem de maneira muito diferente dependendo da linguagem/técnica que está sendo utilizada. Percebemos como existe uma resistência muito grande quanto escrever coisas diretamente sobre as superfícies. No momento em que estávamos começando a escrever, depois de já termos colado o lambe, um grupo de pessoas passou falando: “Ahhh, então são vocês né?! Ficam escrevendo em tudo por aí. A gente limpa e vocês escrevem de novo.” Além de reclamarem ainda foram falar com um segurança do saara, o que nos obrigou a parar no meio do processo e deixar a frase inacabada.

Essa situação nos fez voltar a pensar em como as coisas que são gravadas na rua escapam muito do controle de quem está fazendo. Na maioria das vezes, as intervenções urbanas são um resultado tanto de uma ideia, de um projeto, quanto de uma situação ou de um contexto momentâneo que determina como a ideia passará a existir de maneira concreta.

Apesar de ter ficado incompleta, essa foi uma das intervenções que durou mais tempo na rua. Ninguém arrancou e nem fez nada por cima, ela foi apenas descolando devagarzinho com o tempo. Na última vez que o vimos, no dia 25/06, o lambe ainda estava quase inteiro e a frase já estava ficando bem desbotada.

3. Rua Regente Feijó com Rua da Constituição - 22/02/22 - 1 lambe de 63 x 29,7 cm (3 A4)



1. Arquivo original 2. Lambe-lambe recém colado.



Quando pensamos em fazer um lambe-lambe com essa imagem, estávamos interessados em criar pontes entre diferentes linguagens de intervenções gráficas. Estávamos querendo criar ruído em cada linguagem a partir dessas pontes, misturas e sobreposições entre diferentes linguagens. Queríamos fazer intervenções de intervenções. Ou seja, transformar uma intervenção de determinada técnica em uma nova intervenção utilizando outra linguagem.

Escolhemos então, um frame do filme “A vizinhança do Tigre” (2014), de Affonso Uchoa, onde um menino está gravando uma pixação na parede utilizando uma pedrinha.

Esse lambe durou um pouco menos de 2 meses. Logo na primeira semana, caiu uma das 3 folhas de papel fazendo com que ele assumisse uma nova forma. No fim, ainda conseguimos vê-lo uma última vez já amassado no chão da rua.

4. Rua República do Líbano c/ Rua Visconde do Rio Branco - 22/02/22

- 1 lambe de 63 x 29,7 cm (3 A4) + lambe com fala de filme



1. Arquivo original. 2. Senhor que conhecemos na rua colando o lambe-lambe.



“ Segunda-feira começa as aulas né zé? Primeiro dia eu não vou não, fi. Cê vai? Primeiro dia eu não vou não, fi. Queria ir nunca. Cê mata aula todo dia zé. Matava né, agora num mata mais não. Nem aula tem.”

Essa foi mais uma das intervenções em que juntamos *frames* com falas de um mesmo filme, só que de momentos não correspondentes. Extraímos tanto a imagem quanto a frase do filme “A vizinhança do Tigre” (2014), de Affonso Uchoa. Dessa vez, ao invés de escrevermos diretamente sobre a parede, escrevemos sobre uma rebarba de papel que havia sobrado e colamos na parede como um lambe-lambe.

Quando estávamos começando a colar os lambes, um senhor apareceu e nos falou que estávamos fazendo tudo errado. Pegou o rolinho de nossas mãos e começou a fazer para nós. Depois descobrimos que ele havia trabalhado com lambe-lambe por muitos anos. Ele nos deu algumas dicas que nos ajudaram bastante

no restante do trabalho. Nos falou sobre como usar o rolinho, como não enrugar o papel, como tirar as bolhas de ar que vão surgindo, e algumas outras coisas. Essa intervenção não resistiu por muito tempo na rua. Com cerca de duas semanas já haviam rasgado metade dela, e com mais ou menos 1 mês, ela já não estava mais lá.

5. Av. República do Paraguai - 22/02/22 - 118,8 x 63 cm (12 A4)



1. Arquivo original. 2. Processo de colagem



Lambe-lambe recém colado. “Ajude-me a sair da casa da sogra”

Essa foi a primeira intervenção que fizemos a partir dos panfletos e dos demais materiais que coletamos na rua. Nesse momento, ainda estávamos interessados em estabelecer essas pontes entre diferentes linguagens. Pensamos que poderíamos, ao invés de modificar o conteúdo dos materiais recolhidos, modificar sua “mídia” e seu formato. Pensamos em transformar um material feito para ser entregue de mão em mão em algo fixo, em algo colado em uma superfície na rua.

Outra coisa que estávamos interessados era em brincar com as escalas. Queríamos ver o que uma mudança de dimensões poderia mudar também no campo semântico e na forma das pessoas perceberem e se relacionarem com os materiais.

Escolhemos, então, fazer um lambe a partir de um papelzinho que veio grampeado no saquinho de amendoim e que trazia a seguinte mensagem: “Ajude-me a sair da casa da sogra. 2 por R\$ 2,00.” O papel original era mais ou menos do tamanho de uma moeda de 1 real e o lambe que fizemos media 118,8 x 63cm. Foi a maior intervenção que fizemos.

Essa foi a única intervenção que fizemos no período da noite e a única que gravamos em um local já muito usado para se colar lambes comerciais de grandes dimensões. Por ser um local muito usado para essa prática, achávamos que essa intervenção não resistiria por muito tempo, e realmente foi o que aconteceu. Com mais ou menos 3 semanas na rua, o nosso lambe foi encoberto por um outro lambe homenageando e lembrando os 4 anos da morte da Marielle.

Apesar de não ter durado muito tempo, essa intervenção sofreu ações muito variadas da cidade e adquiriu algumas formas distintas. Sofreu ação tanto humana quanto da natureza. Logo no começo, os cipós começaram a entrar por baixo do papel e fizeram com que ele começasse a descolar nas pontas. Em seguida, tentaram arrancá-lo e ele teve algumas partes rasgadas. Logo depois, colaram por cima um pequeno lambe que oferecia aulas de Muay Thai e Jiu-Jitsu para mulheres. Antes de ser totalmente tapado, ele já tinha virado algo muito diferente do que tínhamos feito.

6. Rua do Senado - 11/03/22 - 42 x 29,7 cm (A3)



1. Arquivo original. 2. Processo de colagem.



Lambe-lambe recém colado.

A partir dessa intervenção começamos a usar folhas de papel A3 ao invés de A4 para diminuir o número de folhas e diminuir o custo com materiais.

Ainda pensando em estabelecer pontes entre linguagens e em fazer intervenções a partir de outras intervenções, decidimos usar todos os panfletos que havíamos recolhido até o momento para fazer um lambe-lambe. Fizemos, então, uma montagem que “simulava” as sobras de panfletos que ficam no chão da rua no final de um dia.

Essa intervenção não sofreu nenhuma transformação enquanto estava na rua. Sumiu com um pouco menos de 1 mês.

7. Escadaria entre R. do Senado e Av. Rep. do Paraguai - 11/03/22 - 59,4 x 42 cm
(2 A3)



1. Arquivo original 2. Processo de colagem



Lambe-lambe recém colado.

Essa foi uma das únicas intervenções que não fizemos no meio da rua, na calçada. Colamos esse lambe em uma escadaria que separa a Rua do Senado e a Avenida República do Paraguai e que fica em frente a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Ainda pensando em fazer intervenções a partir de outras intervenções, escolhemos um frame do filme "São Paulo, Cinemacidade" (1994), de Aloysio Raulino onde tem um homem em uma escada trocando a imagem de grande *outdoor*.

Esse lambe durou quase dois meses na rua. Com o passar do tempo ele foi se descolando e foi sendo rasgado aos poucos. Além disso, a imagem também foi se modificando, ganhando quase que uma espécie de retícula pontilhada.

8. Praça Cardeal Câmara - 11/03/22 -



1. Arquivo original 2. Processo de colagem



Lambe-lambes recém colado.

Uma das coisas mais comuns de se ver nos muros da cidade do Rio são as propagandas de serviços pintadas a mão. Jogos de búzios, podas de árvores, moto-taxi são alguns exemplos desses serviços que são divulgados pelos muros da cidade. Olhando os *prints* que tínhamos feito com o *Google Street View*, vimos como

essa “categoria” de intervenção estava muito presente nas imagens e passamos a recortar todas as propagandas que víssemos.

Fizemos algumas intervenções diferentes a partir de todos os recortes. Essa foi a primeira delas. Ainda interessados em brincar com mudanças de escala e de linguagem, transformamos essas propagandas de serviços, que geralmente possuem grandes dimensões, já que precisam ser vistas de uma certa distância, em 7 lambes bem pequenos. Cada um com um recorte de um serviço distinto. Os colamos na parede dos fundos da Fundação Progresso, na Praça Cardeal Câmara.

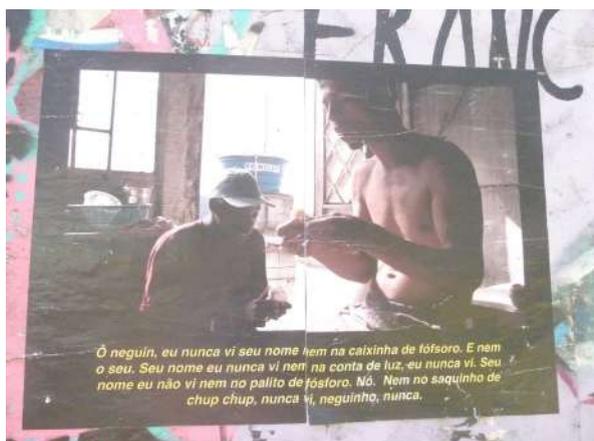
9 + 10. Rua Joaquim Silva - 11/03/22 - 2 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3 cada)



Arquivos originais



Processo de colagem



1. “Ô neguin, eu nunca vi seu nome nem na caixinha de fósforo. E nem o seu. Seu nome eu nunca vi nem na conta de luz, eu nunca vi. Seu nome eu não vi nem no palito de fósforo. Nó. Nem no saquinho de *chup chup*, nunca vi, neguinho, nuca.” 2. “É neguin, na onde é que nós vamo arruma um dinheiro zé? Não sei. Bicho ta pegando zé. Eu também, a gente tem que arruma uma nota. Ah, cê num tem nem um passarinho procê dá água neguin.”



Essa foi a primeira intervenção em que fizemos uma dupla de lambes que conversavam entre si. Continuamos aquela ideia de juntar *frames* e frases de filmes, mas dessa vez usamos as falas do momento exato em que havíamos capturado o frame. Nesses dois lambes, tentamos deixar mais explícito que se tratava da cena de um filme, e juntamos a parte escrita com a imagem em uma única folha, como se fosse uma legenda. O filme do qual retiramos o material foi “A vizinhança do Tigre” (2014), de Affonso Uchoa.

Colamos esses dois lambes na Rua Joaquim Silva, em um muro repleto de elementos gráficos de várias linguagens diferentes. Inclusive, enquanto estávamos colando o lambe na parede, uma pessoa reclamou com a gente por achar que estávamos passando por cima de um stencil em homenagem a Marielle.

Os lambes duraram cerca de dois meses na rua, e, durante esse período, foram se descolando e caindo aos poucos.

11. Av. Augusto severo - 14/03/22



1. Arquivo original 2. Lambes recém colados



Essa foi mais uma das intervenções que fizemos a partir dos *prints* de propagandas de serviços pintados a mão que retiramos do *Google Street View*. Colamos em um muro de pedras na Glória, 30 pequenos lambes com *prints* de propagandas de diferentes tipos de serviços.

Nesses lambes, continuamos a brincar com mudanças de linguagem e de escala. Também pensamos em juntar em um mesmo lugar propagandas de serviços

muito distintos. Quase que uma “simulação” da situação de estar andando na rua e se deparar com uma infinidade de ofertas de serviços gravadas em várias superfícies.

A superfície de pedra em que escolhemos colocar os lambes não foi muito adequada. Além de ter sido difícil de colá-los, muito rapidamente eles já estavam se descolando e caindo. Até o último lambe cair levou cerca de duas semanas. Ainda conseguimos encontrar alguns deles amassados no chão na última vez que os vimos.

12 + 13 + 14. Rua Teotônio Regadas + Avenida República do Paraguai - 14/03/22
- 4 lambes de 42 x 29,7 cm (A3)



1. Arquivo original 2. Processo de colagem





1. Processo de colagem. 2. Lambe recém colado.



1. Processo de colagem. 2. Lambe recém colado.

Essas 3 intervenções foram as últimas da “série” utilizando os *prints* de propagandas de serviços. Dessa vez, ao invés de recortar cada elemento individualmente, fizemos montagens em uma mesma folha de papel utilizando propagandas de diferentes serviços.

A primeira delas, gravamos na Rua Teotônio Regadas, na Lapa. A maneira como colamos esse lambe na parede foi muito influenciada pelas condições climáticas do dia. O vento forte dificultou a gravação e fez com que o lambe ficasse bem torto com relação a parede. Apesar de quase não termos conseguido colar o lambe, esse foi um dos que resistiu mais tempo na rua. Até a última vez que o vimos, ele ainda estava lá, intacto.

O segundo lambe colamos em um poste na Av. República do Paraguai. Nossa ideia inicial era colá-lo em um pequeno muro nessa mesma rua, e, inclusive, chegamos a fazer isso. Porém, 2 seguranças particulares de uma banca de jornal ali

perto nos obrigaram a retirá-lo, alegando que era um muro de uma igreja. Conseguimos retirá-lo sem rasgar e o colamos novamente em um poste que ficava bem em frente. Esse lambe não durou muito tempo na rua.

Já na última intervenção fizemos uma dupla de lambes e os colamos em um outro ponto da Av. República do Paraguai. Escolhemos colocá-los em uma daquelas barreiras de concreto usadas para os carros não invadirem a calçada. Esses dois também não resistiram muito tempo na rua.

15. Praça Xv, Carioca e Cinelândia - 30/03/22 e 05/04/22 - Panfletos de 15 x 10 cm



1. Arquivo original. 2. Panfletos impressos.



1. Entrega de panfletos na Praça Xv. 2. Entrega de panfletos na Carioca.

Essa foi uma das únicas intervenções que fizemos que não era um lambe-lambe. Pensando em subverter a linguagem comercial característica dos panfletos, decidimos criar novos panfletos utilizando a montagem que já havíamos feito a partir dos materiais coletados e entregá-los pela cidade. Quando pensamos em distribuir os impressos na rua também estávamos interessados em ver como as pessoas iriam reagir ao receber panfletos que não faziam propaganda e nem se propunham a vender nada. Entregamos 30 panfletos em 3 locais diferentes: estação das Barcas Praça XV; estação de metrô da Carioca e estação de metrô da Cinelândia.

16. Av. Infante Dom Henrique - 5/04/22 - 1 lambe de 210 x 89,1 cm (14 A3 recortados)



1. Arquivo original 2. Processo de colagem



1. Lambe-lambe recém colado 2. Visão ampla da intervenção

Esse lambe-lambe foi feito a partir de um frame de vídeo no YouTube. Estávamos observando formas e meios que as pessoas utilizam para gravar coisas nas superfícies da cidade, com o intuito de superar os limites do corpo humano, sem precisar de escadas, por exemplo. Chegamos então numa prática conhecida como “pé nas costas” ou “pezinho”, onde o pixador sobe nos ombros de outra pessoa para alcançar lugares mais altos. Assistindo vídeos dessa prática no YouTube, pudemos ver grupos de até quatro pessoas empilhadas, fazendo com que o pixador tenha um alcance de mais de 4 metros de altura para suas intervenções.

Pensamos em reproduzir, em forma de lambe-lambe, uma ação de pezinho próximo ao tamanho real de duas pessoas. Como os registros que conseguimos dessa prática tinham uma qualidade ruim, transformamos a imagem original numa retícula em bitmap.

Para realizar a intervenção, dividimos a imagem em 14 folhas A3 e recortamos seguindo a silhueta dos pixadores, com o intuito de simular uma situação real da rua. Unimos, pela primeira vez, todas as folhas utilizando fita crepe. Juntamos as 14 folhas e ficamos com 2 grupos (as duas metades do lambe-lambe). Essa prática nos ajudou muito na colagem de todas as intervenções seguintes., Ao invés de termos que colar 14 páginas uma a uma, colamos o lambe todo em duas etapas. A pessoa de baixo foi

colada em primeiro lugar, com suas pernas “em contato” com o chão, e logo em seguida, colamos a segunda parte, com a pessoa de cima.

Gostamos muito do resultado da intervenção muito por conta do local onde foi colado, um poste enorme em frente ao MAM beirando a Av. Infante Dom Henrique, o que faz com que as pessoas quase nunca o vejam com calma e nem de perto, podendo analisar, observar a retícula etc. Houve uma chuva muito forte na semana em que colamos o lambe, o que acreditamos ter ajudado a descolar a intervenção. Temos registros passados 15 dias da colagem onde vemos poucas partes ainda fixas no poste e alguns pedaços da intervenção espalhados pelo chão. 27 dias depois da colagem já não havia mais nada nem no solo e nem no poste, apenas alguns resquícios de fita crepe que utilizamos para unir as folhas.

17. Mergulhão da Praça Marechal Âncora - 27/04/22 - 1 lambe de 59,4 x 42 cm (2 A3)



1. Arquivo original 2. Processo de colagem



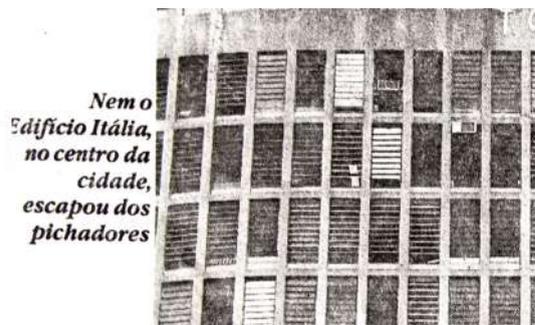
1. Lambe-lambe recém colado 2. Superfície onde foi colado

Para realizar essa intervenção utilizamos um frame do filme “São Paulo Cinemacidade” (1994), de Aloysio Raulino, de uma placa de sinalização indicando “Saída”. Como a intervenção era uma placa de trânsito, pensamos em aplicar em algum lugar alto, como as placas.

Colamos, então, no parapeito da Av. Alfred Agache, que passa por cima do mergulhão. Não gostamos muito do resultado pois a impressão ficou mais escura do que esperávamos e acabou prejudicando a legibilidade da intervenção.

Registramos o lambe-lambe 5 dias depois e seguia intacto.

18 + 19. Mergulhão da Praça Marechal Âncora - 27/04/22 - 2 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3)



Arquivos originais. 1. “Laje e topo de prédios são os novos alvos de pichação.” 2. “Nem o Edifício Itália, no centro da cidade, escapou dos pichadores.”



Processo de execução



1. Lambe-lambes recém colados 2. Superfície onde foram colados

Essa dupla é fruto do filme “Pixo” (2010), de João Wainer. Nessa intervenção, utilizamos páginas de jornais de época que são inseridas no filme noticiando e denunciando a ação de pixadores na cidade de São Paulo. Escolhemos uma manchete que dizia “Nem o Edifício Itália, no centro da cidade, escapou da ação dos pichadores” e outra reportagem cujo título era “Laje e topo de prédios são os novos alvos de pichação”. Colamos os 2 lambes ao lado de outras pichações que ocupavam a parede do mergulhão.

Temos registros dessa intervenção até o dia 13/05. Ela seguia inteira e estava bem fixada, apenas deu uma leve desbotada com a luz do sol. O tipo de parede de mármore do mergulhão foi onde os lambes ficaram melhor fixados.

20 + 21 + 22. Praça XV - 27/04/22 - 3 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3)



Arquivos originais



Processo de colagem



Lambe-lambes recém colados



Conjunto de lambe-lambes

Para realizar esse trio de intervenções, nossa fonte de imagens também foi o filme “Pixo” (2010). Dessa vez, selecionamos 3 frames de um momento do filme que aborda e contextualiza o surgimento da pixação como forma de protesto na cidade de São Paulo durante o período da ditadura militar.

Selecionamos *frames* contendo pixações com gritos contra a ditadura e pedidos de liberdade a presos políticos. Escolhemos colá-los em uma borda que contorna o Chafariz do Mestre Valentim por ter um grande fluxo de pessoas que cruza

a Praça XV a fim de utilizar as barcas. Os lambes ficaram muito bem colados pois a superfície parecia ser também um mármore bem liso.

Cinco dias depois de colados, voltamos para registrar e os três ainda se encontravam lá, apenas houve uma tentativa de rasgar a intervenção que continha a frase “Abaixo a ditadura”. Onze dias após o segundo registro, voltamos e as intervenções estavam lá, apenas com indicativos de que o tempo havia passado. Apareceu, ainda, uma mancha vermelha em cima da sirene de uma das viaturas presentes em uma das intervenções, o que achamos bem curioso.

23 + 24 + 25 + 26. Mergulhão da Praça Marechal Âncora - 27/04/22 - 4 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3)



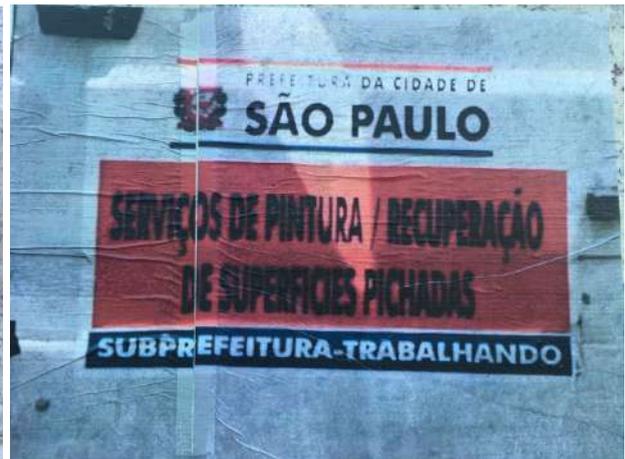
Arquivos originais. 1. “Eu consigo só ler pixo só, agora essas letra aí eu não entendo. 2. Cão Fila. Considerado o primeiro pixador de São Paulo.



3. “Serviço de pintura/recuperação de superfícies pichadas”. 4. Fachada de prédio repleta de pixações.



Processo de colagem



Lambe-lambes recém colados



Lambe-lambes recém colados



Superfície onde foram colados

Esse foi o último conjunto de intervenções realizado com frames do filme “Pixo” (2010), de João Wainer. Nós os colamos em uma disposição 2x2. Os lambes da esquerda representavam através dos *frames*, o princípio da pixação com os nomes do Cão Fila, conhecido por ser o primeiro pixador do Brasil, e a pixação atual, com a imagem de um prédio inteiramente pixado (símbolo do urbanismo paulistano). Já os lambes da direita, mostram a pixação enquanto problema/questão social e urbano, onde vemos em uma das imagens um cidadão dizendo que só consegue ler pixações, enquanto na imagem de cima, o governo do estado de onde esse cidadão reside executa a função de apagar a única parte que esse cidadão, parte integrante do estado, consegue ler.

Quando estávamos terminando a colagem do conjunto, apareceram dois policiais militares naqueles carrinhos de golfe e pediram para que a gente removesse os lambes da parede. Eles argumentavam que teria sido ordem do desembargador que estava observando nossa ação pela câmera de segurança. Não queríamos tirar os lambes de jeito nenhum, pois havíamos gostado do resultado. Começamos a guardar nosso material enquanto argumentávamos com os policiais, até que um deles parou em frente ao conjunto para avaliar o conteúdo das intervenções. Enquanto ele lia, nós já tínhamos guardado tudo e fomos embora antes de qualquer ordem.

O conjunto resistiu sem nenhuma alteração até o último registro no dia 13 de maio.

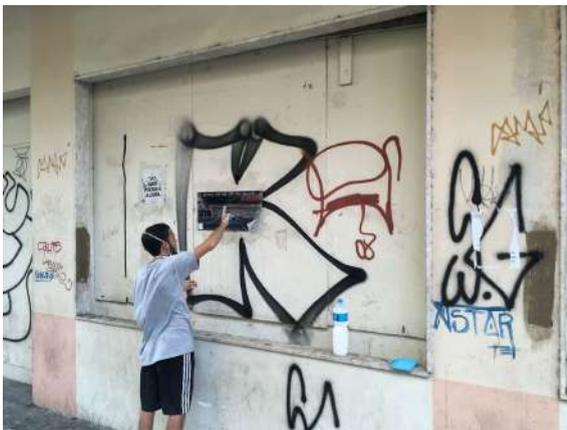
27. Rua Pedro I - 29/04/22 - 4 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3)



1. Superfície da intervenção em 2021 2. Superfície da intervenção em 2018



3. Superfície da intervenção em 2016 4. Superfície da intervenção em 2014



Processo de colagem



Lambe-lambes recém colados



Lambes recém colados



Superfície onde foram colados

Para essa intervenção, resgatamos a primeira ideia de lambe-lambe que tivemos. Retratamos, em uma superfície, seus vários períodos de transformação. Dessa vez, escolhemos a superfície do antigo Rio's Presidente Hotel, que possui uma espécie de janelas, lacradas com tapumes, que se repetem como “módulos”. Pensamos assim, em aplicar os prints do Google Street View centralizados, um em cada “módulo” a fim de evidenciar as mudanças sofridas pelas paredes do hotel passando pelos anos de 2014, 2016, 2018 e 2021.

Quando estávamos aplicando os lambes, um homem de passagem pela rua parou e veio falar com a gente. Interessado no que estávamos fazendo, nos disse que ele já trabalhou como pintor de anúncios em paredes (SOS Árvores) e nos contou um pouco de como era a experiência de trabalhar na rua em equipe, de madrugada rodando a cidade e pintando o maior número de muros possível.

Temos diversos registros dessa intervenção, e até o último deles (13/05), os quatro lambe-lambe ainda encontravam-se inteiros, apenas com marcas provenientes da ação do tempo e da rua.

28. Rua Silva Jardim - 29/04/22 - 1 lambe de 178,2 x 42 cm (6 A3)



Arquivos originais



Processo de colagem



Lambe recém colado

Esse foi mais um dos lambes que utilizamos *frames* do filme “São Paulo, Cinemacidade” (1994), de Aloysio Raulino, como fonte das imagens. Escolhemos *frames* de um momento que o diretor exhibe diversos letreiros de destinos de ônibus da cidade de São Paulo através de cortes bem rápidos e com bastante zoom. Por isso decidimos selecionar, dentre diversos frames, os que achávamos melhores dentro de aspectos estéticos, como o posicionamento da câmera em relação aos letreiros dos ônibus. Definidos os quadros, testamos posicioná-los lado a lado, porém gostamos mais quando pusemos as imagens uma acima da outra.

Gostamos bastante do resultado desse lambe-lambe, pois ficou com uma altura interessante e muito bem colado. Três dias depois de colado, em nosso segundo registro, já haviam tentado tirar, porém só tiraram parte do papel do *frame* de cima. No terceiro registro, cinco dias depois de colado, estava igual a última visita. No quarto e último registro, percebemos a tentativa de puxar a segunda folha, de cima para baixo, mesmo assim o lambe seguiu inteiro.

29 + 30. Rua do Teatro - 02/05/22 - 2 lambes de 59,4 x 42 cm (2 A3)



Arquivos originais



Processo de colagem



Lambes recém colados



Superfície onde os lambe-lambes foram colados

As duas imagens utilizadas para essa dupla de lambes também vieram do filme “São Paulo, Cinemacidade” (1994). Um dos *frames* é uma visão da linha dos prédios de São Paulo e mostra o volume e verticalidade das construções numa imensidão, enquanto a outra imagem mostra um aglomerado de carros, numa perspectiva quase que isométrica, muito organizados.

Colamos um em cada ponta de uma parede de concreto com um grande volume de pixações desorganizadas e foi bem difícil fixar os lambes nessa parede, pois estava ensolarado e ela era muito porosa. A parede absorvia e secava a cola muito rápido, além do papel não aderir muito bem a esse tipo de concreto mais poroso.

Registramos essa intervenção duas vezes, uma dia 04/05 e outra dia 13/05, até o último registro, as intervenções ainda estavam intactas de interferência humana, apenas o tempo agiu, desbotando-as levemente e fazendo as pontas descolarem um pouco. O frame dos carros apresentou mais desgaste quanto à cola pois não foi tão bem fixado.

31. Praça XV - 02/05/22 - Conjunto de 17 pequenos adesivos



Scans de adesivos



1. “Processo de colagem” 2. “Adesivos recém colados”



Adesivos recém colados

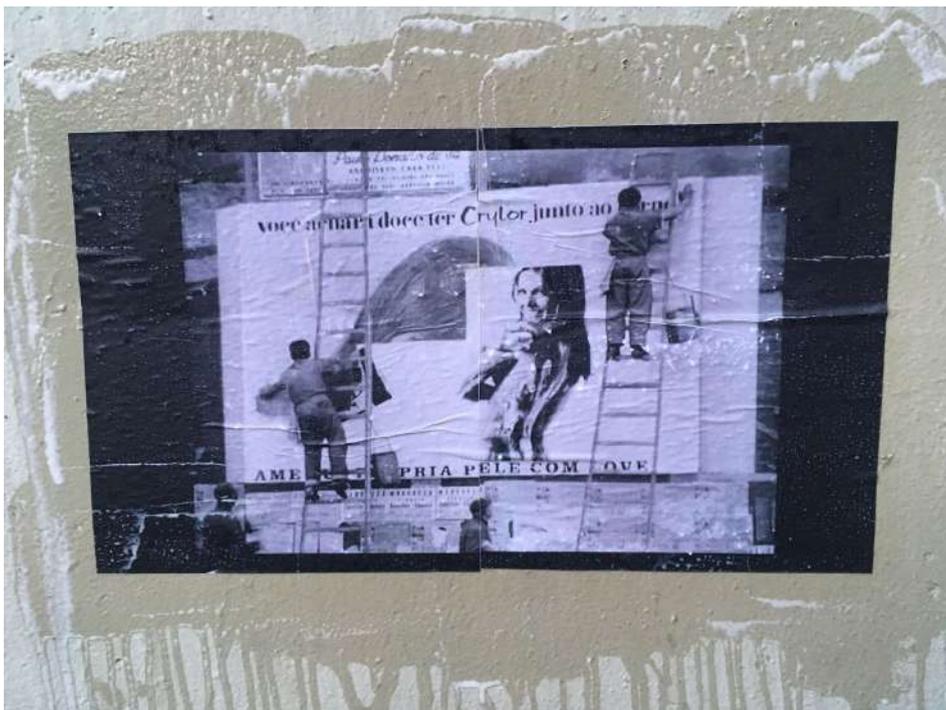
Essa intervenção foi a primeira em que fizemos adesivos, e uma das únicas que não foram lambe-lambes. Imprimimos, em uma folha adesiva, letreiros de variados estabelecimentos localizados na região central da cidade. Tínhamos a intenção de brincar com a escala de letreiros que, originalmente, funcionam como uma sinalização de onde é tal lugar, e para que funcionem, precisam ser bem visíveis, geralmente são grandes e posicionados no alto. Nossa intenção foi subverter a linguagem dos letreiros, da mesma forma que fizemos com os pequenos lambes anteriormente colados na Fundação Progresso e na Glória. Colamos todos os 17 adesivos em linha, um ao lado do outro, em um degrau de uma escada entre o Paço Imperial e a estação das barcas, local o qual há enorme circulação de pessoas diariamente. O degrau onde foram colados os adesivos ficou semelhante a uma forma de propaganda, de outdoor de estrada, porém bem difíceis de serem percebidas pelo tamanho e por estarem praticamente no chão.

Os adesivos permaneceram colados por aproximadamente duas semanas enquanto iam descolando e caindo um por um.

32. Av. Gen. Justo - 02/05/22 - 1 lambe de 59,4 x 42 cm (2 A3)



1. "Arquivo original" 2. "Processo de execução"



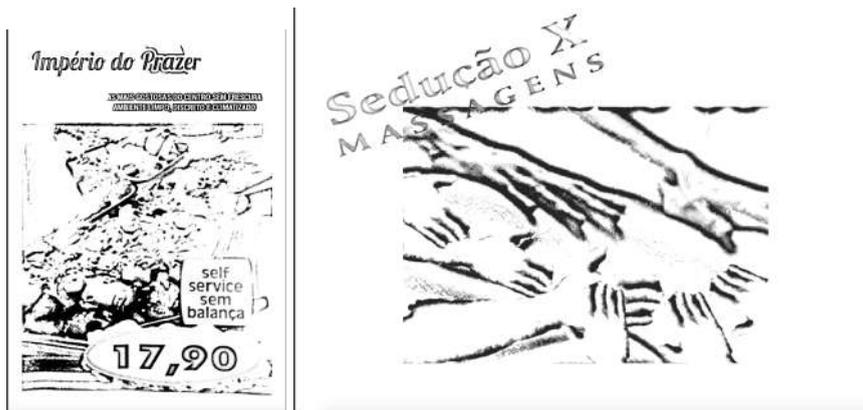
Lambe-lambe recém colado

Essa é a segunda intervenção feita a partir de um mesmo momento presente no filme "São Paulo, Cinemacidade" (1994), de Aloysio Raulino. O lambe-lambe mostra um anúncio de outdoor sendo renovado, onde a técnica utilizada pelos trabalhadores

presentes no frame é a mesma empregada na prática dos lambes espalhados pelo espaço público.

A intervenção foi realizada no dia 02/05 e até seu último registro, 13/05, ainda encontrava-se intacta.

33 + 34. Av. Rio Branco - 02/05/22 - 2 lambes de 42 x 29,7 cm (1 A3)



Arquivos originais



1. "Superfície antes da colagem" 2. "Lambe recém colado"



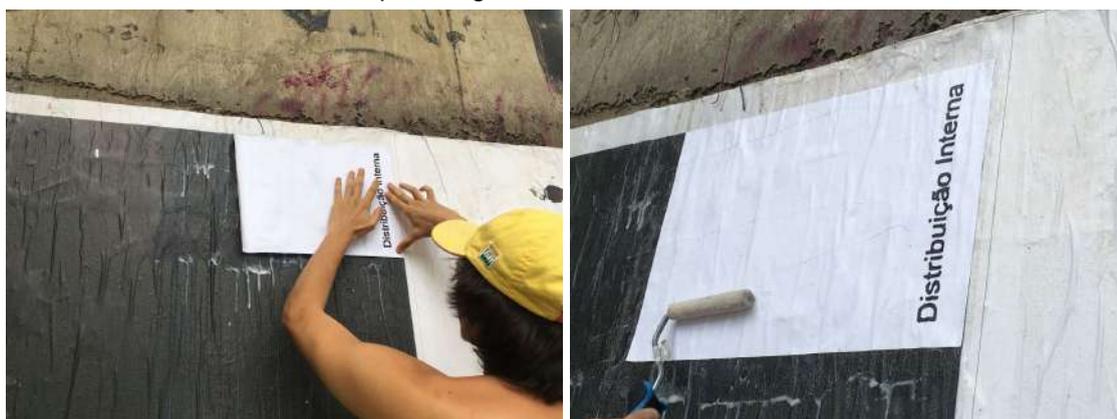
Lambe recém colado

Esses dois foram os primeiros de uma “série” de 4 lambes, onde nós criamos novas composições a partir do recorte e edição de elementos presentes nos diferentes panfletos que recolhemos, fazendo com que todos os elementos ficassem fora de contexto e formando, assim, uma nova mensagem. No caso desses dois lambes, retiramos elementos de panfletos de casas adultas do centro e de um restaurante ou lanchonete self service e os combinamos, dando um novo contexto aos elementos. Nós os colamos por cima de uma outra intervenção de cunho religioso, com uma intenção provocativa e em nosso segundo registro e último registro, após 11 dias, haviam tentado rasgá-los.

35. Av. República do Paraguai - 04/05/22 - 1 lambe de 42 x 29,7 cm (1 A3)

Distribuição Interna

Arquivo original



Processo de colagem



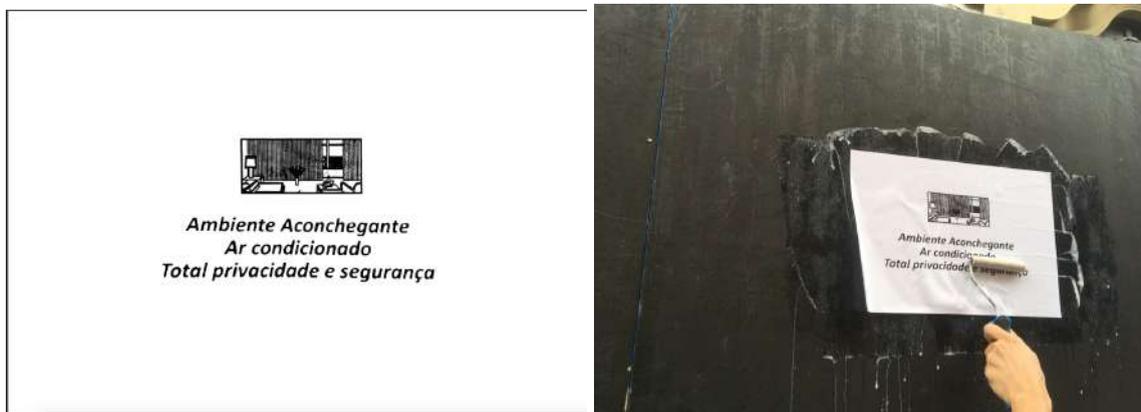
Lambe recém colado

Esse foi o terceiro dos quatro lambes da “série” onde criamos novos contextos para elementos retirados de panfletos que coletamos nas ruas. Esse lambe foi feito apenas recortando uma frase presente bem no canto de um panfleto indicando que seria exclusivo de distribuição interna. Não entendemos muito bem como aquele panfleto faria parte de uma distribuição interna, já que o recebemos na rua. Assim, pensamos em brincar com isso, e decidimos fixar essa frase na parede através de um

lambe-lambe..Imprimimos a frase “distribuição interna” na beirada de um papel A3 e pensamos em interagir com alguma outra intervenção presente na rua, rompendo a ideia de distribuição interna. Sendo assim, colamos a frase no canto superior direito de um lambe comercial, fazendo com que as duas peças combinassem e formassem uma unidade.

Temos registros dessa intervenção até o dia 13/05, onde o lambe ainda se encontrava inteiramente colado, apenas mais sujo e com aspectos que indicavam o passar do tempo e a ação na natureza.

36. R. Luís de Camões - 04/05/22 - 1 lambe de 42 x 29,7 cm (1 A3)



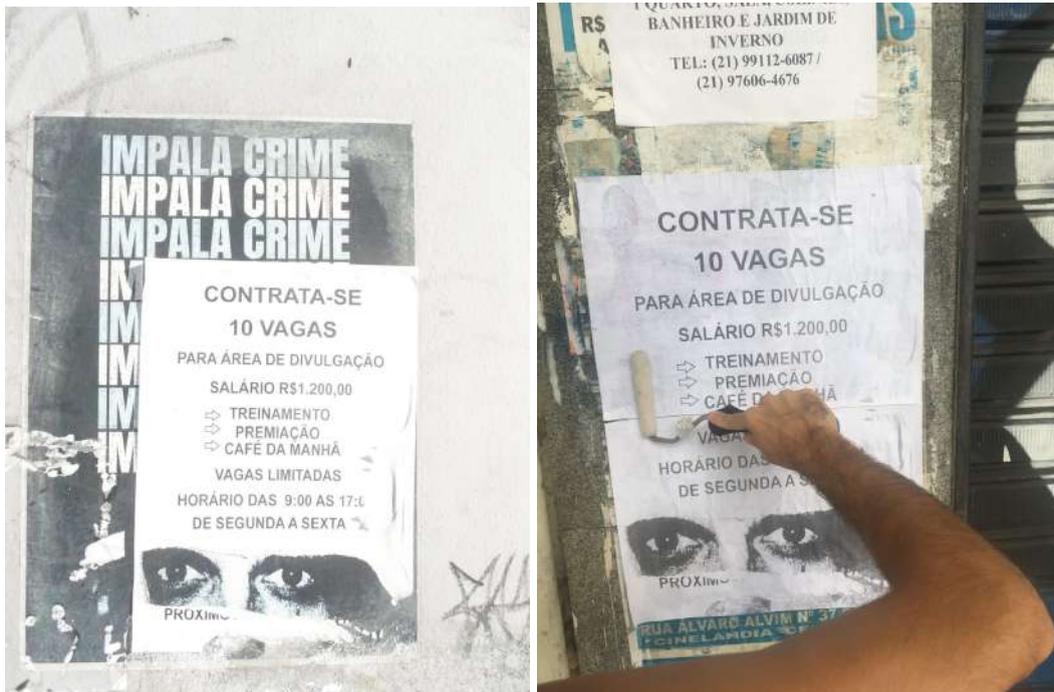
1. “Arquivo original” 2. “Processo de colagem”



Lambe recém colado

Esse é o quarto e último lambe da “série” envolvendo elementos de panfletos. Para esse lambe, recortamos, de uma panfleto de uma casa adulta, as seguintes frases “Ambiente aconchegante”, “Ar condicionado” e “Total privacidade e segurança”. Juntamos as frases com uma ilustração presente num panfleto de uma loja de persianas, que possuía algumas ilustrações com exemplares dos modelos de cortinas e persianas. A ilustração que escolhemos representava uma sala de estar com uma janela ampla. No momento que estávamos montando as intervenções e retirando cada elemento do seu campo semântico original, vimos aquela sala como sendo ambiente descrito por aquelas três frases e decidimos combiná-los. Escolhemos colá-lo num tapume preto de madeira, pois era bem liso e parecia que ficaria muito bem fixado. Colamos bem no centro da face do tapume que ficava virada para a rua, estabelecendo uma boa relação do lambe-lambe com o lugar onde foi colado. A intervenção ficou bem gravada e durou pouco menos de um mês, sendo pixada por cima e posteriormente arrancada.

37. Praça Tiradentes - 04/05/22 - 1 lambe de 59,4 x 42 cm (2 A3)



1. “Fotografia que originou a intervenção” 2. “Processo de colagem”



Lambe recém colado

Essa intervenção foi feita a partir do registro fotográfico de um acaso visual gerado pela sobreposição de dois lambes em uma superfície da cidade. Essa sobreposição gerada pela ação da rua foi mais uma, dentre as várias coisas que percebemos e registramos durante nossos trajetos pela cidade. Achamos interessante a relação criada a partir da sobreposição de intervenções seguida de uma tentativa de remoção, onde o lambe que está em cima (que se trata de uma oferta de emprego) encontrava-se rasgado justamente na parte da principal informação (a vaga de emprego, o meio de contato e o endereço). O lambe que se encontrava na camada de baixo, era um lambe de um coletivo de artistas de rap (Impala Crime), e o que ficou visível, após a sobreposição, foi somente a parte dos olhos da foto que compunha a intervenção. Como a intervenção de oferta de emprego possuía formato A4, apenas recortamos nosso registro na mesma proporção e o imprimimos em tamanho A2 (somando duas folhas A3), criando assim uma nova intervenção, a partir de intervenções já existentes na rua.

Durante a colagem desse lambe, um menino de bicicleta parou e ficou nos observando por alguns minutos em silêncio até perguntar se o que estávamos fazendo era macumba. Depois, ele que já estava em uma bicicleta pediu para tirarmos uma bicicleta do Itaú para ele e logo depois foi embora.

Os últimos registros que temos desse lambe-lambe foram 9 dias após sua colagem, passado esse tempo, ele continuava intacto, porém com aspectos de um intervenção que já estava na rua há meses, o lambe ganhou muitas manchas

amareladas e algumas em tom azulado, proveniente da camada inferior de intervenções.

38. R. Silva Jardim - 04/05/22 - 1 lambe de 42 x 29,7 cm (1 A3)



1. "Arquivo original" 2. "Processo de colagem"



Lambe recém colado

A partir da análise das imagens recolhidas através do *Google Street View*, percebemos diversas gravações de rostos de personagens variados nas superfícies do espaço urbano. Esses “personagens” podem ser criados por quem os gravou ou podem ser algum personagem conhecido de filmes ou desenhos, ou até uma pessoa de verdade, gravada em forma de homenagem.

Fizemos assim, esse lambe-lambe, recolhendo imagens de rostos, de pessoas reais ou personagens, que se encontram, ou encontravam, pela região central da cidade. Utilizando o *Google Street View* como ferramenta de captura, selecionamos algumas intervenções com diferentes rostos, intenções, técnicas e superfícies e fizemos um amontoado de camadas, mexendo com a escala e a força das intervenções.

Temos registro dessa intervenção intacta até o dia 13 de maio.

39. Passarela Av. República do Paraguai - 04/05/22 - 1 lambe de 59,4 x 42 cm (2 A3)



Arquivo original . “Código penal Artigo 331. Desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela. PENA. Detenção de 6(seis) meses a 2(dois) anos, ou multa.”



1. Processo de colagem 2. Lambe recém colado



Lamberecém colado

Essa foi a última intervenção que fizemos. Para realizá-la escolhemos um *frame* do curta “Entrevista com as coisas” (2015), de Lincoln Péricles, que mostra um papel com uma lei do código penal colado na parede, como uma intervenção qualquer que vemos na rua. Achamos interessante o conteúdo da “intervenção legalizada” ser o artigo correspondente ao crime desacato enquanto intervenções populares são ilegais. Gostamos, também, do fato de estarmos reproduzindo através de um papel colado em uma parede, uma cena de um papel colado em uma parede.

Registramos a intervenção nove dias depois da colagem, e ela seguia sem nenhuma tentativa de remoção, estava apenas com uma das pontas começando a descolar e contava com marcas do passar do tempo.

6.1.4. Rua como coautora do projeto. As diferentes ações da cidade.

Quando decidimos observar e pesquisar as várias formas de códigos gráficos presentes no espaço urbano, estávamos interessados em entender o funcionamento e as peculiaridades desse mecanismo de expressão que consiste em usar a rua como veículo de comunicação através da gravação de elementos gráficos nas diferentes superfícies da cidade. Desde o início da pesquisa, entendemos como não poderíamos olhar para esses elementos visuais gravados no espaço urbano da mesma maneira como olhamos para códigos gráficos presentes em outras mídias como livros, jornais e revistas.

Entendemos como esses códigos gravados nas superfícies da cidade são um resultado de um mecanismo em que o interventor não tem um controle absoluto sobre a sua gravação. Um mecanismo em que tanto o interventor (e a intervenção) quanto a rua participam de maneira ativa e determinante. Essa falta de um controle absoluto por parte do autor e essa participação efetiva e concreta da cidade são justamente um dos pontos que caracterizam e diferenciam os elementos visuais presentes nas ruas dos elementos visuais presentes em outras mídias.

Desde o começo do projeto, estávamos interessados em entender melhor as diferentes maneiras como a rua participa desse mecanismo. Percebemos que, desde o momento da gravação até o último momento em que as intervenções ainda estão na rua, a cidade exerce uma influência direta e determinante sobre cada intervenção. Por exemplo: A passagem de uma viatura de polícia no momento em que alguém está fazendo uma pixação pode fazer com que a pessoa tenha que parar no meio do caminho e deixar a inscrição inacabada; Fenômenos meteorológicos como a chuva e o vento podem fazer com que uma pessoa não consiga colar um lambe-lambe no local desejado; Um grafiteiro pode pensar em um local ideal para fazer seu grafite mas no momento da gravação perceber que outra pessoa já ocupou o espaço.

Além disso, depois de gravadas, as intervenções passam a ficar suscetíveis a inúmeras transformações. Elas podem molhar, rasgar, descolar, desbotar, manchar. Podem ser apagadas, retiradas e encobertas. Podem ser modificadas por novas camadas que surgem ao seu redor. Podem durar 1 dia, 1 mês ou alguns anos na rua.

Ou seja, podem assumir inúmeras formas ao longo do período de tempo em que ocuparem o espaço urbano.

Essa vivacidade e efemeridade tão características das intervenções urbanas sempre foram um dos principais aspectos em que estávamos atentos e interessados ao longo de todo processo. Desde o começo, queríamos, através desse diálogo que buscamos estabelecer com a cidade, perceber essas várias formas que as intervenções podem assumir ao longo de suas “vidas”. Queríamos perceber o que a cidade faz com o mundo das imagens, palavras e informações que são gravadas no espaço urbano, perceber os vários acasos visuais e comunicacionais que a rua gera.

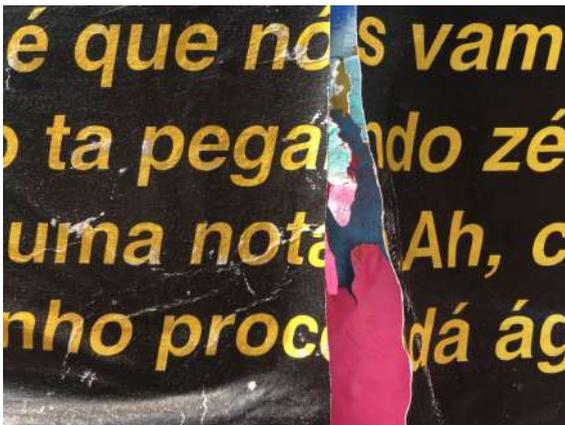
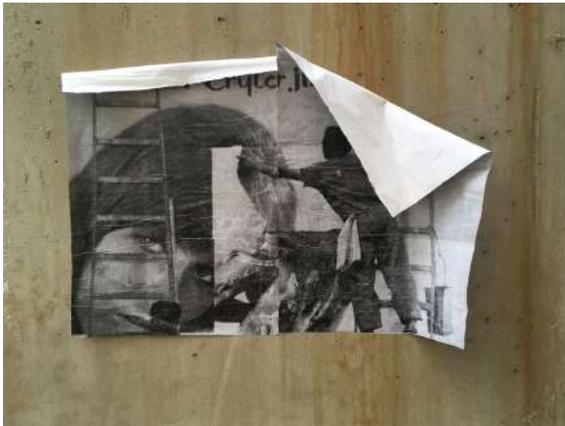
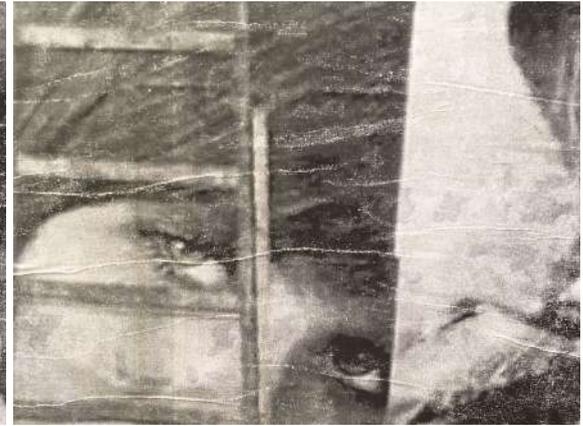
Por isso, considerávamos o tempo em que as nossas intervenções ficassem na rua como um pilar fundamental para o projeto. Era justamente esse tempo que iria nos possibilitar perceber as respostas da rua. Era esse tempo que iria nos possibilitar estabelecer essas correspondências com a cidade que estávamos tão interessados. Desde o começo, queríamos que todas as formas assumidas pelas intervenções que realizamos com o passar do tempo fizessem parte do trabalho de maneira concreta. Queríamos conseguir fazer com que as diferentes respostas da cidade às nossas provocações fossem incorporadas efetivamente ao projeto. As intervenções eram, na verdade, quase que um pretexto para que conseguíssemos perceber essas diferentes maneiras como a cidade age sobre as intervenções gráficas urbanas. Eram provocações para que conseguíssemos fazer com que a cidade nos respondesse, eram apenas mais uma etapa desse diálogo que estávamos construindo com a cidade.

Justamente por isso, pensamos que as respostas da rua também são um resultado desse trabalho. Por isso pensamos na rua e na cidade não só como um objeto de nossa pesquisa, mas também como coautoras do projeto. Mesmo que escapem do nosso controle e das nossas ações, consideramos que todas as diferentes formas assumidas pelas intervenções que realizamos também são um resultado da nossa pesquisa assim como tudo que foi produzido e executado por nós.



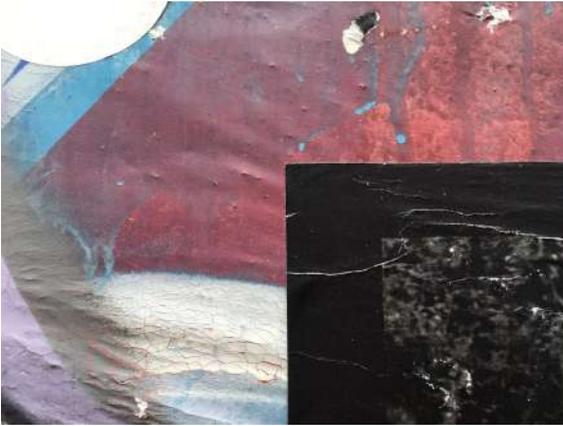


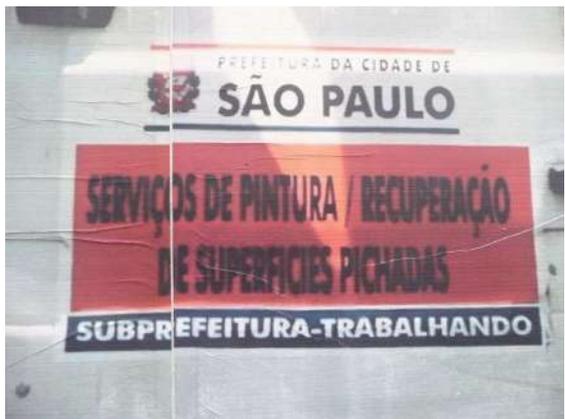


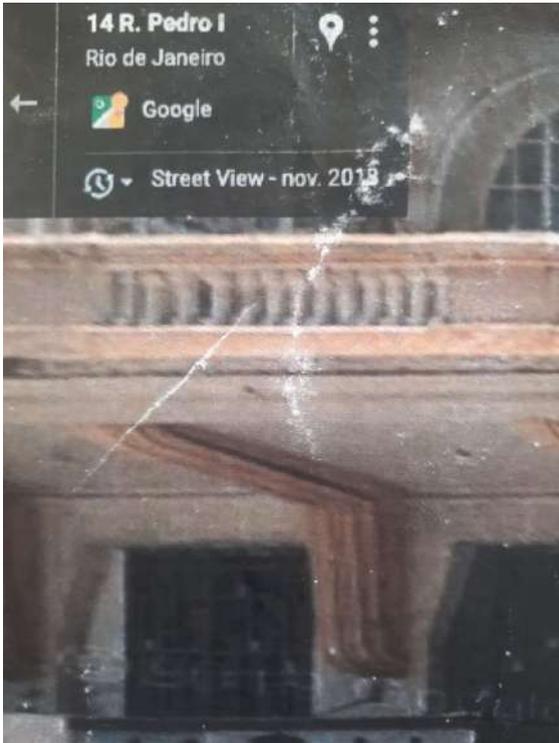


Ô neguim, eu nunca vi seu nome e
o seu. Seu nome eu nunca vi nem
nome eu não vi nem no palito de
chup chup, nunca r

È neguim, na onde é que hoje vamo arruma um dinheiro
zê? Não sei. Bicho tá pegando zê. Eu também a gente
tira que arruma uma nota. Ah, cé num tom nem um
passarinho pro... tá ligre neguim.

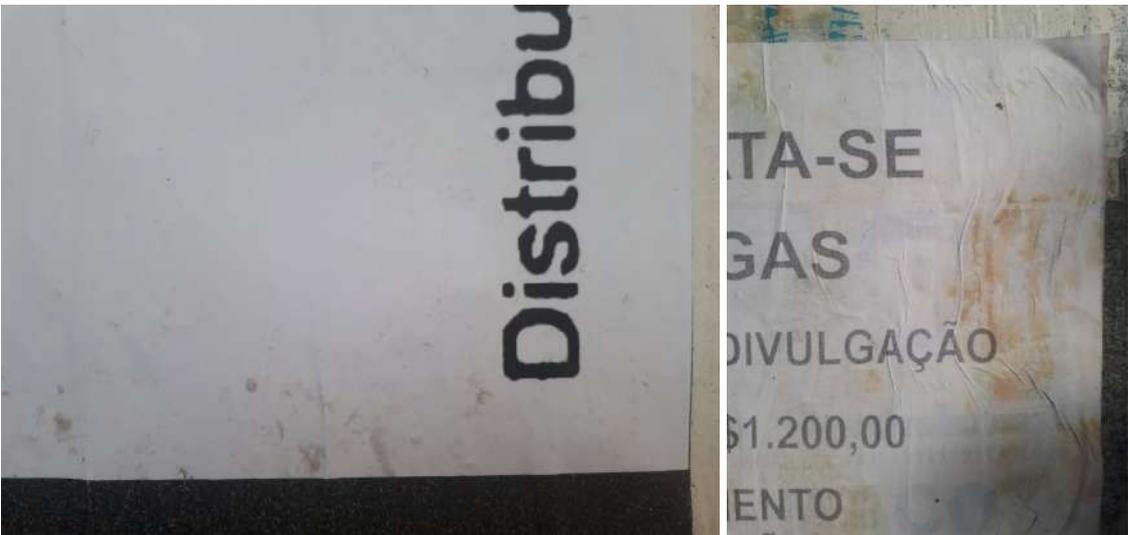
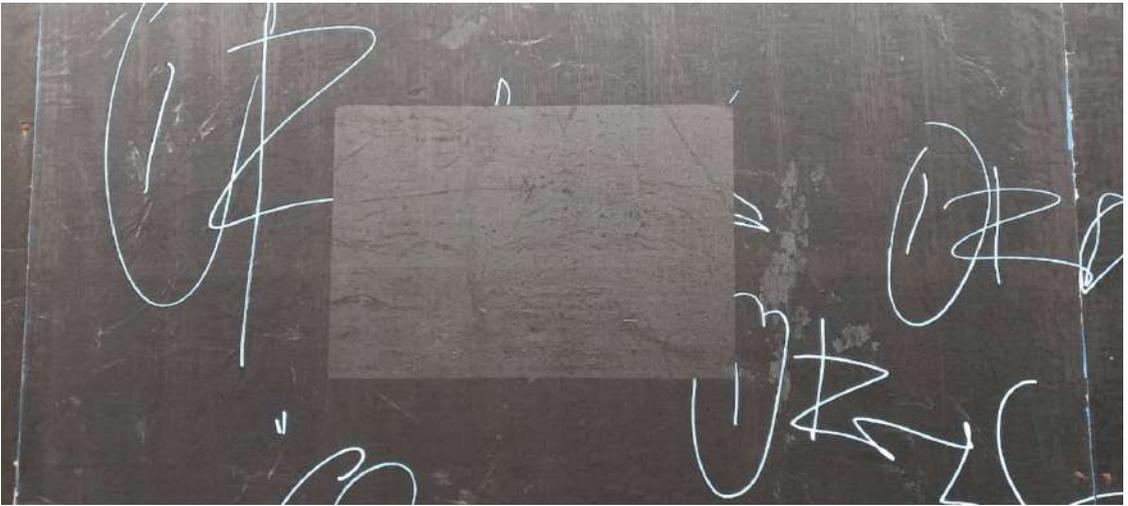


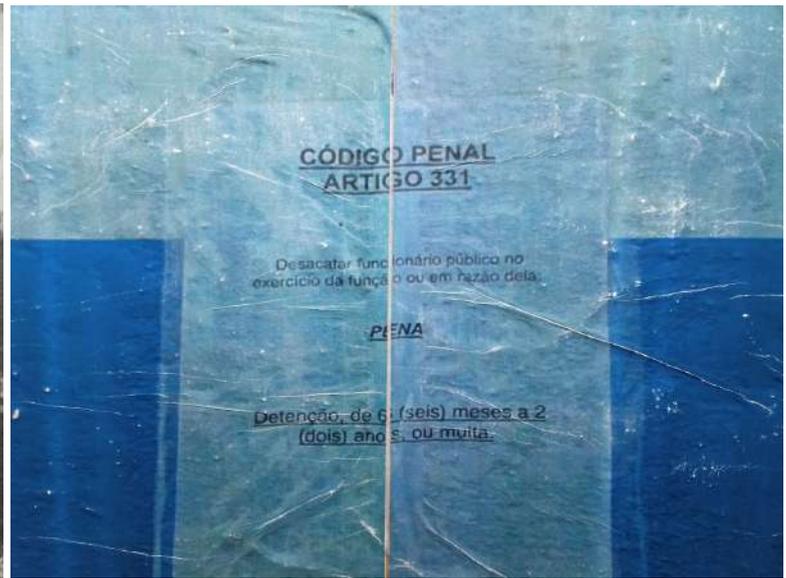












Interferências da cidade sobre intervenções que gravamos.

6.1.5. Peça Gráfica

Desde os primeiros momentos do projeto, sabíamos que, de alguma maneira, queríamos dar uma forma, uma materialidade à pesquisa. Queríamos desenvolver algum material através do qual pudéssemos mostrar e contar sobre tudo que vimos e percebemos durante esse diálogo com a cidade. Tínhamos também, a intenção de fazer algo que nos permitisse incorporar concretamente ao trabalho o tempo em que as intervenções ficaram na rua. Tentamos pensar em algum material que nos possibilitasse mostrar as diferentes formas assumidas pelas intervenções com o passar do tempo em decorrência das ações da cidade.

Passamos, então, a olhar para tudo que tínhamos feito e recolhido ao longo de todo o processo. Olhamos os *prints* do *Street View*, os *frames* dos filmes, as fotos da rua, os impressos que coletamos, as fotos das intervenções que fizemos e as fotos das ações da cidade sobre as inscrições. Achávamos que o próprio material poderia nos apontar um caminho. Pensávamos que a partir desse processo de observação das imagens conseguiríamos entender qual seria a melhor coisa a se fazer com esses materiais.

Pensamos, então, em desenvolver algum produto que funcionasse como uma espécie de “diário visual” dessa conversa que construímos com a rua. Um produto em que conseguíssemos mostrar os diferentes processos desse diálogo, e que nos permitisse contar sobre tudo que vimos, percebemos e entendemos a partir dessa relação que estabelecemos com a cidade. Ficamos na dúvida entre um material impresso ou um produto audiovisual.

Levantamos algumas possibilidades e tentamos pensar no que conversaria melhor com a natureza do projeto. Pensamos, então, que as coisas pelas quais nos propusemos a observar e pelas quais nos debruçamos ao longo de toda pesquisa tinham um caráter muito gráfico e material. Com isso, optamos por desenvolver uma peça gráfica, um material impresso. Mesmo que ainda não tivéssemos clareza a respeito do formato desse produto, sabíamos que queríamos desenvolver um material constituído apenas por imagens. Um material que nos permitisse reunir e criar relações entre todos os materiais e questões que surgiram ao longo das diferentes

etapas do projeto. Um produto que funcionasse quase como uma “simulação” de uma caminhada pela cidade olhando para os códigos gráficos gravados nas superfícies.

Sabendo que faríamos um material impresso mas ainda sem saber que formato esse material teria, começamos a criar sequências de imagens. Sequências constituídas por diferentes tipos de relações que fomos criando e percebendo entre todos os materiais. Não queríamos utilizar recursos textuais e nenhum outro tipo de recurso que não as próprias imagens que já tínhamos. Queríamos contar sobre tudo que estávamos interessados apenas através das relações que estávamos estabelecendo entre as imagens dentro das sequências. Queríamos relacionar as imagens de modo que evidenciassem tudo que queríamos mostrar.

Estabelecemos relações de naturezas muito distintas. Relações semânticas, de cor, linguagem, localização, entre outras. Através dessas relações buscamos evidenciar aspectos como: Como foi o processo de nossa pesquisa; Como as coisas que recolhemos e produzimos viraram intervenções gráficas urbanas; como a cidade agiu sobre essas inscrições; Como as diferentes perspectivas através das quais olhamos para a rua nos permitem enxergar a cidade de maneiras distintas; Como existe uma variedade enorme de linguagens gráficas gravadas nas ruas da cidade do Rio; Como as pessoas usam os espaços e superfícies da cidade a serviço de expressões de caráter muito distintos; Como as intervenções vão de um âmbito muito amplo e genérico a um âmbito muito pessoal e peculiar; Como as intervenções urbanas são, também, o registro de uma ação; Como os apagamentos também são intervenções; Como os acúmulos e sobreposições geram acasos de comunicação e acasos visuais; Como as superfícies da cidade funcionam como uma espécie de “fóssil” das inscrições que já ocuparam aquele espaço, como elas nos mostram os resquícios de intervenções que estiveram ali; Como é possível fazer uma leitura de um determinado local ou de uma determinada época ou acontecimento a partir das inscrições gravadas nas superfícies; Como as intervenções são forjadas pelos lugares; Como as diferentes intervenções formam uma espécie de mosaico de diferentes experiências de cidade; entre outros.

Depois de já termos feito algumas sequências, voltamos a tentar definir o formato dessa peça gráfica. Estabelecemos alguns pontos que considerávamos imprescindíveis para a escolha do formato: Em primeiro lugar achávamos necessário

desenvolvermos algum material cujo formato tivesse uma relação direta com esse universo que estávamos olhando e pesquisando. Um material que tivesse uma linguagem da rua, uma linguagem gráfica urbana. Queríamos, também, desenvolver um material constituído apenas por imagens sangrando. Não queríamos utilizar nenhum outro recurso gráfico que não as imagens que já havíamos produzido, sem editá-las de nenhuma maneira. Queríamos um material bem “cru”, onde as imagens e as relações entre elas fossem protagonistas. Outro ponto importante para a escolha do formato foi pensar em um material que nos permitisse encaixar os diferentes formatos e dimensões que tinham os nossos materiais.

Achávamos necessário, também, um produto que nos possibilitasse ter uma quantidade de imagens muito grande. Para conseguirmos transmitir essa imersão na rua, essa sensação de estar caminhando pela cidade, não poderíamos resumir o conjunto de imagens em apenas alguns exemplos. Queríamos, também, desenvolver um material que nos permitisse criar sequências de imagens com uma ordem definida, já que as relações que estávamos estabelecendo entre as imagens eram essenciais. Também achávamos crucial pensarmos em um produto que conseguíssemos desenvolver de maneira definitiva, que não precisássemos fazer apenas um protótipo ou uma reprodução em escala. Por fim, queríamos desenvolver um formato de impresso que pudesse voltar para a rua de alguma forma. Um produto que, além de peça gráfica, também pudesse virar uma intervenção urbana.

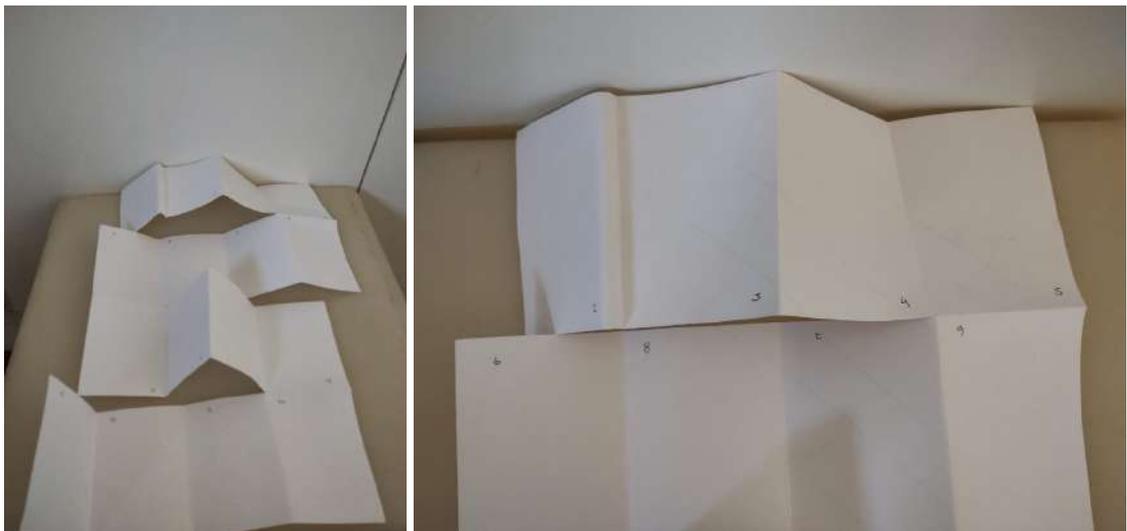
Depois de pensarmos em muitas possibilidades como algumas que já listamos anteriormente, chegamos em um formato que abrangia todos os pontos que considerávamos necessários. Como o valor para conseguirmos produzir um material com uma grande quantidade de páginas estava fora do nosso alcance, pensamos em produzir cadernos feitos a partir de uma única folha. Tivemos a ideia de desenvolver um produto de forma flexível, que poderia assumir dois formatos distintos, um com a folha aberta e outro já em formato de “livro”. Decidimos criar lambe-lambes que, apenas através de vincos, dobras e cortes, também virassem cadernos.

Produzimos 4 lambes de 3,50 x 1,50m e imprimimos duas unidades de cada um. Uma para colocarmos na rua e outra para transformarmos em caderno. Cada lambe era constituído por 9 retângulos no formato A1, sendo cada retângulo formado por uma sequência de 16 imagens. Depois das dobras, vincos e cortes, cada retângulo A1 virava um caderno A5 com 16 páginas, cada página com uma imagem sangrando.

Ao todo foram 4 lambes, 36 cadernos e 576 imagens. Em cada sequência, tentávamos, através das relações entre as imagens, enfatizar algum aspecto dentre os vários pontos que listamos acima.

Para nós, mais importante do que o acabamento ou do que as questões gráficas/editoriais, era fazermos um produto que tivesse essa linguagem gráfica da rua de maneira genuína. Buscamos, então, imprimir os materiais em um lugar que tivesse a ver com esse universo. Decidimos imprimir tudo em uma gráfica localizada em Irajá que trabalha com lambe-lambe. Fizemos tudo com os materiais que eles utilizam na produção dos lambes no dia a dia.

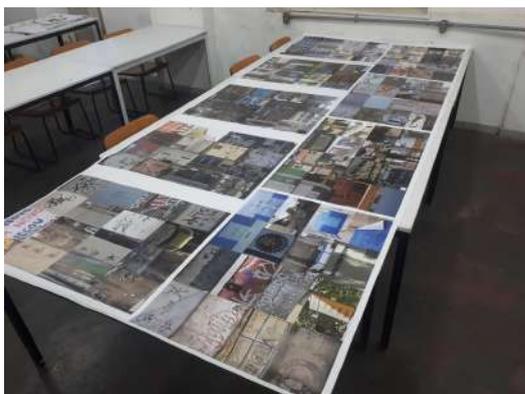
Portanto, através desse formato de impresso, conseguimos equacionar as questões práticas de produção como o custo e o tempo, com as questões que considerávamos imprescindíveis para conseguirmos desenvolver um produto que fosse capaz de mostrar tudo que fizemos e percebemos durante esse diálogo que estabelecemos com as ruas da cidade do Rio.



Teste para o formato e estrutura dos cadernos.



Protótipos dos cadernos.



Impressão definitiva de um dos lambes de 3,5m x 1,5m.



1. Processo de separação de cada folha A1 para produção dos cadernos.



1. 36 folhas A1 cortadas e refiladas.



2. Processo de vincagem.



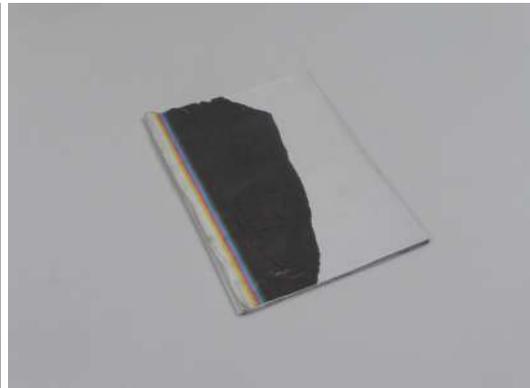
Processo de recortes.



Processo de dobra dos cadernos.



Cadernos finalizados. Capas feitas com lambe-lambes retirados da rua.





ALUGO APARTAMENTO
2 QUARTOS - FREQUENTE
RUA ANDRÉ CAVALANTI
DEPÓSITO DE 3 MESES
R\$1.299,00 + TAXAS
96474-1186

ALUGO APARTAMENTO
2 QUARTOS - FREQUENTE
RUA ANDRÉ CAVALANTI
DEPÓSITO DE 3 MESES
R\$1.299,00 + TAXAS
96474-1186

VENHA
APARTAMENTO

142
Jamil e

TEL 21 98498.017







Peça gráfica definitiva. 15 cadernos no formato A5. 576 imagens.

6.1.6. Relação com a rua, com o centro da cidade e com os códigos gráficos presentes no espaço urbano.

Ao longo das diferentes etapas dessa conversa que construímos com a cidade, estabelecemos uma relação muito íntima com a rua, com o centro da cidade e com os códigos gráficos presentes no espaço urbano. Essa relação é o que entendemos como o último e talvez mais importante resultado desse projeto. Um resultado que só percebemos existir depois de todas as etapas da pesquisa, que só conseguimos entender como um resultado quando voltamos a pensar sobre tudo que havíamos feito para podermos escrever o relatório. Um resultado imaterial e invisível, que talvez só nós dois tenhamos consciência. Apesar de entendermos como um produto direto de nossa pesquisa, esse não foi um resultado pensado e nem projetado. Em nenhum momento fizemos coisas para buscar alcançá-lo, ele surgiu do próprio trajeto, do próprio caminho que percorremos durante esse período.

Essa relação que fomos consolidando com a rua e, principalmente, com a região central, se deu a partir de muitos jeitos e caminhos diferentes: andamos pelas ruas; observamos e “ouvimos” a cidade a partir de diferentes perspectivas; coletamos materiais nos espaços públicos; registramos o espaço urbano; transformamos concretamente alguns espaços; deixamos a rua transformar nossas inscrições; conhecemos e conversamos com pessoas que estão inseridas de diferentes maneiras nesses espaços pelos quais passamos.

Cada uma dessas perspectivas nos permitia perceber diferentes aspectos e estabelecer diferentes tipos de relações com a cidade. Relações que passavam por planos muito distintos, que iam de um âmbito muito genérico a um âmbito muito íntimo e que, inclusive, extrapolavam os limites entre o projeto e a nossa vida na cidade. Da relação como transeunte através do *Google Street View* a relação como pedestre pelas ruas da cidade; Da relação com lugares que não conhecíamos a relação com lugares que frequentávamos quase diariamente; Da relação com lugares que conhecíamos apenas através de imagens do Google de 10 anos atrás a relação com esse mesmo lugar de maneira presencial; Da relação como observador/ouvinte das ruas a relação como interlocutor/interventor; Da relação de estar atento às transformações da cidade a relação de transformar concretamente seus espaços; Da relação com crianças que queriam entender o que estávamos fazendo a relação com policiais querendo impedir nossas inscrições; Da relação com a gráfica em que imprimíamos nossos materiais a relação com a barraquinha de suco de laranja que frequentávamos durante os nossos trajetos; Da relação com a população de rua que vivia nos locais que frequentamos a relação com pessoas inseridas nesse universo que estávamos pesquisando.



1. “Garoto observando a colagem de um lambe” 2. “Senhor ensinando métodos de colagem”



1. “Senhora que pediu para ser fotografada” 2. “Homem observando a colagem de um lambe”

Através desses caminhos conseguimos dialogar tanto com a cidade quanto com seus habitantes. Executar intervenções nas ruas e até mesmo registrar a cidade sempre nos proporcionava diferentes tipos de aproximações com pessoas que passavam pelas ruas. Estabelecemos muitas trocas e criamos vínculos com diferentes localidades e pessoas que fazem parte e constroem os espaços desta cidade. Através dessas trocas conseguimos perceber muitas coisas. Conseguimos aprender - e talvez ensinar - a partir de lugares, pessoas e situações que só tivemos contato por conta dessa relação que fomos estabelecendo com a cidade.

Agora, a maneira como andamos na rua e a maneira como percebemos os códigos gráficos e os demais fatores que determinam a vida e o funcionamento do espaço urbano, já é completamente diferente. Se fossemos começar esse mesmo projeto novamente, começaríamos através de uma nova perspectiva.

7. Considerações finais

Desde o começo pensávamos no TCC como uma rara oportunidade para que pudéssemos nos aproximar e nos dedicar a um assunto que nos interessava em nosso cotidiano.

Quando começamos a estudar na Lapa, passamos a andar com grande frequência pelas ruas do Centro e ficamos cada vez mais atraídos pelas diversas

manifestações que víamos gravadas nas mais diferentes superfícies da cidade. Nesse momento, apesar de termos uma relação genuína com esses mecanismos de comunicação tão recorrentes no Rio de Janeiro, não tínhamos uma relação tão próxima assim com esse universo. Encarávamos essa pesquisa como uma boa oportunidade para nos aproximarmos, através do campo do design e da faculdade, desse mundo das imagens, palavras e informações gravadas nas ruas da cidade.

Por conta da pandemia havíamos ficado muito tempo longe das ruas e, conseqüentemente, longe desses mecanismos de expressão pelos quais nos interessávamos. Nosso objetivo inicial com esse projeto era inventar maneiras para que pudéssemos observar a cidade e as diferentes inscrições gráficas gravadas no espaço urbano. Queríamos desenvolver uma pesquisa que nos possibilitasse transitar pela cidade e perceber as coisas que estão sendo “ditas” pelas ruas. Desejávamos desenvolver um projeto em que a cidade e a rua fossem protagonistas e tivessem um papel de autoria.

Com esse projeto queríamos fazer uma espécie de investigação desses mecanismos de comunicação que acreditamos ser tão importantes para a cidade. Ao longo desta investigação fomos percebendo as potencialidades e peculiaridades desses mecanismos, e, através dessas percepções e dessas relações que fomos estabelecendo com esse universo, os caminhos do projeto foram surgindo. Queríamos que as questões que fomos percebendo e levantando durante a pesquisa, servissem, também, como guias para o desenvolvimento do projeto. Acreditávamos que os processos e resultados iriam surgir do próprio trajeto que estávamos percorrendo durante a pesquisa.

Ao longo do projeto fomos percebendo como esses mecanismos de comunicação são tão determinantes para a vida das cidades e para o funcionamento dos espaços públicos. Começamos a tentar entender as diferentes maneiras com que a cidade e esses mecanismos se relacionam, como um influencia o outro e vice versa. Entendemos como é importante voltarmos o olhar para essas inscrições, como é possível “ouvir” a cidade e fazer uma leitura dos diferentes espaços a partir desses códigos gráficos. Entendemos como é importante nós, como alunos de design e moradores dessa cidade, aprendermos a ler e prestar atenção no que está sendo dito na rua, no que está sendo dito através de códigos gráficos para além dos códigos presentes em meios mais tradicionais, como jornais, livros e revistas.

Durante o projeto estabelecemos, através desses mecanismos de expressão, um diálogo concreto com a cidade. Essa conversa ocorreu em algumas etapas distintas: em um primeiro momento buscamos inventar maneiras de observar e ouvir a cidade. Passamos a observar e registrar as ruas e as inscrições gráficas nelas gravadas através de algumas perspectivas distintas que nos permitiam enxergar diferentes aspectos e estabelecer diferentes tipos de relações com a cidade.

A partir das imagens e materiais que produzimos e coletamos durante esse processo de “escuta”, desenvolvemos intervenções gráficas que funcionavam quase como respostas. Através dessas intervenções queríamos tornar essas correspondências com a rua cada vez mais concretas e, também, observar como essas inscrições iriam se relacionar com a cidade. Como a cidade iria agir sobre elas e como elas iriam interferir nos espaços e na relação das pessoas com cada local.

Para que conseguíssemos perceber essas relações que estávamos interessados, e para tornar a rua cada vez mais autora do projeto, decidimos deixar as intervenções na rua e passamos a registrá-las regularmente com o passar do tempo.

A partir desse “jogo de perguntas e respostas”, desse diálogo que estabelecemos com a cidade, produzimos uma peça gráfica que funciona mais ou menos como um diário visual dessa conversa. Um material impresso que funciona quase como uma simulação de uma caminhada pelas ruas observando as inscrições gravadas nas diferentes superfícies.

A partir dessa relação que construímos com a cidade aprendemos muitas coisas sobre esses mecanismos. Desde questões mais práticas, como por exemplo, quais as melhores maneiras de se tirar proveito das ferramentas e superfícies para realizar as gravações, até questões mais subjetivas, como a sensibilidade que adquirimos para aprender a ler as diferentes circunstâncias que nos deparamos ao andar pelas ruas, e perceber as tensões e os fatores que determinam o funcionamento e as relações nos diferentes espaços da cidade. Além disso, também aprendemos muito sobre o nosso campo de estudo. Percebemos como podemos estabelecer diversas aproximações entre o campo do design e o universo das intervenções urbanas, além de termos tido contato com novas possibilidades para se conduzir e desenvolver projetos de design.

Encaramos esse projeto com o primeiro passo de um diálogo que queremos que continue a acontecer. Como a construção de uma primeira relação com a rua e com a cidade que vai nos possibilitar continuar essa conversa a partir de novos caminhos.

Queremos continuar transitando pela cidade atentos ao que as ruas tem para nos contar.

8. Bibliografia e filmografia

A CIDADE é uma Só?. Direção de Adirley Queirós. Brasília: Vitrine Filmes, 2011 (73 min).

A PALAVRA que me Leva Além. Direção de Emílio Domingos, Bianca Brandão, Luisa Pitanga. Rio de Janeiro: NAI/DCS-UERJ, 2000 (30 min).

A VIZINHANÇA do Tigre. Direção de Affonso Uchoa. Minas Gerais: Distribuição própria, 2014 (95 min).

ALUGUEL: O Filme. Direção de Lincoln Péricles. São Paulo: Astúcia Filmes, 2015 (16 min).

CIDADE Gráfica. Exposição, 2014-2015. Disponível em:

CINDEBATE Direito à Cidade II, 2020. 1 vídeo (235 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2GFMk4eilGk>

COHAB. Direção de Lincoln Péricles. São Paulo: Astúcia Filmes, 2013 (9 min).

ENTREVISTA com as Coisas. Direção de Lincoln Péricles. São Paulo: Astúcia Filmes, 2015 (7 min).

FILME de Domingo. Direção de Lincoln Péricles. São Paulo: Astúcia Filmes, 2020 (28 min).

FLANANTES. Direção de Murilo Romão. São Paulo: Distribuição própria, 2016 (30 min).

FLANANTOPIAS. Direção de Murilo Romão. São Paulo: CemporcentoSKATE, 2018 (24 min).

FREESTYLE - 1999 *CÂMERA NA MÃO*, 1999. 1 vídeo (96 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LzxqJJX0-iA>

GRAFFITI nos Muros Recortados. Direção de Aloysio Raulino. São Paulo: Distribuição própria, 1994 (15 min).

GRAFITE RIO - MINIDOC. Direção de Emílio Domingos. Rio de Janeiro: Noisey, 2020 (4 min).

<http://www.thrasher magazine.com/>

<https://vista.art.br>

<https://www.freeskatemag.com/category/articles/>

<https://www.youtube.com/channel/UCu9FjQT1RhHMNMikL56HcdA>

<https://www.itaucultural.org.br/sites/cidadegrafica/a-exposicao.html>

L.A.P.A.. Direção de Emílio Domingos e Cavi Borges. Rio de Janeiro: Distribuição própria, 2008 (74 min).

MARQUES, Renata e CANÇADO, Wellington. Atlas Ambulante. Belo Horizonte: ICC, 2011

M.I.A. Disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UCu9FjQT1RhHMNMikL56HcdA>

MINHA Área. Direção de Emílio Domingos. Rio de Janeiro: Distribuição própria, 2006 (22 min).

PÉRICLES, Lincoln. Por um Cinema Pedreiro. Revista Zangaia, 27/08/2014. Disponível em: <https://zagaiaemrevista.com.br/article/por-um-cinema-pedreiro/>

PIXO. Direção de João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Distribuição própria, 2009 (61 min).

RUIM é ter que trabalhar. Direção de Lincoln Péricles. São Paulo: Astúcia Filmes, 2015 (9 min).

SÃO PAULO, Cinemacidade. Direção de Aloysio Raulino. São Paulo: Distribuição própria, 1994 (35 min).

TEMPORADA. Direção de André Novais. Minas Gerais: Vitrine Filmes, 2018 (112 min).

WILDSTYLE. Direção de Charlie Ahearn. EUA: Wild Style, 1982 (82 min).

± maismenos ±. Disponível em: maismenos.net